

ENIGMAS  
DE TODOS  
OS TEMPOS

# O LIVRO DO MISTÉRIO

JACQUES BERGIER  
GEORGES H. GALLET  
e a equipa do  
"Giornale dei Misteri"

Livraria Bertrand



O mundo é um poço de mistérios. Não só de factos que acontecem sem se poderem explicar, mas também de produtos que escapam a qualquer racionalidade.

Por isso, a ciência oficial começa agora a admitir a existência de civilizações esquecidas que hoje se consideram talvez mais «avançadas», pelo menos em certos domínios, do que a nossa. Lembremo-nos de Shambala, a civilização tibetana do povo de Tartessos, da embocadura do Guadalquivir, ou ainda dos Etruscos. Mas quais seriam, afinal, os conhecimentos superiores destas civilizações? Seriam técnicos, médicos, intelectuais, ocultos?

Por outro lado, é hoje voz corrente falar-se nos extraterrenos. Os testemunhos que os confirmam — e que aumentam diariamente — parecem atestar a sua presença entre nós.

Mas residirá neles a explicação de certas desaparições completamente inexplicáveis? Como é que, por exemplo, se explica que aviões, navios, exércitos ou até povos tenham desaparecido sem deixar qualquer traço? Porque é que alguns objectos parecem trazer consigo o azar e a infelicidade? E qual será a origem das «chuvas de sangue»? São estes estranhos acontecimentos, estes fenómenos incríveis, estas manifestações supranormais que Jacques Bergier — já nosso conhecido — e Georges Gallet tentam explicar neste *Livro do Mistério* e encontrar algumas leis, para nós inadmissíveis, do nosso universo, do nosso misterioso universo.

Jacques Bergier, Georges H. Gallet  
e a equipa de «Il Giornale dei Misteri»

# O LIVRO DO MISTÉRIO

*Tradução*  
*de*  
**BERTHA MENDES**



**LIVRARIA BERTRAND**  
APARTADO 37 — AMADORA

Título do original francês:

***LE LIVRE DU MISTÈRE***

Capa de José Cândido

© 1975, *Editions Albin Michel, Paris*

*Todos os direitos reservados para a publicação desta obra  
em língua portuguesa pela*

*Livraria Bertrand, S. A. R. L. — Lisboa*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da  
Livraria Bertrand (Imprensa Portugal-Brasil)  
Rua João de Deus • Venda Nova-Amadora

Acabou de imprimir-se em Março de 1977

## *Prefácio*

*O mundo está cheio de mistérios. Inacreditáveis. Inexplicáveis...*

*Depois do êxito do Livro do Inexplicável, eis muito naturalmente O Livro do Mistério. Existem diferenças entre os dois, provenientes, sobretudo, do facto de o essencial dos «mistérios» que encontraremos ser tirado da revista italiana Il Giornale dei Misteri.*

*Temos de concordar, sem a minima intenção de magoar os nossos amigos italianos, que a psicologia latina é diferente, ou até mesmo oposta, da psicologia anglo-saxónica. Enquanto os Americanos — e muito particularmente o grupo INFO ao qual devemos a maior parte da documentação utilizada em O Livro do Inexplicável — são, no conjunto, cépticos no seu pragmatismo, os Italianos — sem exceptuar, bem entendido, o grupo de Il Giornale dei Misteri — têm tendência, devido ao seu temperamento caloroso, para admitir excessos.*

*Quem tem razão?*

*É difícil afirmá-lo neste universo estranho e assombroso. Acabam de nos ser dados dois exemplos assentes no facto de não terem, para nós, qualquer obrigação de racionalidade nem sequer de verosimilhança.*

*O primeiro destes exemplos é-nos fornecido pelos satélites artificiais. Provavelmente por razões militares, estes*

estão especialmente bem equipados para detectar ondas de rádio. Já se sabia que Júpiter e Saturno emitiam certas ondas análogas às que utilizamos na rádio, mas com uma força muito maior e uma estranha modulação. Esta modulação atribuía-se à influência dos sistemas múltiplos de satélites que rodeiam os dois planetas gigantes.

Ora, acaba de ser comprovado que a Terra emite as mesmas radiações! No entanto, o nosso planeta só possui um único satélite, a Lua, e não doze, como Júpiter — sem falar na sua Grande Mancha Vermelha —, nem dez, mais um anel liso, como Saturno.

Então?

Então, ouve-se já dizer nos bastidores dos grandes congressos científicos que os senhores invisíveis da Terra, os que não conhecemos, estão em comunicação permanente com inteligências em Júpiter e Saturno...

O segundo exemplo é-nos trazido pelos trabalhos do professor John Taylor. Depois de, sucessivamente, ter ensinado Física em duas universidades americanas, lecciona actualmente Matemática no Imperial College de Londres. É um astrofísico dos mais eminentes, e eis que na sua obra mais recente, Os Buracos Negros, emite a fantástica hipótese de o nosso planeta ter sido visitado em épocas históricas por uma raça de tal modo avançada que sabia criar e utilizar o fenômeno dos buracos negros no céu. Sabe-se que este fenômeno se produz quando uma estrela se contrai de tal modo que atinge um ponto em que «cain» fora do espaço, tal como conhecemos.

Na opinião do professor Taylor, teria estalado um motim no seio desta expedição, acabando a minoria vencida por ser precipitada num desses «buracos negros» criados no espaço pela maioria vitoriosa. Os habitantes da Terra teriam seguido com estupefação estes acontecimentos, que não estavam à altura de compreender, e criaram um mito, o da queda dos anjos rebeldes, de Satanás precipitado no Inferno.

Se sábios famosos avançam ideias tão extraordinárias, os nossos amigos italianos de *Il Giornale dei Misteri* podem muito bem permitir-se ir um pouco mais longe nos seus «mistérios». No Mistério.

Na obra presente conservámos a divisão mais simplista mas cómoda, utilizada em *O Livro do Inexplicável*, de quatro grandes categorias:

## 1. AS CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS

A ciência oficial começa a admitir, mais do que acontecia há apenas alguns anos, a existência de civilizações perdidas, esquecidas, desaparecidas. Civilizações muito avançadas, talvez mesmo mais avançadas do que a nossa, no que diz respeito a certos domínios. Quanto mais não seja, entre outras, a dos Etruscos, de que aqui se revelam alguns mistérios.

## 2. OS EXTRATERRESTRES ENTRE NÓS

O editor americano Regnery, de Chicago, publicou *O Livro do Inexplicável* com um título significativo: Intervenções Extraterrestres, a Prova. Esta segunda parte do nosso trabalho poderia ter o mesmo título. Testemunhos de encontros com ocupantes de discos voadores não faltam. E que pensar dos estranhos sinais que teriam deixado um pouco por todo o mundo? E mesmo na Lua... porque muitos incidentes pouco conhecidos dos voos lunares dos astronautas americanos levantam mistérios inexplicados.

## 3. OS SERES ESTRANHOS

Apesar das aparências, subsistem muitas zonas de ignorância no nosso conhecimento da zoologia. Provaram-no

*Ivan T. Sanderson e Bernard Heuvelmans, e não são os únicos. Talvez mesmo que para além da simples zoologia haja uma presença, no nosso globo, de seres tão avançados como nós, e talvez mais? Em todo o caso, as descrições precisas e concordantes de homens que tem voado no céu, ou de répteis gigantes dos lagos ou dos mares, só aumentam o mistério e merecem que se lhes dé atenção. Que se reflicta!*

#### 4. FENÔMENOS DE FORT

*Em O Livro do Inexplicável dizíamos pouco mais ou menos o seguinte: Charles Fort morreu, mas o seu espírito continua. Não podemos dar melhor prova do que esta quarta parte da nossa obra. Desaparecimentos misteriosos, fenómenos inexplicados, factos estranhos, manifestações sobrenaturais... O mistério existe, em toda a parte, dum extremo ao outro do mundo.*

*É certo que a dúvida é perfeitamente legítima, mas acontece que se pode rejeitar pura e simplesmente tudo o que a ciência ortodoxa recusa. Demasiados mistérios continuam sem explicação lógica. E ainda há muito a dizer a este respeito. É apaixonante!*

*Que os nossos leitores não hesitem e, tranquilizando-os com a nossa descrição, agradecemos-lhe que nos comuniquem «mistérios» que conheçam. Inacreditáveis, inexplicáveis...*

JACQUES BERGIER  
GEORGES H. GALLET

**PRIMEIRA PARTE**

**AS CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS**

## AS CIVILIZAÇÕES PERDIDAS

por W. RAYMOND DRAKE

Raymond Drake é um escritor conhecido, residente em Inglaterra, autor de numerosos trabalhos sobre os contactos que teriam tido os povos da Antiguidade com os representantes de civilizações extraterrenas. Escreveu principalmente: *Gods or Spacemen?* (1964), *Spacemen in the Ancient East* (1968), *Spacemen in Greece and Rome*, *Gods and Spacemen in the Ancient West*, *Spacemen in Ancient Israel*. Escreveu numerosos artigos para as revistas *Clypeus* e *Flying Saucer*, e o boletim americano do Air Force Office of Scientific Research, Office of Aerospace Research (USAF) cita-o longamente na sua bibliografia.

«Sinto-me na obrigação de esclarecer os que rejeitam a minha teoria sobre "os astronautas na Antiguidade" — com o pretexto de que se trata de propaganda capitalista destinada a atacar a ideologia marxista — que este ponto de vista é defendido pelos escritores soviéticos do outro lado da Cortina de Ferro.»

O professor Virgjinsky, na revista *Znanie-Sila*, afirma que os antigos Citas, que habitavam as margens do mar Negro, acreditavam que os deuses, do alto do céu, haviam atirado ao primeiro homem habitante da Terra um con-

junto de objectos de primeira necessidade — a charrua, o machado, a taça, e diversos utensílios — para lhe permitir que progredisse na via da civilização.

Vladimir V. Rubstov em *Na Sushe i na More* (*Sobre a Terra e sobre o Mar*) fala-nos da maravilhosa civilização de Shamballah e dos Imortais, que voavam no espaço a bordo dos *vimanas*. Na mesma revista, Vyacheslav Zaitzev revelou ao mundo ocidental a descoberta feita pelos arqueólogos chineses de curiosos discos de pedra nas montanhas de Bayan-Karam-Ula que relatam a queda na Terra, há doze mil anos, de uma astronave cuja equipagem, constituída por pequenos homens amarelos, se reproduziu e estava na origem da tribo dos Dropas. O mesmo autor pensa também que os minaretes e as cúpulas das mesquitas representam a «casa dos deuses», quer dizer, das naves espaciais.

Aleksandr Kazantsev, sábio soviético muito conhecido, defende a teoria de que os primitivos habitantes de Marte visitaram muitas vezes a Terra até à época actual. O professor Agrest, na *Literaturnaya Gazeta*, afirma que Sodoma e Gomorra foram destruídas por uma explosão nuclear e que o ciclópico terraço de Baalbek, no Líbano, era uma pista de aterragem. Avançou também a teoria segundo a qual as tectites descobertas no deserto líbio seriam devidas à fusão de certas rochas aquando do voo de uma nave espacial.

Josef Chklovski, membro do Instituto Astronómico Sternberg, de Moscovo, muito conhecido pelas suas teorias sobre os Extraterrestres, pensa, tal como Carl Sagan, de Harvard, que os Sumérios deviam a sua civilização a Oannes e a outros Acpalus, «semidemónios» vindos do espaço.

Os Romanos também se interessam pela arqueologia espacial. A revista *Drum-nou (Vida Nova)* de 29 de Julho de 1969 publicou um interessante artigo sobre as provas da existência de astronautas na Pré-História (*Astronauti Ai Unor Civilizati Disparute*). Aí se encontram extractos do livro *Zagadki Drevnishi Istorii*, onde Aleksandr Gorborovsky revela que certos objectos descobertos no túmulo do general

chinês Tsao Chi (século III da nossa era) continham oitenta e cinco por cento de alumínio, metal obtido por electrólise, isto é, por um processo considerado desconhecido naquela época. O mesmo autor sublinha a contradição observada entre os Maias, que utilizavam veículos sem rodas, muito embora tivessem sido encontrados brinquedos que delas estavam munidos.

A revista *Drum-Nou* evoca também os conhecimentos astronómicos dos antigos Egípcios, o «carro voador» do herói indu Rama, cuja propulsão era assegurada por um «fogo especial» conseguido pela desintegração do mercúrio; um reactor nuclear também se encontra descrito no *Samaranga Sutra*.

Os russos Kazantsev e C. V. Schatski descobriram em Ferghana, no Turquestão russo, desenhos rupestres que representam astronautas semelhantes a desenhos análogos encontrados na Austrália, no Sara e no Japão. A NASA teria mesmo reconhecido que existe uma estranha semelhança entre as curiosas estatuetas japonesas Jomon Dogu e o uniforme espacial dos astronautas americanos. As teorias dos Romenos e dos Russos sobre a presumida vinda de cosmonautas na Pré-História encontram, aliás, eco favorável nos países ocidentais.

O escritor italiano Renato Vesco avançou a teoria controversa segundo a qual os astronautas originários dum planeta prestes a morrer, com atmosfera rareficada, teriam uma pele azulada devido à falta de oxigénio no sangue. Ora, as tradições populares associam o sangue azul à realeza e à nobreza, querendo dizer com isso que os primeiros reis dos povos da Terra tinham realmente sangue azul, visto virem de outro planeta.

Conhecimentos fragmentados originários de antigas civilizações desaparecidas foram conservados pelos iniciados. A astrologia, sob as formas degradadas de que se revestiu, poderia muito bem ser um vestígio de qualquer ciência universal que medisse a radiação estelar e a sua influência

sobre o espírito humano, influência hoje admitida até pelos psiquiatras. A cabala, os escritos herméticos, os livros de magia e de alquimia ligavam a metalurgia à teosofia. Por meio de destilações e cocções repetidas, os alquimistas conseguiam transformações de matéria análogas às nossas transmutações nucleares. Há milhares de anos, os Chineses isolavam as hormonas, e as curas conseguidas pela acupunctura confundem ainda a medicina ocidental, da mesma forma que os estranhos poderes dos feiticeiros-curandeiros. Uma farmacopeia várias vezes milenária codificou o uso das plantas medicinais e de diversas drogas.

O facto de a Grande Pirâmide se encontrar situada exactamente no centro das terras emersas do globo implica um conhecimento da repartição dos continentes que só pode ter sido conseguido com auxílio aéreo. Analogias curiosas entre o Antigo e o Novo Mundo atestam a existência duma origem cultural comum. Os Incas e os Egípcios eram teocraticamente governados por um rei-padre, utilizavam as mesmas técnicas metalúrgicas e agrícolas e mumificavam os seus mortos.

A ciência dos astrónomos maias não cede em nada à dos magos da Caldeia: a precisão das suas observações é impressionante, pelas noções científicas que implica. Stonehenge é, entre outras coisas, um observatório de uma extraordinária complexidade para estudo dos eclipses da Lua e do Sol. A erecção dos trílitos põe problemas ainda não resolvidos. Os Gauleses, os Etruscos e muitos outros povos por toda a Terra perscrutaram ansiosamente o céu, durante séculos, com uma vigilância comparável à dos nossos modernos radiotelescópios. Talvez receassem alguma nova invasão vinda do espaço ou esperassem o retorno dos deuses celestes.

Não temos testemunhos directos destes tempos recuados; os documentos foram destruídos pelo tempo, os cataclismos, as guerras e pela dispersão das grandes bibliotecas de Alexandria, de Pérgamo, de Tenochtitlão e quantas mais! Há quem pense que informações sobre estas civilizações desa-

parecidas foram transcritas em fita magnética, ou em circuitos impressos, metidas em «cápsulas temporais» análogas à que foi enterrada com grande pompa em Nova Iorque, quando da Exposição Internacional, em 1939. Os ocultistas falam de «memórias acácicas», espécies de arquivos situados numa quinta dimensão, onde está registado todo o passado da Terra. Avançou-se também a teoria de um «espírito universal», onde videntes e sensitivos — como o extraordinário Edgar Cayce — buscariam informações e imagens.

Há no mundo inteiro lendas que falam de deuses vindos do céu: Rama sobrevoava a Índia num sumptuoso carro voador; Padma Sambhava percorria o Tibete num cavalo alado; os deuses da China cavalgavam dragões de fogo e os do Japão navegavam numa barca aérea à qual se compararam as «rodas oculadas» e os «carros de fogo» da Bíblia; Orus voava no céu do Egito numa barca solar; Shamesh aterrava perto de Babilónia a bordo dum disco alado; Odin, que reinava na Escandinávia, montava num carro aéreo; Cuchulain aparecia aos Celtas num carro encantado; Quetzalcoatl vogava sobre uma jangada formada por serpentes; os Esquimós pretendem que os seus antepassados foram transportados em grandes «pássaros de ferro»; os Índios da América falam no Grande Espírito voando em «pássaros-trovão»; os Havaianos recordam-se dos anjos voadores; certas tribos africanas prestam homenagem aos senhores brancos que vieram em grandes pássaros, muitos deles com intenções de paz, outros que parece terem feito uso de armas semelhantes à bomba atómica.

Maharshi Bhaduraja, de Mysore, traduziu do sânscrito um espantoso texto com o título de «Aeronautas, Um Manuscrito da Pré-História». Aí se encontram descritos os *vimanas* voando entre planetas, uma técnica análoga ao radar, a fotografia aérea e até pormenores sobre o trajo dos pilotos. Na antiga língua *nahuatl*, falada no México, a palavra *teotihuacan* parece que significa «o lugar onde os homens voavam como Deus».

As máquinas voadoras desapareceram há muitos séculos, mas existem provas evidentes e desconcertantes da sua presença. Certos frescos do Mosteiro de Visoki Dekani, na Jugoslávia, representam engenhos voadores semelhantes a foguetões. Um vaso de barro de São Salvador tem uns motivos decorativos onde figuram palmeiras sobrevoadas por homens dentro de máquinas estranhas que emitem chamas. No banco estadual de Bogotá encontra-se um *pendentif* de ouro medindo simplesmente trinta e oito milímetros que, pensava-se outrora, representava um curioso pássaro ou um peixe. Peritos que o examinaram de novo viram nele uma máquina voadora com cabina de pilotagem; as asas triangulares e a cauda fazem lembrar o *Concorde*.

Os satélites *Explorer* descobriram em volta da cintura magnética, chamada de Van Allen, interrompida nos pólos, um «corredor» neutro que parece imitar os OVNIS. Assim se explicam as frequentes visitas dos deuses mencionadas pelos Peles-Vermelhas, os Astecas e os Quechuas e os numerosos aparições de discos assinalados nos nossos dias. Muitos videntes confirmam as profecias de Nostradamus, segundo as quais guerras e cataclismos devastariam o nosso planeta antes do fim deste século: a América deve desaparecer em grande parte sob as águas e a Atlântida ressurgirá. Tremores de terra causaram grandes devastações na Califórnia e no Peru. Na Sexta-Feira Santa de 1966, quando um sismo destruiu Anchorage, no Alasca, toda a Terra ressoou como um sino e a maior parte das costas orientais da América subiu cinco centímetros, voltando depois ao seu nível habitual. Os sismólogos receiam que tremores de terra ao longo da falha de Saint-Andrea provoquem o desabar do continente, sorte que outrora tiveram a Lemúria e a Atlântida. Antes da destruição final, os deuses brancos de Montezuma aterrariam ainda!

O destino da América dependerá talvez dos mesmos astronautas que visitaram a Terra na Antiguidade.

## O MISTERIOSO POVO DE TARTESSOS

por PAOLO PICCARDI

A desaparecida cidade de Tartessos, na embaçadura do Guadalquivir, constitui um enigma para historiadores e arqueólogos, pois a sua existência é atestada com numerosos documentos, mas não se possui qualquer vestígio, nem qualquer relação escrita da sua história.

Na Península Ibérica, esse extremo avançado da Europa, abundam os vestígios de antigas civilizações das quais nada ou quase nada sabemos: locais pré-históricos, utensílios, expressões artísticas admiráveis, como as célebres pinturas das grutas de Altamira, inscrições rupestres, constando de sinais gráficos indecifráveis, diversas construções megalíticas, dólmens, menires, grutas artificiais, etc.

O estudo destes monumentos não permitiu até ao presente formular uma hipótese de valor sobre a civilização dos seus autores, a sua origem, o significado dos sinais e símbolos rupestres, e os conhecimentos técnicos dos construtores, capazes de transportar e trabalhar gigantescos blocos de pedra, como o da Cueva de Menga, cujo peso está avaliado em cento e setenta toneladas!

### TARTESSOS

A par com estas populações, cuja existência é atestada pelos vestígios descobertos, viveu o misterioso povo de Tartessos, que numerosos textos da Antiguidade citam, evo-

cando a sua localização, o seu alto nível de civilização e as suas riquezas, mas de que não nos chegou qualquer teste-munho material.

Um sábio português, o professor Adriano Vasco Rodrigues, da Universidade do Porto, vai ao ponto de identificar o território de Tartessos — e Társis, a capital — com a Atlântida, hipótese que, aliás, não deixa de ter fundamento se se considerar o que sabemos deste continente fabuloso e os escritos dos Antigos sobre Társis.

Rufus Festus Avienus, poeta latino do século IV que também foi pró-cônsul em África, compôs o poema *Ora Marítima*, no qual descreve as costas do Mediterrâneo, do mar Negro e do Cáspio, não a partir das suas próprias observações, mas utilizando um antigo «péríplo» composto mais de mil anos antes e chegado até ele depois de ter sido aproveitado por vários autores. Situa Társis numa ilha apertada por dois braços do Bétis (o actual Guadalquivir), perto da foz, não longe da actual cidade de Sevilha, e descreve-a cortada por numerosos canais artificiais.

Muitas expedições arqueológicas têm tentado, até hoje sem êxito, reencontrar os restos de Társis, tanto mais que o traçado da costa se modificou com o decorrer dos séculos. Talvez tenha conhecido a sorte da cidade de Ys e durma sob as águas atlânticas.

O descoberta mais espantosa foi a de um anel de ouro, com uma inscrição em caracteres desconhecidos, encontrado, em 1923, próximo da foz do Guadalquivir pelo professor Adolf Schulten.

Se a localização geográfica constitui um problema intrigante, a própria história de Tartessos apresenta muitas obscuridades.

A primeira menção da existência de Társis encontra-se na Bíblia, onde são evocadas as riquezas do rei Salomão: «E de três em três anos chegavam navios de Társis trazendo ouro e prata, marfim, macacos e pavões» (*I, Reis, X, 22*). Estes produtos vinham do afastado país ibérico, a actual

Andaluzia, que era uma região fértil e próspera, ou doutros mercados, de África ou das Canárias, por exemplo?

O profeta Ezequiel, nas suas imprecações contra a cidade fenícia de Tir, fala no comércio entre as duas cidades: «Os de Társis abasteciam todos os mercados de prata, ferro, estanho e chumbo.» (*Ezequiel, XXVII, 12*). O baixo-relevo de um sarcófago fenício conservado no Museu de Beirute testemunha estas relações comerciais.

### TARSIS, A MISTERIOSA

Estrabão, o geógrafo grego, nos seus *Comentários Históricos* e na sua *Geografia* declara que a cidade fora fundada há mais de seis mil anos antes da sua própria época, portanto há oito mil anos. Teria sido o segundo rei de Tartessos, Gargoris, também chamado Melícola, que ensinara os homens a colher mel. Se assim é, este rei teria vivido numa época anterior à neolítica, visto que nesta época já se sabia colher mel, tal como o prova uma pintura de vermelhão descoberta na gruta de Aranha, na província de Valência.

Estrabão informa-nos também sobre o grau de civilização e sobre a organização social dos misteriosos habitantes de Tartessos. Diz-nos, por exemplo, que a população estava dividida em sete classes, consoante a sua riqueza; os nobres formavam uma classe à parte, isenta de qualquer trabalho manual e encarregada da organização e da defesa da cidade.

Os Tartessianos dispunham de leis escritas, que eram até redigidas em verso! Um deles proibia que um jovem depusesse no tribunal contra um velho.

Talvez seja este pormenor que nos permite compreender melhor a elevação moral deste povo, pois traduz um respeito pelas pessoas de idade desconhecido entre as populações nómadas do período neolítico. Além do mais, estas disposições jurídicas são produto duma sociedade organizada, não se compreendendo que não tenha conhecido desenvolvi-

mento análogo em matéria de arte, de arquitectura e de tecnologia, que são a expressão lógica do nível cultural atingido. Ora, como se pode admitir que não tenha chegado até nós qualquer testemunho material, a não ser que se admita a hipótese de um cataclismo ter apagado do mapa Társis e os seus tesouros?

Todos os testemunhos da Antiguidade falam nas fabulosas riquezas da lendária cidade e na opulência do país.

### *OS HERDEIROS DA ATLÂNTIDA?*

Já vimos que a Bíblia faz referência ao ouro e aos metais preciosos provenientes de Társis. Anacreonte, para dar uma ideia da riqueza da cidade, declara que é melhor ser rei de Társis do que possuir a famosa cornucópia da abundância da cabra Amalteia.

Heródoto (*Histórias*, I, 163) cita um rei de Tartessos cujo nome Argantonios deriva do céltico e significa «homem de prata» e que enviou aos Focenses dinheiro suficiente para poderem fortificar a sua cidade, a fim de resistirem aos assaltos de Ciro.

Se considerarmos o grau de civilização e as riquezas, temos a imagem de um povo que devia ter deixado a sua marca na bacia mediterrânea e legado provas tangíveis da sua existência.

Como assim não acontece, devemos tentar encontrar uma solução lógica para o problema, e as numerosas analogias entre Társis e a Atlântida vêm alimentar uma hipótese digna de ser tomada em consideração: Társis poderia ter sido uma colónia ocidental da Atlântida, onde se estabeleceram alguns sobreviventes do grande cataclismo, os quais teriam sobrevivido até à época histórica.

Graças às riquezas da Atlântida, que haviam levado com eles, estes refugiados teriam conseguido fazer deste mercado do litoral atlântico da Ibéria uma cidade próspera, cuja

organização social era idêntica à da pátria desaparecida. Não dispondo de uma frota mercante, são os «povos do mar», ribeirinhos do Mediterrâneo, que passaram a assegurar um activo intercâmbio comercial. A comunidade tartessiana teria vivido assim até ao esgotamento dos produtos raros e preciosos salvos do cataclismo. Seguidamente, as dificuldades de fornecimento e a ausência de aparelho militar acabaram por enfraquecer o poderio da cidade mercantil, que facilmente sucumbiu à cobiça e aos ataques das populações ibéricas, vindas do norte para as zonas meridionais.

Esta hipótese explicaria, além do mais, o não ter havido expansão dos Tartessianos nas costas mediterrânicas e a ausência de qualquer vestígio material, não sendo a sua civilização o resultado duma longa evolução *in situ*, mas sim um «produto» directamente importado, portanto sem bases profundas.

Além disso, uma comunidade de fugitivos devia ter como preocupação constante o problema da sobrevivência, baseada numa prudente gestão das reservas de metais preciosos.

Esta forma de economia não podia permitir uma política expansionista e as dificuldades de adaptação a um novo meio ambiente, unidas às privações materiais e às frustrações morais devidas ao desaparecimento da mãe-pátria levaram a uma degradação progressiva do nível cultural e tecnológico. Pode portanto considerar-se que a aparente prosperidade de Társis assentava na «mobilidade da areia» e que, pouco a pouco, desapareceu o que restava duma civilização fabulosa.

Esta hipótese parece-nos dever ser considerada até que a descoberta fortuita de vestígios arquitecturais ou de inscrições venha trazer elementos para uma solução mais concreta. Contudo, apesar das numerosas buscas efectuadas em toda a região andaluza, até ao presente nada permitiu resolver este fascinante enigma, e a história de Tartessos continua a ser uma página branca no grande livro das civilizações desaparecidas.

BIBLIOGRAFIA

- D. Duvillé, *L'Aethiopia orientale ou Atlantide*, Malfère, 1936.  
Harbert Wendt, *A la découverte des peuples de la Terre*. Arthaud, 1962.
- Attilio Gaudio, *Les empires de la mer*, Julliard, 1962.
- Paul Hermann, *L'homme à la découverte du monde*, Plon, 1954.
- Willy Ley e Sprague de Camp, *De l'Atlantide à l'Eldorado*, Plon. 1957.
- E. M. Wishaw, *Atlantis in Andalucia*, 1925.
- J. Imbelloni e A. Vivante, *Le livre des Atlantides*, Payot, 1942.
- Adolf Schulten, *Tartessos*, Madrid, 1945.

## TOSCÂNIA, BERÇO DA HUMANIDADE

por SILVANO CECCARELLI

Uma antiga civilização, mais evoluída que a nossa, originária do centro da Península Itálica e que brilhou no mundo inteiro existiu realmente?

É o que parece ressaltar das pacientes investigações feitas por um especialista de gravuras rupestres, o coronel Constantino Cattoi.

Há mais de quarenta anos que se consagra a trabalhos arqueológicos na Itália, com auxílio de sua mulher, Maria Mataloni, que tem dons de radioestesista, e fez importantes descobertas.

Em 1929, encontrou a cidade soterrada de Capena, próximo de Roma, descoberta que seguidamente foi confirmada pelas buscas. Em 1931, identificou a cidade submersa de Lilybée, próximo de Marsala, e em 1934 localizou junto da ilha de Linosa, no estreito de Sicilia, uma outra cidade afundada, mais tarde filmada pelo conhecido mergulhador Buche.

Com as indicações que forneceu em 1954 (Congresso de Arqueologia de Orbetello, a 2 de Novembro) encontrou-se, entre o monte Argentario e a ilha de Giannutri, ao largo de Civita Vecchia, a nove metros de profundidade, a cidade de Cosa (não confundir com Cosa, próximo de Ansedonia, na Lucânia, que é à superfície, e onde actualmente estão

a ser realizadas buscas). Segundo Cattoi, será anterior aos Etruscos e dataria da antiga Tirénida, considerada como uma das extensões orientais da Atlântida.

Contudo, as mais importantes buscas de Cattoi referem-se às esculturas rupestres da Itália (localizadas sobretudo na Toscana e em Argentario) e à sua semelhança com esculturas análogas descobertas, algumas sob sua indicação, um pouco por toda a parte.

Trata-se de massas rochosas representando cabeças de homens e de animais e que parecem ser obra de uma raça de gigantes que, a acreditar em antigas tradições e especialmente na Bíblia, teria vivido na Terra numa época recuada. Pensem os versos de Hugo:

*Quando os gigantes ainda estavam misturados com os homens  
Nos tempos em que ninguém nunca falou...*

Algumas destas rochas esculpidas estão desgastadas por acção dos agentes atmosféricos ao ponto de ser quase impossível distinguir-lhes as formas; mas outras são dum realismo fantástico, no qual só se pode reconhecer a mão do homem. A título de exemplo, citemos a «Virgem das Rochas», que se encontra próximo do santuário da Senhora das Graças de Allumiere (Civita Vecchia) e que foi descoberta por Cattoi, a 30 de Julho de 1961 (*foto 1*). Pode-se juntá-la ao célebre conjunto descoberto em 1952 pelo arqueólogo peruano Daniel Ruzo no planalto de Marcahuasi, nos Andes, a três mil e setecentos metros de altitude, quando andava em busca dumha civilização desaparecida antes da chegada dos Incas. Deve notar-se que certas cabeças humanas de Marcahuasi se assemelham às estátuas da ilha de Páscoa, e algumas cabeças de animais são idênticas às identificadas por Cattoi na Itália (*foto 2*).

Todavia, Cattoi sublinha o facto de as esculturas rupestres italianas estarem mais corroídas do que as que se encontram no resto do mundo. Também, tendo mesmo em conta a

acção destruidora dos agentes atmosféricos, pode concluir-se pela sua remota antiguidade.

Deste modo, Cattoi foi levado a supor que a civilização que deixou estes gigantescos monólitos irradiou da bacia tirrena para o mundo inteiro. E mais ainda, segundo ele, esta civilização seria superior à nossa devido aos seus conhecimentos científicos: teria o domínio do espaço e estaria em contacto com civilizações extraterrenas.

## UMA NECRÓPOLE ETRUSCA EM CASTEL D'ASSO

por DINO ORLANDI

A alguns quilómetros de Viterbo, na parede rochosa de um corredor natural, os túmulos rupestres de Castel d'Asso constituem um dos numerosos mistérios da civilização etrusca (*foto 3*).

Em pleno campo romano abre-se, por entre o mato e um afloramento de rochas, um corredor natural de doze metros de profundidade. É o único exemplo de esculturas rupestres parietais feitas pelos Etruscos.

### UM ENIGMA

A necrópole estende-se sobre duas paredes de rocha vulcânica que ladeiam a via de acesso, a qual se alarga depois dum lado e doutro em direcção ao norte do desfiladeiro. A sul, meio oculto por uma vegetação espessa, ergue-se o maciço do Castel d'Asso, encimado por uma torre medieval, queimada pelo sol do Lácio.

Aqui, tal como noutros lados, os Etruscos não falaram. Desde há vinte séculos, a sua escrita indecifrável guarda ciosamente o segredo da sua civilização. E, no entanto, ainda era utilizada e compreendida na Roma dos Césares, antes de cair num enigmático esquecimento, sobre o qual se tem

inutilmente debruçado a curiosidade apaixonada de várias gerações de arqueólogos.

Este silêncio, sem dúvida voluntário, em que se encerrou uma civilização prestes a morrer, é ainda mais perceptível em Castel d'Asso do que noutro lado qualquer. As câmaras funerárias de diversas dimensões, correspondendo à escala social do defunto, estão dispostas em vários andares e abrem-se no flanco da rocha. Todas elas têm, gravado sobre a entrada, o misterioso sinal do *Tau* (*foto 4*) e todas foram pilhadas no decorrer dos séculos. Os pastores devem tê-las utilizado para abrigar os rebanhos, gravaram cruzes grosseiras nas paredes de rocha mole e escureceram as abóbadas com o fumo das suas fogueiras.

### O SÍMBOLO DO TAU

Está presente um pouco por toda a parte, gravado na rocha, ao passo que nunca se encontrou em qualquer outra necrópole etrusca. Lembra, aliás, a existência de uma confraria da alta Idade Média, os Cavaleiros de Tau, que estavam instalados em Altopascio, não longe de Florença, e sobre os quais existem muitos documentos.

Sob cornijas esculpidas, estreitas galerias dão acesso a uma ou mais câmaras sepulcrais, onde, ao longo das paredes e na base destas, se alinharam os nichos mortuários. A câmara mais vasta tem cerca de quinze metros de comprido por cinco de largo e a altura média é de cerca de dois metros.

Os frescos, tão frequentes nos hipogeus que caracterizam a maioria dos locais arqueológicos da região, brilham, aqui, pela ausência.

### O REINO DA MORTE

Encontramo-nos na presença de um culto dos mortos diferente das outras formas tradicionais do povo etrusco.

A alternância de túmulos simples e múltiplos certamente que corresponde, entre este povo aristocrático, a uma diferença de classe social. A presença do símbolo puramente geométrico do Tau e a ausência de formas figurativas (peixes, pássaros, cruzes polares, espadas), tão comuns noutros centros da mesma cultura, parece ligar-se a um período mais arcaico, tal como a uma concepção esotérica diferente do fenómeno da morte. Além disso, o isolamento da necrópole, afastada dos centros habitacionais, significava que os Etruscos pretendiam separar nitidamente os dois domínios, impedir qualquer interferência com a vida quotidiana.

Seja de que maneira for, a grandiosa necrópole de Castel d'Asso não desvendou o segredo das suas origens.

\*

*Mas eis que um elemento novo e particularmente original permitiu que ultimamente se abrisse o processo.*

## DESVENDADO, ENFIM, O MISTÉRIO DOS ETRUSCOS?

Mario Signorelli, habitante de Viterbo, é uma figura curiosa e duma perfeita probidade, mesmo se as suas teorias não forem aceites. Violinista profissional, apaixonou-se pela etruscologia e escreveu várias obras acerca do mistério dos Lucumões, ao mesmo tempo padres e guerreiros, e sobre as cidades sagradas da confederação etrusca. Antes disto, redigira vários livros: *Resumo da História de Viterbo, Santa Rosa, O Palácio dos Papas* e um guia da cidade. Mas, desde 1964, envida todos os esforços no sentido de fazer um pouco de luz sobre a vida espiritual e material dos Etruscos.

### UM APELO DO ALÉM

Na origem de tudo isto, há um facto que sai da ordem normal das coisas. Para melhor compreender o clima em que Signorelli começou as suas investigações, é necessário remontarmos a um determinado Frei Giovanni Annio (1432-1502), de Viterbo, segundo o qual o próprio coração da civilização etrusca devia procurar-se no santuário subterrâneo de Rielle (hoje Riello) no exterior da muralha medieval da cidade.

Signorelli estudou cuidadosamente os papéis do dominicano, e foi sob as suas indicações que empreendeu pes-

quisas nos subterrâneos meio desmoronados e inundados de Riello, onde, a 14 de Novembro de 1964, na companhia do seu colaborador Remo Castellani, entrou pela primeira vez em contacto com entidades desencarnadas que deviam, depois, guiá-lo nas suas investigações.

Castellani evoca o caso nos seguintes termos: «Estávamo-nos nas grutas de Riello, o professor Signorelli, eu e uma terceira pessoa. É um local muito perigoso, invadido pelas águas... Agarrávamos o professor pelo braço e, visto as dificuldades aumentarem, tornámos a acompanhá-lo ao exterior e dissemos-lhe que nos esperasse enquanto tomávamos as medidas necessárias para fazer um levantamento do local. Voltámos só ao interior e começámos a trabalhar. Vimos então chegar o professor, que se deslocava nas galerias e nas grutas sem qualquer dificuldade, como se voasse. Deu-nos todas as indicações necessárias para as nossas pesquisas, como se já há muito conhecesse o local.»

Por sua vez, o professor Signorelli afirmou: «Foi nesse dia, quando esperava pelos meus companheiros, que tive o meu primeiro contacto com os grandes padres etruscos. Desde então, guiaram-me na descoberta de Fanum Voltumna, o centro político e cultural da antiga Etrúria... De facto, já antes tivera dois outros contactos; um aqui, em Macchia Grande, quando passeava na minha propriedade, o outro num túmulo etrusco perto daqui. Mas não consegui as indicações precisas que depois tive.»

Que encontrou Mario Signorelli? A importância da sua descoberta não reside nos monumentais vestígios subterrâneos duma cidade santa, que se estende por trinta mil hectares, se bem que isso seja o que mais impressiona o espírito do homem moderno. A nossa civilização é feita de coisas materiais e talvez seja por isso que redundou num revés. Signorelli encontrou qualquer coisa menos tangível, mais subtil, mas que se situa num plano mais elevado que o nosso progresso tecnológico. A cidade subterrânea não é uma cidade morta. Aproximando-se do hipogeu, declarou-

·nos: «Há aqui mais de três mil presenças com as quais estive em contacto... Conhecem tudo o que hoje conhecemos, e mesmo mais: a unidade da matéria e do espírito, as interdependências que existem entre os dois e a supremacia do espírito, com auxílio do qual dominavam a matéria. Aqui encontraram urânio, descobriram nele propriedades radioactivas, que utilizaram com fins benéficos... Tinham uma só divindade, sob um duplo aspecto, uma deidade, cujo símbolo se encontra em todos os muros da cidade sagrada, bem como no exterior. O local onde estamos não era só o coração da confederação etrusca, o local de reunião e de oração dos Doze Lucumões, onde estava guardado o tesouro da confederação, mas o centro da metalurgia sagrada, cujas operações de carácter alquímico corriam a par das obras do espírito. Aqui, os Etruscos estabeleceram-se no local duma civilização muito antiga... Não me disseram o que haviam herdado dos seus predecessores, mas o certo é que, quando da sua chegada, oito ou nove mil anos antes de Cristo, a cidade e os seus segredos já existiam. Remontam talvez a mais de trinta mil anos.»

Teria também obtido «revelações» acerca do continente que se estendia no Pacífico e a que chamavam Teitia (a lendária Lemúria). Após o seu desaparecimento sob as águas, seria a vez da Atlântida. Visitado pelos «Espíritos-Guias», Signorelli soube que era a reencarnação dum grande padre ou *larthè*, chamado Metul, que viveu em 1225 a. C. As informações pormenorizadas recolhidas no decorrer das «suas visões do passado» deram-lhe assunto para dois livros, que publicou.

Sem estar na disposição de se deixar sugestionar, é incontestável que nestes locais reina uma atmosfera de feitiçaria de certo modo «espiritual», que se lança num plano universal, cósmico. Apercebemo-nos dumha presença subtil na penumbra das criptas cavadas na rocha segundo uma técnica perfeita. Talvez seja isso que mantém afastado do hipogeu todas as formas de vida animal. Apesar das vastas

aberturas que dão para o corredor rochoso que limita este sector de Fanum Voltumna, nenhum pássaro fez ninho nas anfractuosidades dos subterrâneos. Também não há insectos. Quando Signorelli libertou, com muita dificuldade, estas cavidades da terra e das pedras acumuladas pelos últimos etruscos, depois de ter deslocado ou partido as enormes lajes de pedra com fecho misteriosamente soldado às paredes da galeria, as grandes salas, que chegavam a ter cinco metros de altura, apareceram intactas como se houvessem sido cavadas recentemente. Há uma sequência de galerias e salas, por vezes separadas por estreitos corredores ou comunicando directamente entre si. À medida que se avança, o signo da deidade — composto por dois buracos da largura de uma mão, cavados na rocha e ligados entre si — torna-se cada vez mais frequente, como se quisesse acentuar o sagrado do local.

Já neste primeiro conjunto subterrâneo explorado nos encontrávamos a uma profundidade de quinze metros em relação ao cume rochoso que se sobrepõe (cerca de sessenta metros) ao desfiladeiro. As câmaras mais exteriores abrem-se sobre o vale, a uma altura vertiginosa. Na última parte explorada, encontram-se inúmeros nichos laterais cavados na rocha e destinados a receber objectos sagrados que tenham pertencido aos defuntos lucumões. Não se trata de túmulos, pois os Lucumões e os grandes padres eram incinerados e as suas cinzas espalhadas ao vento. A cerimónia fúnebre realizava-se ao romper do dia, no cimo da falésia, no terraço natural onde, todas as manhãs, as sacerdotisas virgens se reuniam para saudar o romper do dia.

A leste da falésia, sobre um outro conjunto de criptas, foi construído, em 1554, um mosteiro fortificado para servir de refúgio nesses tempos conturbados. O acaso quis que os monges construtores descobrissem uma das vias de acesso aos hipogeus e as explorassem em parte. Segundo Signorelli, isto não agradou às Entidades guardiãs, e no sétimo ano, quando o edifício ainda não estava acabado, uma violenta

tempestade deixou-o em ruínas, que ainda hoje se podem ver, e matou todos os monges que o ocupavam. Uma das provas de que a destruição ocorreu antes de o edifício estar pronto é-nos dada pela grande chaminé que devia corresponder à sala principal e que se vê nunca ter servido.

### *OS SINAIS DO PODER*

Uma das mais singulares descobertas feitas por Signorelli no decorrer das pesquisas consta de cinco pedras de cor, de natureza e dimensão diferentes. De forma pouco mais ou menos esférica ou oval, o tamanho varia entre o de um ovo de galinha e o de um ovo de perua. Estão cuidadosamente polidas. Uma delas tem o signo da deidade, de dimensão muito reduzida e repetido inúmeras vezes por toda a superfície.

Voltáramos à pequena casa de campo que Signorelli possui nas proximidades. Não tem electricidade e o local é alumiado por velas. Foi então que se produziu o fenómeno mais estranho de todo o dia. Estávamos a examinar as pedras e eu pus uma, a mais pequena, branca e polida, no côncavo da palma da minha mão esquerda. Ao contacto da pedra com a pele tive uma sensação de frio muito mais forte do que a dada normalmente por uma pedra, e depois uma sensação de calor, parecendo-me que ela vibrava. Espantado, tornei a fazer a experiência com outra pedra, desta vez castanha e coberta por finas inscrições. Tive a mesma sensação de frio, seguida de vibrações de registo diferente, mas sempre superior aquilo que normalmente se devia esperar.

Enquanto eu procedia a estas experiências, o professor Signorelli observava-me em silêncio. Depois de ter reposto as pedras, a impressão de frio e a sua marca na palma da mão mantiveram-se durante muito tempo, associadas a uma vaga dor interna, localizada no metatarso, que durou até voltar para Florença.

«São as pedras do poder», disse-me Signorelli. «Vi uma, esta pequena e branca, que foi a primeira a ter na palma da mão, na mão de Kanu, chefe supremo dos *larthè*, falecido em 250 a. C. Estava sentado no trono de pedra que viu no terraço, no alto da falésia. Revelou-me que com essa pedra, juntamente com poderes que detinha, comandava as forças cósmicas do universo e dominava a matéria à sua vontade.»

Podemos recusar-nos a acreditar no que este homem extraordinário conta, mas a verdade é que eu tive sensações fora do habitual ao contacto com as pedras, antes de ele me ter dito fosse o que fosse a seu respeito.

«Vou contar-lhe um facto curioso», continuou Signorelli, «que aconteceu há algum tempo a vários cineastas que fizeram um documentário sobre a cidade sagrada, o qual devia ser projectado pouco depois.

Um dia, o realizador decidiu fazer uma cena comigo vestido de grande padre e sentado no trono de Kanu. Inconscientemente, a fim de reproduzir fielmente a cena como o próprio Kanu, que eu vira aquando dos meus contactos com as Entidades da cidade, levei na mão esta pedra branca. A cena foi filmada assim.

A tarde, os negativos partiram para Roma e foram revelados durante a noite. De manhã o realizador controlou o filme, mas na sequência do trono de Kanu não havia nada nos sete fotogramas, a não ser num único, que reproduzia unicamente a pedra branca e em grande plano. A cena teve de ser filmada de novo.»

A tranquila certeza, a incontestável boa fé e a modéstia deste homem obrigam a ter-lhe respeito. Deve pensar-se realmente que ele tem o privilégio único de ter estabelecido contacto directo, para além de milénios, com aquilo a que somos na realidade obrigados a chamar o elemento «espiritual», ou «psíquico», da prodigiosa e misteriosa civilização etrusca? Esta, onde a magia e os probelmas do Além tinham lugar tão proeminente, teria também desenvolvido fabulo-

sos poderes que sobreviveram — como e porquê? — à noite do esquecimento...

Resta desejar que as buscas neste extraordinário local arqueológico tragam novos elementos de resposta, principalmente no que diz respeito aos conhecimentos científicos dos Etruscos.

## A CIÊNCIA ETRUSCA

por LUCIANO GIANFRANCESCHI

Este povo, que demonstrou um interesse apaixonado pelos problemas da morte e da sobrevivência — a ponto de as suas habitações serem de madeira, pois a vida não passa de uma aventura passageira, e as necrópoles serem edificadas nas rochas —, levou muito longe o estudo da telepatia, das ciências ocultas e da magia em geral.

Além disso, possuíam conhecimentos técnicos espantosos. De onde lhes adviriam?

Assim, eles utilizavam com êxito a radomancia para a detecção dos minerais. Uma vez descoberta, à superfície, a presença de um jazigo, cavavam galerias de mina até quatrocentos metros de profundidade. Procediam por «trincheiras» sucessivas, tendo cada uma cerca de catorze metros de comprimento e dispostas na seguinte ordem: vertical, oblíqua, horizontal, vertical, oblíqua e orientada no sentido oposto, horizontal e de novo vertical.

Eram grandes apreciadores de música e associavam-na às cerimónias, aos folguedos, aos festins e até à... arte dental! Esta aplicação inesperada, que consideramos como uma conquista da odontologia e da anestesia modernas (a técnica só foi apurada depois da guerra), era então coisa corrente. Além disso, desde o século VII antes da nossa era, os Etruscos, que foram os melhores dentistas da Antiguidade,

colocavam pontes e próteses de ouro e faziam dentes artificiais de osso ou de marfim. Utilizavam também dentes humanos, que tiravam aos pobres, a quem os «compravam»!

E que dizer do famoso símbolo da cruz suástica que se encontra gravada no frontão de certos túmulos da notável necrópole de Sovana, perto de Grosseto, onde se situam alguns dos monumentos funerários mais interessantes descobertos na Toscânia? Por exemplo, o Túmulo de Ildebrando, assim chamado em honra do Papa Gregório VII (cerca de 1013-1085), de seu verdadeiro nome Ildebrando, nascido em Sovana. Este local arqueológico, hoje abandonado, está coberto de vegetação. Já se não conseguem encontrar os túmulos citados pelos arqueólogos do século passado, e outros foram pilhados e destruídos, e só alguns pesquisadores particulares se interessam. Se as autoridades não intervierem imediatamente, este conjunto, dum valor incalculável pela sua arquitectura, as suas esculturas e as suas inscrições, está condenado a desaparecer. E, no entanto, uma grande parte continua ainda inexplorada.

Basta dizer que a etruscologia reserva ainda muitas surpresas.

**SEGUNDA PARTE**

**OS EXTRATERRESTRES ENTRE NÓS**

## OS MISTÉRIOS DO ESPAÇO

Os primeiros homens do espaço não foram nem os Russos nem os Americanos. A pólvora, que os Chineses haviam descoberto muito antes do monge alemão Berthold Schwartz, dera-lhes a ideia de alegrar as suas festas com auxílio de foguetões multicolores. Uma crónica antiga diz-nos que um mandarim projectara voar até à Lua com auxílio dum foguetão. Assim, mandou construir um de grandes proporções e ordenou que o atassem fortemente ao engenho com o auxílio de cordas. Este deve ter funcionado perfeitamente, porque se elevou nos ares com um grande ronco e dentro em pouco deixou de ser visto. A crónica não esclarece se ele chegou à Lua...

A 21 de Julho de 1969, enquanto o mundo inteiro assistia em directo a esta proeza, graças à televisão, o homem pôs, pela primeira vez, os pés sobre o solo lunar. As palavras de Armstrong atravessaram o éter e foram traduzidas em todas as línguas: «Um pequeno passo para o homem, mas um grande salto para a humanidade.»

Num futuro próximo, o homem atingirá Marte e os outros planetas do sistema solar. O primeiro voo humano para o planeta vermelho está previsto pela NASA para 12 de Novembro de 1981.

A viagem de ida e volta levará ao todo quase dois anos, pelo menos no estado actual das técnicas de propulsão, mas os especialistas reservam-nos surpresas que, daqui até lá,

podem muito bem revolucionar os problemas da navegação espacial.

À margem das peripécias espectaculares do voo da *Apollo XI*, convém, no entanto, chamar a atenção para certos pontos que não foram tornados públicos no entusiasmo do momento, mas que, presentemente, merecem ser sublinhados.

### *CASOS ESTRANHOS DOS VOOS LUNARES*

O programa previa que os astronautas Armstrong e Aldrin, após a alunagem, ficassem dez horas, pelo menos, no módulo lunar fechado e, bem entendido, pronto para a partida, sem sequer abrirem a porta. Porquê?

A NASA declarou a este propósito que a medida era necessária «a fim de os dois astronautas estarem em condições antes das fadigas da saída lunar».

Segundo um boletim transmitido pelo tenente-general Samuel C. Philipps, director do Programa Apollo, a saída lunar devia durar duas a três horas no máximo. Era então verdadeiramente necessário que os astronautas descansassem dez?

No mesmo boletim, publicado em Maio de 1969 pela revista *Reader's Digest*, diz-se que o astronauta, assim que deixasse o módulo lunar, devia «sem se afastar, encher o seu recipiente com amostras de rocha e de poeira, que tinham de ser recolhidas rapidamente, a fim de que — em caso de volta forçada e precipitada — possa trazer para a Terra mais alguma coisa além de fotografias».

A NASA, regra geral tão pródiga em informações, nunca explicou porque haviam encarado a possibilidade de um «regresso forçado e precipitado» e também não explicou porque Armstrong e Aldrin conseguiram subitamente, ao contrário do programa estabelecido, autorização de abandonar o *LEM* cinco horas antes do previsto, o que provocou não

só um aumento de fadiga devido à saída lunar, mas também uma confusão notável nos programas de rádio e TV do mundo inteiro.

Antes de nos ocuparmos de outras coisas estranhas deste primeiro voo lunar, vamos reler certas passagens do diálogo que se estabeleceu entre Houston e os dois astronautas imediatamente a seguir à alunagem, tal como foi publicado nos jornais de 21 de Julho de 1969.

— Aqui, Mar da Tranquilidade — diz Armstrong —, *Aquila* encontra-se no Mar da Tranquilidade. (*Aquila* é o nome do módulo lunar ou *LEM*.)

— Houston para o Mar da Tranquilidade — respondem da Terra. — Segundo os nossos aparelhos de controle, os instrumentos de bordo funcionam perfeitamente.

— Os nossos igualmente — responde Armstrong.

A poeira lunar erguida quando da última fase da alunagem deposita-se lentamente e a visibilidade aumenta. Entretanto, Aldrin toma a palavra:

— Ainda não temos coordenadas exactas do ponto onde nos encontramos, mas estamos a tentar calculá-las. Daqui a pouco damo-las.

— Não percam tempo com isso — diz Houston. — Nós próprios encontraremos as coordenadas.

A visibilidade torna-se mais nítida. O diálogo torna-se particularmente interessante. Armstrong descreve o que vê:

— A toda a volta há uma quantidade de pequenas crateras. — Interrompe-se de súbito como se sofresse uma emoção violenta. Qualquer coisa atraíra a sua atenção. Instintivamente baixou a voz e continuou: — Medem de seis a quinze metros e... — Hesitante, mas com voz clara, continuou: — E... a cerca de meia milha há rastos que parecem ter sido deixados pelas *lagartas de um carro de assalto!*

Depois Armstrong continua:

— Devo dizer que a força da gravidade da Lua é facilmente suportável. Temos a impressão de andar de avião.

Atentemos um pouco nestes *rastos* que se assemelham aos deixados pelas «lagartas de um carro de assalto».

Armstrong é um observador muito experimentado para que incorresse num erro de apreciação, e é evidente que os astronautas tinham instruções muito precisas sobre o que deviam dizer. É certo que ele podia servir-se do comprimento de onda secreta, a que nem a imprensa nem o público estavam ligados, e que depois foi largamente utilizado — o que foi explicado pela NASA como «interrupções na transmissão». Isto, no entanto, teria levado a uma perda de tempo e acabaria também por alertar os que estavam à escuta.

A seguir, falou Aldrin. Nas suas descrições, é ainda mais prudente que Armstrong, mas as suas palavras não são por isso menos sibilinas:

— Há pouca «cor» — diz para Houston —, mas alguns blocos de pedra poderão talvez tê-la (!). Veremos.

Em Houston, as palavras de Aldrin são interpretadas correctamente. Segue-se uma cadeia de graças. Armstrong fala de novo e diz:

— Tende pronta a base espacial próxima!

A base espacial é a cápsula onde se encontra então Collins e na qual se fará a viagem de retorno à Terra. Porque é que Armstrong insiste para que esteja próxima?

Os dois astronautas tinham, sem dúvida, ordem para partir imediatamente caso aquilo a que Aldrin chamara «cor» se tornasse evidente. Não só os astronautas, mas também Houston atribuíam certamente muito mais importância do que aquela que queriam admitir aos vestígios deixados por um carro de lagartas.

Depois de cinco horas de espera febril, que não foram consagradas ao repouso, todo o receio relativo à aparição possível de uma «cor» pareceu afastada. Os astronautas decidiram-se também a iniciar a saída lunar mais cedo que o previsto e Houston deu-lhes luz verde.

Mas não é tudo. Sabe-se que os astronautas tinham levado

com eles uma placa comemorativa, de metal inalterável, na qual estavam gravados os dois hemisférios e as seguintes palavras:

*Aqui, homens do planeta Terra puseram pela primeira vez o pé na Lua.*

*Julho de 1969.*

*Viemos com intenções de paz e em nome de toda a humanidade.*

A placa tem o nome dos três astronautas, Armstrong, Collins e Aldrin, e o do presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon (*foto 5*).

É um hábito geralmente seguido preparar para certas ocasiões placas comemorativas, e é evidente que se tratava de uma circunstância deveras excepcional. No entanto, há mais.

#### ***APOLLO XI — UMA CAPSULA: A «PEDRA DE ROSETA»***

É menos conhecido, no entanto, o facto de que a equipagem da *Apollo XI* depositou, também, na Lua uma verdadeira «Pedra de Roseta».

Consta de uma cápsula minúscula tendo pouco mais ou menos a forma e o tamanho dum cronómetro. Feita de silicone puro a 99, 999 por cento, é capaz de resistir às diferenças de temperatura que se registam na Lua. A ideia de deixar esta cápsula não estava prevista de início, e a NASA encorreu-a no último momento à Sprague Electric Company. Introduziu-se no interior um rolo de folha de alumínio prateado, no qual foram inscritos, com auxílio dum processo electrónico:

— As mensagens de setenta e quatro chefes de Estado em setenta e quatro línguas diferentes;

— Um extracto da legislação dos EU relativo à navegação aérea e espacial, assinado em 1958 pelo presidente Eisenhower;

— Uma lista de todos os oficiais da NASA e uma outra com o nome dos senadores e dos membros do Parlamento americano;

— Extractos dos discursos dos presidentes Kennedy, Johnson e Nixon.

A 15 de Julho de 1969 a Sprague Eletric Company enviou à imprensa uma reprodução da «Pedra de Roseta». A NASA censurou-a severamente por esta iniciativa e, depois, a ordem de silêncio foi escrupulosamente respeitada.

Estamos no direito de perguntar *para quem* foi preparada esta «Pedra de Roseta», e com que finalidade. Não se trata, com certeza, de uma outra placa comemorativa e também se não pode razavelmente pensar que a tenham depositado com o único fim de lembrar aos futuros astronautas o primeiro voo lunar, pois é bem improvável que se encontre esta pequena cápsula na poeira do solo lunar.

A que astronautas é então dirigida? Talvez àqueles cujos rastros tinham atraído a atenção de Armstrong...

## APOLLO XII — «OBJECTOS MISTERIOSOS»

Os factos citados a propósito da *Apollo XI* não são únicos e todas as outras missões *Apollo* tiveram os seus aspectos estranhos e misteriosos.

A propósito da *Apollo XII*, os jornais do mundo inteiro falaram durante vários dias de pormenores sensacionais, pois durante todo o tempo que durou o voo para a Lua a nave espacial foi seguida por um OVNI.

Certos jornais falaram num «corpo luminoso» e os comentários do comandante C. Conrad Jr., que foram publicados, são perfeitamente claros.

«Reina a bordo um certo nervosismo», escreveram os jornais. «Os três astronautas começam a falar de "inimigos do espaço" e de "objectos misteriosos".»

Mais tarde foram publicadas algumas fotografias. Entretanto a NASA esforçou-se por encontrar explicações naturais para estes fenómenos, mas acabou por observar um silêncio completo sobre todo o assunto.

### *APOLLO XIII*

Após o dramático voo da *Apollo XIII*, que teve o mundo em sobressalto durante cinco dias, a NASA suspendeu todos os outros voos *Apollo*, muito embora as datas e os pontos de alunagem já houvessem sido fixados há muito e os foguetões, que tinham custado milhões de dólares, já estivessem prontos em Cabo Kennedy.

### *APOLLO XIV — UMA BÍBLIA...*

No decorrer de discussões dramáticas num escalão elevado, assentou-se na decisão de suspender a série de voos *Apollo* e foi resolvido efectuar ainda um máximo de quatro voos à Lua.

Todos estavam de acordo que se fizesse qualquer coisa a fim de conciliar «o favor dos deuses». Por isso, a equipagem da *Apollo XIV* levou uma Bíblia. Não se trata, no entanto, dum exemplar vulgar como existem milhões, mas de uma Bíblia em inglês e microfilmada, com um extracto da *Génese* em dezasseis línguas diferentes! O microfilme foi introduzido numa pequena cápsula e solememente colocado na Lua por Mitchell. A quem era destinada esta Bíblia? É ainda um dos numerosos mistérios dos voos *Apollo*.

## APOLLO XV — UMA ESTATUETA

O gesto dos astronautas Scott, Irwin e Worden parece particularmente misterioso. Mais uma vez ainda, qualquer coisa foi «depositada» na Lua. Desta vez, trata-se duma estatueta representando um astronauta estilizado, em homenagem aos astronautas caídos até essa data em nome da conquista do espaço. (*Domenica del Corriere* de 25 de Abril de 1972).

Ao lado da estatueta, de cerca de nove centímetros de tamanho e criada pelo artista flamengo Paul van Hoeydonck, Scott depôs uma placa com moldura negra onde estavam inscritos o nome dos catorze astronautas mortos: além dos americanos Grissom, White e Jaffey, podem ler-se os nomes dos russos Gagarine, Komarov, Dobrowski, Volkov e Passajew.

A princípio, o caso foi rodeado de um muro de silêncio, mas depois, quando qualquer coisa acabou por transpirar, a NASA pretendeu que se tratava duma iniciativa de David Scott, da qual não teria sido informada, pelo que censurou este. Mas quando, pouco tempo depois, o citado artista flamengo pôs à venda, na altura duma exposição em Nova Iorque, pela bonita soma de setecentos e cinquenta dólares cada, cinquenta cópias das estatueta, protestou vigorosamente. No jornal *Washington Star* pode ler-se que, nos termos dum acordo feito entre a NASA e Hoeydonck, a operação «estatueta lunar» não devia ser explorada para fins comerciais. A NASA não deixou de confirmar, se bem que indirectamente, que esteve sempre ao corrente dos acontecimentos. No entanto, se o facto de depor esta estatueta tinha por finalidade «tornar os deuses mais propícios» (!), comprehende-se perfeitamente que a NASA tenha declarado oficialmente não ter nada a ver com esta marca de superstição. Quando se pensa em todos os factos misteriosos que rodearam as missões *Apollo*, não nos admiramos de nada.

## APOLLO XVI — O MÓDULO LUNAR ORION GIRA EM VOLTA DA LUA

Nem sequer nos espantamos com o que se passa no decorrer do voo da *Apollo XVI*. Punhamos de parte inúmeros pequenos factos que levaram a imprensa a falar em avarias e recordemos só uma coisa. Quando deixou a Lua para alcançar a cápsula espacial, o capitão John Young — ao abandonar o módulo lunar *Orion* — devia ter manobrado uma alavanca a fim de que o módulo se precipitasse sobre a Lua, e se despedaçasse. Simplesmente, Young «esqueceu-se» de fazer o gesto necessário: assim, o módulo *Orion* continuou a girar em volta da Lua, a uma altitude de cerca de cem quilómetros. Parece inacreditável que um astronauta se esquecesse de efectuar manobra tão importante, que, no treino, devia ter repetido muitas vezes.

Assim chegamos à altura de perguntar quem podia ter interesse em não destruir *Orion* e para quem devia ser conservado.

Desta vez foi ainda a NASA que ficou calada.

Seja de que maneira for, não podemos deixar de ficar impressionados ao ver o muito elevado número de astronautas que se retiraram do activo depois do seu voo à Lua: Shepard, Borman, Lowel, Young, Worden, Aldrin, Mitchell, Irwin e ainda outros.

## APOLLO XVII — UMA MENSAGEM DE PAZ

Os astronautas da *Apollo XVII* limitaram-se escrupulosamente ao ritual cósmico. Com efeito, Cernam e Smith esperaram quatro horas antes de descer do módulo lunar *Challenger* e efectuar a saída. Naturalmente, mais um objecto foi, desta vez, «depositado» na Lua. Tratava-se de uma placa comemorativa com as seguintes palavras: «Que o espírito da

paz, em nome de quem vimos, possa irradiar sobre a humanidade inteira.» Seguiam-se as assinaturas dos três astronautas e a do presidente Nixon, que, no entanto, no momento em que a placa foi colocada, «irradiava» bombas sobre o Vietname.

Desta vez, porém, a NASA não deixou subsistir qualquer dúvida sobre os destinatários do objecto. A voz de Cernam ressoou alta e clara no microfone: «Se esta placa for encontrada por outros, que eles saibam com que espírito viemos. Aqui, o homem pôs fim à sua primeira exploração da Lua, em Dezembro de 1972.»

\*

Talvez que a resposta a tudo isto possa ser dada por tudo quanto os astronautas viram.

### *OBJECTOS MISTERIOSOS NA LUA*

Foram avançadas as explicações mais extraordinárias a propósito dos factos misteriosos e inexplicáveis acontecidos no decorrer dos diferentes voos espaciais *Gemini* e *Apollo*. Estes factos, nunca confirmados oficialmente mas também nunca desmentidos pela NASA, e mesmo às vezes oficiosamente admitidos, intrigaram vivamente todos quantos vêem na aventura espacial uma nova forma de saber se existem no universo outras formas de vida inteligente.

«A possibilidade de seres extraterrestres terem sido avistados no decorrer de pelo menos três voos *Apollo* constitui uma novidade desconcertante, que os meios científicos americanos devem tomar em consideração.»

É nestes termos que começa o artigo do jornal venezuelano *Elite*, de 29 de Janeiro de 1971, que continua assim: «As declarações dos astronautas, que haviam sido cuida-

dosamente censuradas no momento em que se realizavam os voos espaciais, começaram a transpirar, e atribui-se mesmo a estes seres certas peripécias sofridas pelas naves espaciais americanas. Esta extraordinária novidade pode relacionar-se com as mais diversas versões relacionadas com discos voadores, aparições de "objectos voadores não identificados", interceptação de misteriosas mensagens de origem desconhecida, etc..»

Foi só nesta data que, com certeza, se soube que OVNIS tinham sido vistos no decorrer dos doze voos *Gemini*, que constituíram a etapa preparatória da exploração lunar.

Estabeleceu-se, sem sombra de dúvida, que os astronautas dos voos *Gemini* tiraram fotografias a esses objectos misteriosos — foram mesmo publicadas — e que a NASA julgou, a princípio, que se tratava de satélites artificiais. Um exame profundo revelou, no entanto, que estes objectos não correspondiam a qualquer satélite, e até hoje ainda não conseguiram ser identificados.

O voo *Gemini IX*, programado para 1 de Junho de 1969, teve de ser retardado porque interferências misteriosas inutilizavam o equipamento de rádio que os astronautas iam utilizar para as suas comunicações com a base.

As causas destas interferências nunca foram descobertas, mas foi a primeira vez que a NASA admitiu oficiosamente, pela voz de diversos periódicos, que os astronautas haviam avistado objectos estranhos no decorrer dos voos precedentes.

Já quando do voo orbital *Mercury*, a 15 de Maio de 1963, o astronauta Gordon Cooper ouvira vozes estranhas no seu receptor de rádio, quando efectuava a sua quarta passagem sobre as ilhas Havaí. Esta insólida comunicação foi também ouvida e registada na Terra, sem que os peritos da NASA a pudessem decifrar.

Dois pormenores são particularmente perturbadores:

1. O estudo do registo pelos linguistas da NASA revelou que as vozes se exprimiam num idioma diferente de todos os falados na Terra.

2. As vozes ouviam-se directamente no canal VHF (alta frequência), reservado às mensagens de rádio dos astronautas, que nenhum país do mundo poderia interceptar.

### *PERIPÉCIAS LUNARES*

As confidências dos astronautas Lowell, Andrès e Bormann, tripulantes da *Apollo VIII*, que sobrevoou a Lua sem pousar, revelam que viram um OVNI em forma de disco. Precisam que nesse momento, nos seus capacetes receptores, ressoou «um barulho, de alta frequência, insuportável» e que uma «luz que cegava» os perturbou. A *Apollo VIII* oscilou violentamente, enquanto se repetiam os fachos de luz do objecto desconhecido, ao mesmo tempo que os astronautas, ao tentarem retomar o controle do aparelho, se aperceberam, mesmo dentro da cabina, de uma vaga de calor muito forte.

Desta vez, os comunicados de rádio de Lowell, Andrès e Bormann foram suprimidos pela NASA nas reportagens directas, sendo, contudo, ouvidos por alguns radioamadores que tinham à sua disposição aparelhos muito sensíveis.

Um facto análogo, se bem que menos alarmante, aconteceu durante o voo da *Apollo X*, em Maio de 1969, quando parasitas extraordinariamente poderosos perturbaram o contacto de rádio entre os astronautas.

Durante o voo histórico da *Apollo XI*, ruídos semelhantes ao apito de uma locomotiva ou de uma serra eléctrica foram nitidamente detectados, até mesmo na Terra. O fenómeno era tão evidente que milhões de pessoas ouviram o locutor da NASA perguntar aos astronautas: «Estão certos de nunca terem comunicado com "eles"?»

O único facto concreto era que estes sinais provinham do exterior da cabina espacial. Depois das instruções dadas, com um certo nervosismo, pela NASA, Collins, Aldrin e Armstrong controlaram o seu equipamento e verificaram que tudo funcionava perfeitamente. Faz-se uma pergunta: quem podia

transmitir por ondas de rádio a quatrocentos e oitenta mil quilómetros de distância da Terra?

### «HÁ OBJECTOS ENORMES»

Depois da experiência de Cooper sobre o Havai, os astronautas tinham sido avisados de que não deviam falar em factos desta natureza, no decorrer das suas transmissões pela rádio, comunicando-os, antes, confidencialmente quando, após o regresso, fizessem os seus relatórios. No entanto, muitos radioamadores americanos conseguiram captar as frases estupefactas pronunciadas por Aldrin e Armstrong quando dos seus primeiros passos sobre a Lua.

As frases de Armstrong foram suprimidas pelas autoridades na transmissão televisiva da chegada da *Apollo XI* ao nosso satélite.

Eis as palavras captadas pelos radioamadores:

— O que é? De que diabo se trata? Bem gostava de saber o que é...

Houve uns instantes de confusão e ouviu-se a voz do controlador da NASA perguntar:

— De que se trata? Isso não funciona? [Aqui algumas palavras confusas devido à má recepção.] Controle da missão chama *Apollo XI*.

Resposta de Armstrong:

— Há objectos enormes, meu Deus! Enormes!... Oh!, meu Deus! Há outras naves espaciais aqui! Estão alinhadas do outro lado da cratera! Estão na Lua e observam-nos!

Esta inacreditável mensagem de Armstrong foi suprimida na transmissão televisiva. Precisemos, para os incrédulos, que os radioamadores americanos captaram um apelo da *Apollo XIII* no qual os astronautas diziam que eram seguidos por um OVNI, instantes antes de uma misteriosa explosão inutilizar o módulo lunar.

Todos se lembram das horas de angústia vividas pelos três astronautas em perigo, e o seu difícil regresso à Terra sem terem cumprido a sua missão.

Terminaremos — provisoriamente — com certos factos estranhos contados pelo jornalista italiano Giancarlo Barbadoro.

Por ocasião do voo da *Gemini IV*, em 1965, o astronauta McDivitt observou, pela vigia da cápsula, três misteriosos objectos voadores. Conseguiu até fotografar um deles e a NASA forneceu a fotografia aos correspondentes de imprensa do mundo inteiro.

Ainda em 1965, durante o regresso da missão da *Gemini VII*, o astronauta Bormann fotografou dois objectos que se deslocavam na atmosfera sob a cabina espacial.

Enfim, em 1969, a *Apollo XII* foi seguida por um objecto gigantesco. A princípio pensou-se que fosse o primeiro andar do foguetão *Saturno*, mas quando a nave espacial americana corrigiu a sua trajectória para a Lua, de acordo com os planos de voo, a fim de se inserir numa órbita complexa cujos múltiplos vectores haviam sido calculados pelos ordenadores de Houston, o objecto adoptou também esta nova trajectória, mostrando que possuía o seu próprio meio de propulsão e que podia efectuar manobras autónomas. A bordo da *Apollo XII*, Conrad exclamou: «Estamos com sorte, parece que ele tem intenções amigáveis!»

Até hoje, certos factos têm sido mantidos secretos pela NASA, que, ao mesmo tempo e paradoxalmente, não desmentiu uma única das versões dadas pelos radioamadores em escuta.

E, segundo as informações que, pouco a pouco, nos chegam da URSS, fenómenos análogos foram observados e os meios científicos interessam-se muito pelo problema dos OVNIS, que merecem, pelo menos, ser tomados em consideração, pois pode ter chegado o momento de o homem entrar na fase mais dramática da sua história: a do contacto com seres vindos de outras partes. De facto, quaisquer que sejam

as histórias, verdadeiras ou falsas, sobre os «homenzinhos verdes» e os «marcianos de vestes prateadas», todos os testemunhos recolhidos nos levam a pensar que a exploração do espaço pelos habitantes da Terra poderia muito bem ser observada por olhos não humanos ...

## O ESTRANHO METEORO DE 1676

por ALBERTO COTOGNI

A atenção daquele que pesquisa nos velhos arquivos é, por vezes, atraída inopinadamente por um título mencionado num catálogo de biblioteca, cuja leitura pode conduzir a curiosas descobertas.

O opúsculo editado em Faenza, em Emilia, por Giuseppe Zarafalli, em 1676, encontra-se na Biblioteca Nacional Central de Florença, na Coleção Magliabechiana, com o número 5-2-129. O autor é o erudito Pietro Maria Cavina, astrónomo e matemático que viveu na segunda metade do século XVII e a quem se devem escritos históricos sobre a sua cidade natal e um projecto de canal navegável para ligar Faenza aos mares Adriático e Tirreno. Cavina dedicou esta pequena obra ao grande bibliográfico e erudito florentino Magliabechi. Para se documentar, socorreu-se de vários correspondentes e utilizou os testemunhos recolhidos nos diversos locais onde o fenómeno pôde ser observado. Na sua época, os homens ainda sabiam erguer os olhos para as estrelas! O título completo da obra é: *Fax seu Lampas Volans Magnum Meteoron Visum post Occasum Solis Diei 31 Martii 1676. Epistolica Dissertatio Petri M. Kavinae. Iterum Edita. Adjectis Cl. Virorum Dubitationibus Autorisque Responsis.* («O Archote ou a Tocha Volante. Grande Meteoro Visto depois do Pôr do Sol em 31 de Março de 1676. Dissertação

em Forma de Carta por Pietro Maria Cavina. Segunda Edição. Aumentada com Objecções de Personagens Ilustres e as Respostas do Autor»). A dedicatória tem a data de 25 de Julho. Resumamos brevemente o seu conteúdo.

Uma hora depois do pôr do Sol, o céu iluminou-se subitamente como se se estivesse em pleno dia: viu-se aparecer um corpo brilhante, grande como uma lua cheia (a qual, nesse momento, se encontrava em conjunção com o Sol), que se aproximou progressivamente do zénite e que terminava por uma cauda amarelo-dourado. Os testemunhos diferem quanto à sua forma — redonda, elíptica, oval, mas muito alongada...

O fenómeno durou um ou dois minutos e foi observado em Faenza, Roma, Florença, Veneza, Trèves (na Alemanha), Pisa, Livorno e, no mar, num barco que navegava próximo das ilhas Baleares. Nas diferentes cidades de Itália, todas as observações foram feitas pouco mais ou menos à mesma hora. As testemunhas venezianas observaram que, depois de ter atingido o zénite, o corpo parara um instante e seguira o seu caminho para oeste, onde desaparecera nas nuvens com um estrondo de trovão. A passagem do bólide, um camponês de Modigliana morreu de medo; em Florença, as janelas estremeceram e julgou-se ser um tremor de terra. Deve observar-se que o estrondo foi mais forte em Emilia e na Toscânia e que se não ouviu em Veneza.

Cavina tenta estabelecer se houve um ou mais fenómenos concomitantes e calcula a distância e a altitude do meteoro, que avalia em cento e sessenta quilómetros pelo menos, efectuando uma triangulação, baseada, bem entendido, nos conhecimentos da época; procura também determinar a sua proveniência e a sua origem, que supõe ser vulcânica. «... Se me não engano, foi nesta época que um tremor de terra atingiu diversas ilhas, sob domínio turco, situadas a este, e que libertou, com violência, parece, grande quantidade de substâncias nitrosas e sulfurosas das entranhas da Terra, as

quais foram transportadas pela força dos ventos, condensadas, inflamadas e projectadas a grande altura...»

O autor examina ainda a trajectória a partir de vários testemunhos que se inclinavam para uma nuvem, e avança a hipótese da natureza essencialmente gasosa do corpo meteórico. Depois de ter mencionado e explicado a causa do assobio e do ronco final, ergue a lança contra a crença popular que atribuía uma influência nefasta a estas manifestações.

Nas doze páginas *in folio* que constituem o opúsculo não sabemos o que mais admirar, se a erudição do autor e o hábil uso que faz das citações e das demonstrações, se o seu método de exame, duma clareza cartesiana.

Em apoio do testemunho de Cavina, encontrou-se na Biblioteca Nacional Central de Florença a sua correspondência com Antonio Magliabechi (*Mss. Lett. Autogr.*, II-IV-549), que expõe a troca de informações e de reflexões com os sábios da época, de Kircher a Schurtzfleish, de Gronovius a Arnold, de Montanari a Cinelli. O seu método de cálculo e as suas estimativas suscitaram reacções de alguns matemáticos de Roma e de Bolonha, mas ele apresentou a sua defesa. A pouco mais ou menos três séculos de distância é difícil fazer um julgamento exaustivo, tanto mais que se não encontraram as cartas originais das testemunhas, que, por sua iniciativa, acrescentavam numerosos pormenores, de que ele só reteve os que eram comuns a todos os testemunhos.

De que tipo de meteoro se trata? Deixou traços materiais? Se se considerar a altitude a que o fenómeno se manifestou, a trajectória aparente e o tempo levado a percorrê-la, pode supor-se que os eventuais vestígios caíram no Atlântico. No entanto, não me parece que documentos espanhóis da época se lhe refiram, a não ser que durmam em quaisquer arquivos públicos ou privados.

Cavina optava pela natureza vulcânica do bólido e, se se aproximar esta opinião das concepções e das pesquisas modernas sobre a natureza e a origem dos cometas e dos meteoros (cf., em especial, os trabalhos do soviético S. K.

Vsekhsviatsky), é-se levado a perguntar porquê, nas cosmogonias actuais, se não distinguiu entre as duas teorias expostas por Laplace e Lagrange há mais de século e meio, e que dividiram os astrónomos em dois campos.

No século passado, a teoria de Laplace pareceu prevalecer, enquanto em 1962 as discussões e as pesquisas astronómicas chegaram a uma conclusão favorável à de Lagrange. Além disso, pensa-se que as forças internas do vulcanismo, sobre Júpiter e Saturno em especial, fazem viajar entre os planetas do sistema solar essas massas que conteriam substâncias e gases próprios desses planetas. Seria interessante investigar a fundo nesse sentido. O ensaio de Vsekhsviatsky pode auxiliar a um melhor conhecimento do problema e trazer o princípio de uma resposta às questões que os astronautas ainda formulam.

Seja de que maneira for, parece que é necessário excluir a hipótese «ovni» — sob reserva de um estudo mais profundo deste curioso fenómeno celeste a partir dos dados que temos em nosso poder.

## BIBLIOGRAFIA

- Dominico Guglielmino, *Volantis Flamae a Geminiano Montanario Examinatae Epitropeia, Sive Propositiones Geographico-Astronomico-Geometrico-Opticae Demonstratae. Bononiae, Manolessius, 1677* (BNCF, Magl. 1-7-168).
- Paul Couderc, *Histoire de l'astronomie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1966, p. 128.
- Jean Dufay, *Les comètes*, P. U. F., 1966.
- Nature et origine des comètes*. Colóquio internacional realizado na Universidade de Liége a 5, 6 e 7 de Julho de 1965; memórias da Sociedade Real das Ciências, 5.<sup>a</sup> série, Liége,

O LIVRO DO MISTÉRIO

- Universidade, 1966, p. 590, *Les congrès et colloques de l'Université de Liège*, vol. 37.
- S. K. Vsekhsviatsky, *Comet Cosmogony of Lagrange and the Problem of the Solar System* (em volume precedente, comunicação n.º 51, pp. 495-515).

## OS RAIOS NEUTRALIZANTES

Abbate Guazzone, subúrbio da pequena cidade de Trestate, a uns quilómetros de Varese (Lombardia), foi, em 1950, teatro de um dos mais célebres fenómenos «ovnistas» acontecidos em Itália. A imprensa referiu-se ao acontecimento longamente e por várias vezes, nalguns casos com contradições e erros.

Recentemente, como consequência dum atento exame dos documentos e dum inquérito *in loco* efectuado por Dario Spada e Riccardo Germinaro, que dirigem o grupo de investigações Rigel 2001, de Milão, este caso extraordinário pôde ser reconstituído de modo preciso, completo e pormenorizado.

Em 1950, Bruno Facchini, o herói da aventura, então com quarenta anos de idade e pai de dois filhos, habitava com a família numa casita que dava para o campo. Operário estimado, trabalhava numa empresa de construções mecânicas.

Na noite de 24 de Abril, por volta das vinte e duas horas, desabou uma grande tempestade sobre a região. Quando a chuva parou de cair, Facchini saiu para ir à retrete, situada no exterior da casa. Ao voltar, reparou numa cintilação que quebrava a obscuridade, a umas dezenas de metros de distância.

Pensou que um dos cabos de alta tensão, cuja linha passava próximo da sua casa, fora atingido pela tempestade e,

pensando no perigo que isso podia constituir, quis ter a certeza dos prejuízos. Entrou em casa, calçou umas botas de borracha, tornou a sair e dirigiu-se para a misteriosa fonte de luz.

O terreno estava lamaçento e ele andava com precaução, para não pôr os pés sobre o fio eléctrico caído no chão. Quando chegou ao pilar, verificou que tudo estava em ordem e que a cintilação provinha de mais além.

Avançou e encontrou-se perante um espectáculo inesperado.

### *O ENGENHO MISTERIOSO*

Um enorme engenho de forma redonda e achatada erguia-se na sua frente. Uma parte da superfície irradiava uma luz diáfana, enquanto os contornos se diluíam na escuridão da noite. Um estranho indivíduo, de pé sobre a plataforma dum elevador de base circular situado no exterior do veículo, parecia terminar um trabalho de soldadura, com o auxílio dum instrumento, que segurava com as duas mãos e que emitia a cintilação luminosa que atraíra a atenção de Facchini.

Este, oculto atrás duns arbustos, ficou a observar e distinguiu outras duas silhuetas, que andavam em volta do gigantesco aparelho, como se quisesse controlar e encontrar uma avaria eventual.

Os desconhecidos pareciam deslocar-se com dificuldade, como se a sua liberdade de movimentos fosse dificultada pelo pesado fato-macaco que vestiam, ou como se sentissem afectados pela força da gravidade.

Segundo a testemunha, dir-se-iam escafandristas e, à débil luz da Lua, o escafandro parecia ser cinzento-escuro; à altura dos olhos tinham uma espécie de «máscara transparente que parecia conter um líquido», através da qual se via um rosto de carnação muito clara. À altura da boca pendia um tubo

de cerca de cinco centímetros de diâmetro e trinta de comprido, que terminava num bocal análogo à máscara de oxigénio dos pilotos de avião. Nos dois lados da cabeça havia «auscultadores» semelhantes aos de um «capacete de rádio».

O primeiro pensamento que veio ao espírito de Facchini foi que estava em presença dum avião, talvez de modelo experimental, que se encontrava em dificuldades e fora obrigado a uma aterragem forçada. Saiu então do seu abrigo e avançou, perguntando se tinham necessidade de auxílio.

Os «homens» fizeram gestos estranhos e emitiram uns sons guturais incompreensíveis.

Bruno teve então a impressão, como se se tratasse dum aviso instintivo, de que o queriam levar no misterioso veículo.

### *O RAIO E O CHOQUE*

Neste instante, ocorreu-lhe a ideia de que não eram de origem terrestre e, tomado por um sentimento de pânico, fugiu. Contudo, mal percorreu alguns metros, viu pelo canto dos olhos um dos seres agarrar num objecto que trazia pendurado ao pescoço, e que à primeira vista se assemelhava a um aparelho fotográfico, e dirigilo para ele. O aparelho emitiu um raio intenso, que lhe tocou nas costas, e teve a impressão de ficar ferido, empurrado por uma massa de ar comprimido que se abateu sobre ele com a mesma violência dum objecto contundente. Perdeu o equilíbrio e caiu, batendo com a cabeça num marco de pedra que demarcava duas propriedades.

Dorido, meio morto e aterrorizado, ficou estendido sem se atrever a mexer-se. Parece, no entanto, que, logo que caiu as estranhas criaturas não se preocuparam mais com ele, de modo que, apesar do medo que sentia, pôde observar toda a cena que se seguiu e gravar no seu espírito o aspecto e a forma do misterioso engenho.

Tinha no centro cerca de seis metros de espessura e ia-se adelgazando à medida que se aproximava das extremidades. A superfície estava, em parte, marcada com traços verticais e horizontais, que se cruzavam a intervalos regulares, e enquanto o resto do aparelho era sombrio esta zona estava debilmente iluminada por uma luz difusa que vinha do interior. Em volta da circunferência viam-se grupos de três tubos de cinquenta centímetros de comprimento e trinta de diâmetro, semelhantes aos dos fogões. No centro, abria-se uma porta rectangular, donde descia uma pequena escada que parecia fixada ao painel da porta que fora aberta para o exterior.

Uma luz atenuada permitia, no entanto, distinguir os pormenores do interior. Facchini conseguiu ver uma escada que parecia levar à parte superior do veículo e observou também alguns tubos ligados a diversos instrumentos, que se assemelhavam a manômetros.

### *A PARTIDA SÚBITA*

Passado um momento, o indivíduo que estava a «soldar» pareceu ter terminado o seu trabalho. Desceu do elevador, que foi rapidamente desmontado, ficando reduzido ao tamanho duma maleta, e levado pelos desconhecidos para o interior do veículo. A escada foi tirada e a entrada do veículo hermeticamente fechada.

A testemunha ouviu o ronco análogo ao dum grande dinâmo, ou antes, precisou ele, ao «zumbido duma enorme colmeia». A intensidade do som aumentou com um barulho comparável a um forte golpe de vento, o aparelho estremeceu e elevou-se rapidamente no céu, onde desapareceu num instante.

Refazendo-se pouco a pouco do choque que sofrera, tanto físico como moral, Facchini levantou-se e entrou em casa. Passou a noite sem dormir e de manhã, verificando que per-

dera a cigarreira e levado pela curiosidade, voltou ao local onde estivera, na esperança de encontrar uma prova tangível da sua alucinante aventura.

Chegado ao local, verificou a presença de quatro rastos circulares dum metro de diâmetro dispostos em quadrado a seis metros uns dos outros. Pesquisando na erva, nalguns pontos chamuscada, descobriu e apanhou uns fragmentos de metal provenientes, sem dúvida, da «soldadura» feita pelo indivíduo que estava no elevador.

Dirigiu-se às autoridades e contou a sua aventura, e a polícia de Varese fez um inquérito no local, mas não encontrou elementos que lhe permitissem resolver o mistério: qual a natureza do estranho veículo e a origem dos seus ocupantes.

### *O INQUÉRITO DO GRUPO RIGEL 2001*

Bruno Facchini ainda vive em Abbiate Guazzone. Cortês, mas recusando-se a qualquer publicidade, mostra-se muito reservado sobre tudo o que diz respeito à sua aventura. Os dois membros da Rigel 2001 que o visitaram tiveram dificuldade em vencer as suas reticências. Conseguiram, no entanto, criar um clima de confiança e obtiveram uma descrição precisa e pormenorizada, que desmentia os exageros e pormenores fantasistas inventados pelos jornais da época.

### *O METAL MISTERIOSO*

O caso de Abbiate Guazzone reveste-se de considerável interesse, pois apresenta a característica rara de ter deixado provas tangíveis: os fragmentos do misterioso metal. Um deles foi confiado ao grupo Rigel 2001 para ser analisado, mas os resultados ainda não são conhecidos.

Na época em que ocorreu o fenómeno, Facchini entregou um dos fragmentos ao comandante Renato Vesco, que o pro-

curara para fazer inquérito, mas não teve qualquer resposta. Entregou também outros fragmentos a um instituto de pesquisas e estudo de metais em Novara (Piemonte), que declarou simplesmente tratar-se de um metal antifricção.

O metal em causa tem a aparência do ferro vulgar, mas é inoxidável, não magnetizável e mau condutor do calor. Esperemos pelos resultados da análise em curso, que talvez projepte luz sobre o caso, o qual faz parte dos clássicos da «ovniologia» italiana.

### *UM CASO ANALOGO*

O caso de Abbiate Guazzone é comparável a um caso ocorrido em San Pietro a Vico, na província de Lucques, na Toscânia.

A 26 de Setembro de 1952, um homem apresentou-se às autoridades judiciais de Lucques para lhes dar a conhecer um facto extraordinário de que fora testemunha.

Uns meses antes, na noite de 24 para 25 de Abril, seguia pela ribeira de Serchio para alcançar o local, onde, pescador convicto, instalara o seu *échiquier* (rede quadrada para peixe pequeno). Eram cerca das três horas da madrugada. De súbito, apareceu uma luz, vinda do outro lado do talude, que, neste local, ocultava a ribeira. Intrigada, a testemunha subiu a elevação de terra e viu, imóvel sobre o solo, um estranho engenho de forma circular, de cerca de vinte e cinco metros de diâmetro, o qual parecia abastecer-se de água, por meio dum longo tubo que mergulhava na ribeira.

O engenho era rodeado de aberturas semelhantes a tubos de escape. No centro, erguia-se uma espécie de torre, da qual três quartos estavam para baixo do disco e um quarto para cima. A parte superior tinha o aspecto dum habitáculo e possuía uma vigia. A parte inferior era feita dum material transparente e deixava ver um grande cilindro ligado a tubos del-

gados. Dum tubo para outro passavam continuamente raios de luz viva de cor variável, que atraíra a atenção da testemunha estupefacta. O aparelho tinha cinco hélices dispostas sobre a circunferência da parte inferior, enquanto na parte superior havia uma da mesma dimensão que o próprio disco, encimada por duas outras mais pequenas. A não ser um leve zumbido, não se ouvia qualquer ruído.

Um instante depois, a vigia abriu-se e apareceu uma silhueta humana. O desconhecido deve ter-se apercebido do observador, pois indicou-o com um gesto a alguém que se encontrava no interior.

Carlo Rossi, cheio de terror, lançou-se numa fuga desordenada, o que talvez lhe tenha valido não ser atingido por um misterioso raio verde que lhe passou por cima da cabeça. Mas, muito embora este nem sequer lhe tocasse, pareceu-lhe receber uma descarga eléctrica. Aterrorizado, deitou-se no chão e, pelo canto do olho, viu o disco elevar-se e desaparecer, a uma velocidade vertiginosa, em direcção ao mar.

Rossi não contou nada acerca da sua extraordinária aventura com receio de passar por um iluminado, mas um novo facto fê-lo mudar de opinião. A 15 de Setembro do mesmo ano, a meio da tarde, enquanto andava a pescar, aproximou-se dele outro pescador. Tinha ar de estrangeiro, pescava com uma curiosa cana muito curta e vestia um fato-macaco azul, que lhe dava um aspecto militar. Começaram a conversar e o desconhecido, que tinha um acento estrangeiro muito pronunciado mas que Rossi não conseguiu identificar, perguntou-lhe se já vira sobre a ribeira aviões ou outros objectos voadores. Rossi, dominado por uma estranha sensação de medo, respondeu que nunca vira nada. O estrangeiro ofereceu-lhe um cigarro de marca desconhecida, mas mal o acendeu sentiu a cabeça andar à roda. Apagou-o com um gesto instintivo e fez menção de o guardar no bolso. Prontamente, o outro agarrou-lhe o pulso, arrancou-lhe o cigarro e atirou-o à água. A seguir, sem acrescentar palavra, afastou-se rapidamente, como se fugisse.

Depois deste incidente, Rossi decidiu dirigir-se às autoridades para lhes pedir protecção para um perigo eventual, mas não se registaram mais incidentes anormais e a história ficou por aqui.

Em 1973, vinte e um anos mais tarde, o Grupo de Investigação para Estudo de Fenómenos UFO, de Prato, na Toscânia, dirigido pelo professor Siro Menicucci, entregou-se a um inquérito rigoroso sobre este caso. Apesar de as pesquisas, serem difíceis, uma vez que a única testemunha falecera há uma dezena de anos, pôde estabelecer-se a exactidão dos factos — falando com quem ele contactava, parentes e amigos — e afastar a hipótese segundo a qual o misterioso aparelho seria um novo tipo de aparelho experimental, por consequência de origem terrestre. Segundo o desenho e a descrição da testemunha, o aparelho, de hélices, parecia dos mais rudimentares.

No entanto, apresenta características inteiramente excepcionais: subida rápida «como se fosse uma bala» numa «fracção de segundo...»

Além disso, se se não aceita a hipótese da origem extraterrestre do misterioso desconhecido que abordou a testemunha, é necessário admitir que se tratava de alguém enviado pelas autoridades competentes para inquirir o que se passava a respeito de uma eventual fuga de informações acerca dum novo protótipo. Mas então como explicar este outro ponto obscuro: o desconhecido ofereceu um cigarro à testemunha, que declarou textualmente: «Tirei duas fumaças e, de súbito, senti que morria. A cabeça andava-me à roda e deixei de ver. No entanto, sou um fumador inveterado... Depois, quando o apaguei, o homem agarrou-me o pulso, tirou-me o cigarro, partiu-o e atirou-o para a água.»

Semelhante comportamento não parece nada próprio de um «aviador» enviado pelas autoridades aeronáuticas.

Como concluir, senão dizendo que era mais um dos misteriosos objectos que sulcam, talvez desde sempre, o céu do nosso planeta?

**UM RAIO VERMELHO**

A 9 de Novembro de 1954, próximo de Ferrara, na província de Emilia, produziu-se um facto extraordinário cujas testemunhas ainda estão vivas e que foi relatado na imprensa dois dias mais tarde (*Nazione Sera* de 12 de Novembro de 1954).

Eram vinte e trinta. Três homens empregados numa exploração agrícola de Longastrino di Argenta, Beltrami, Ballardini e Soncini, que conduziam dois tractores em direcção à aldeia de Traversone, passaram próximo duma cabana isolada, habitada por Loris Santoni.

**PERSCRUTANDO O CÉU...**

Quando os três homens chegaram próximo da casita, viram Santoni, que olhava atentamente para o céu e parecia nem sequer ter dado pela chegada dos tractores.

Soncini, que ia à frente, não deu importância ao facto e continuou o seu caminho para Traversone, enquanto os seus dois companheiros, no segundo tractor, pararam por pura curiosidade, e levantaram os olhos para ver o que Santoni olhava tão atentamente.

Beltrami e Ballardini viram então que se tratava de um misterioso raio vermelho suspenso do céu, cujas evoluções caprichosas não permitiram às duas testemunhas descrever o seu aspecto com precisão, tanto mais que os dominou o medo ao observar este fenómeno em pleno campo numa tarde de Novembro. Assim, não poderam estabelecer, mesmo de modo aproximado, a duração exacta deste «bailado» celeste, até ao momento em que o raio vermelho, aproximando-se da terra, pareceu ir cair sobre a casa de Santoni. Este, preso dum terror bem comprehensível, começou a gritar: «Socorro! Ele cai em cima da minha casa!»

Ballardini e Beltrami, aterrados, atiraram-se para o chão, afastando-se, com um movimento instintivo, do tractor.

## *TERROR!*

Segundo o testemunho doutras pessoas que, de Longastriño, Traversonse e outros burgos limítrofes, teriam observado o fenómeno, parece que as evoluções desordenadas do raio vermelho no céu duraram cerca de uma hora, até às vinte e uma e trinta, quando pareceu, de súbito, desfazer-se, retraindo-se como um elástico fortemente distendido. Tomou depois a sua posição inicial e, finalmente, desapareceu.

Entretanto, o raio parara o motor do tractor conduzido por Soncini, e que seguira o seu caminho para Traversonse.

Tendo desaparecido o raio, as três testemunhas directas refizeram-se a pouco e pouco das suas emoções e acreditaram num fenómeno de auto-sugestão colectiva. Santoni entrou em casa desconcertado e Beltrami e Ballardini voltaram para o seu tractor.

A umas centenas de metros atingiram o tractor do seu companheiro. Este desaparecera, abandonando o veículo na beira do caminho. Pararam e chamaram por Soncini, que, pouco depois, viram sair detrás duma moita, manifestamente preso dum violento choque emotivo.

No entanto, conseguiu contar que não parara próximo da casa de Santoni porque não dera atenção ao raio vermelho, que pensou ser um simples fenómeno atmosférico. Mas, minutos depois, o raio vermelho parecera segui-lo e atingira o tractor, bloqueando o motor. Cheio de pânico, Soncini procurara refúgio na mata mais próxima.

O motor foi posto a trabalhar sem dificuldade, e os três homens apressaram-se a chegar à aldeia, onde contaram o que lhes acontecera. Havia outras pessoas que, à mesma hora, tinham assistido às evoluções do raio e confirmaram a descrição que eles fizeram.

Parece que não há a mínima dúvida sobre a veracidade das declarações de numerosas testemunhas, se bem que não se tenha podido descobrir no local o mínimo indício material. Mas quais eram as origens e a natureza deste raio vermelho?

## O CASO TEMPLETON

por SILVANO CECCARELLI

Em Janeiro de 1963, a revista *QST*, órgão oficial dos radioamadores americanos, publicou um artigo assinado por Jack Naiork que deixou os leitores singularmente perplexos.

Em 1958, na cidade de Templeton (Califórnia), as transmissões duma estação de televisão local foram perturbadas durante alguns meses e num raio de quarenta milhas por uma curiosa interferência, cuja proveniência não foi possível localizar.

Sabe-se que todas as estações emissoras podem ser facilmente localizadas com aparelhos apropriados, partindo-se do facto de o sinal da antena se afastar no espaço, diminuindo de intensidade, tal como as ondas concéntricas que se formam à superfície da água quando se lhe atira uma pedra...

No caso em questão, não se conseguiu detectar a fonte da interferência, pois a intensidade do sinal era constante fosse qual fosse o ponto do espaço em que se medisse.

### *DE PROVENIÊNCIA DESCONHECIDA*

No *Templeton Daily Star* de 15 de Abril de 1958 anuncia-se que a estação de televisão WKOO fora vendida aos

Godfrey Smith Associates, de São Francisco, e que a nova direcção começaria as suas emissões em 1 de Maio. O director, Godfrey Smith, diplomado pela Universidade de Princeton, é uma figura nos meios de negócios e políticos, e foi, durante a Segunda Guerra Mundial, subsecretário da Guerra para os Projectos Avançados.

No dia 1 de Maio, desde o retomar das emissões, a linha telefónica foi submersa com chamadas de ouvintes que protestavam porque no *écran* apareciam bandas negras, devidas a um outro sinal que interferia com o emitido pela estação.

Efectuou-se um controle no posto emissor e em todo o equipamento da estação: tudo estava em ordem e a interferência só podia vir do exterior. Talvez se tratasse de qualquer radioamador que emitisse na base de frequência da estação. Dois engenheiros e dois técnicos procuraram localizar a origem. Voltaram descoroçados por não poderem atribuir à interferência qualquer proveniência.

Empregaram-se então os grandes meios. A 2 de Maio, Smith pediu a intervenção dos engenheiros da Federal Communication Comission, para que a interferência fosse localizada e eliminada. A 3 de Maio, estes declararam que não pode ser localizada pelos meios convencionais. A 4 de Maio, Smith telegrafta para Washington para pedir o auxílio do FBI. A 5 de Maio, a WKOO faz saber pelo jornal local que oferece quinhentos dólares de recompensa a quem consiga localizar a interferência.

A 10 de Maio, os peritos da Hadley Consulting Engineers enviam o seu relatório, onde se diz especialmente:

a) A interferência não é direccional;

b) A intensidade é uniforme num raio de quarenta milhas em volta de Templeton; em seguida, decresce normalmente;

c) A frequência da origem da interferência não está em sincronismo com a da rede eléctrica, verificação efectuada interrompendo a alimentação de energia eléctrica a Templeton;

d) Segundo a opinião dos peritos, a interferência é engendrada e propagada duma maneira diferente da que permite a técnica actual.

Além disso, precisou-se que se utilizaram todos os meios existentes para localizar e identificar a interferência e que a hipótese segundo a qual ela era da responsabilidade de um radioamador não se podia admitir.

O autor do artigo aparecido na *QST* revela que a CIA redigiu, no princípio de Junho, um relatório secreto onde se diz que os melhores especialistas americanos em electrónica eram, de momento, incapazes de explicar o fenómeno. Esse relatório nunca foi publicado.

A 1 de Julho, Smith pediu autorização para interromper a actividade da estação devido à interferência, que impedia o seu funcionamento regular.

No *Intercontinental News Service*, de Washington, de 29 de Julho lê-se que a FFC autoriza a WKOO-TV a cessar com as emissões a partir de 1 de Agosto. A estação recusou adoptar um outro canal TV, porque isso arrastaria despesas elevadas e porque os dirigentes pensam que a interferência é intencional e que só descobrindo a origem a situação pode ser normalizada. A recompensa subiu assim para dez mil dólares.

A interferência cessa de repente, e a 15 de Agosto Smith faz saber por meio da imprensa que a estação tornará a emitir dentro de quarenta e oito horas; precisa, no mesmo artigo, que a FFC e o FBI se recusam a qualquer comentário e que há razões para acreditar que os pormenores apenas sejam tornados públicos algum tempo depois.

**O DESAPARECIMENTO DO TÉCNICO**

O artigo da *QST* termina por uma nota indicando que nunca se deu uma explicação técnica da maneira como foi localizada e eliminada a interferência.

Segundo o autor, o FBI, tendo posto sob escuta o telefone de Smith, teria interceptado a seguinte mensagem, de origem desconhecida, na noite de 2 de Agosto: «A interferência cessará durante cinco minutos esta noite, às nove horas. Posso eliminá-la definitivamente, mas a recompensa deve ser elevada para vinte e cinco mil dólares. Envie esta soma para a conta número trinta e quatro do Banco Internacional de Berna, Suíça. Quando o dinheiro for depositado, a interferência cessará definitivamente.» Smith ligou o medidor de intensidade para as nove horas e, a esta hora, o sinal, que era de seis mil e setecentos microvolts, desceu a zero durante cinco minutos, para subir depois.

Soube-se também que Jerome Lindsay Barnes, antigo engenheiro-chefe da WKOO-TV, se instalara no Hotel Grand Bahama, em Nassau, a 10 de Agosto. Barnes, diplomado pela Universidade de Chicago em 1939, fundador do clube local VHF (isto é, ondas de rádio de alta frequência), aí viveu durante dois meses e depois desapareceu. Não se encontrou qualquer rastro, e a criada de quarto que guardou as suas coisas descobriu uma capa de *dossier* vermelha na qual estava inscrito:

TOP SECRET

Estudo sobre as equações de Gauss tornando possível um sistema de radiações VHF não localizáveis.

Autor: J. L. Barnes, Laboratório de Radiações do MIT, Junho de 1942.

Exemplar único que não deve ser retirado do ficheiro.

Ao lado do título, havia uma inscrição a tinta apagada pelo tempo: «Irrealizável. A. Godfrey Smith, subsecretário da Guerra para os Projectos Avançados.»

Jack Naiork escreveu numa nota no princípio do seu artigo, na revista *QST*: «O caso Templeton pertence à história. Na época, por razões de segurança, foi relatado de maneira sumária. Cópias de cartas, telegramas, artigos de jornais relatam os factos melhor do que eu poderia fazer... As partes não documentadas foram revistas e aprovadas pelos principais interessados, com excepção do defunto Godfrey Smith.»

Trata-se de uma história inventada? Mas com que finalidade? Perante a precisão dos testemunhos — nomes, locais, datas, etc. —, não parece que se possa negar a realidade dos factos.

Mas então põem-se várias questões:

1. É possível realizar um campo de ondas de rádio não localizável? Nesse caso, pensemos nas aplicações duma tal descoberta no domínio estratégico;
2. Que foi feito de Barnes e da sua descoberta?
3. Trata-se dum fenómeno de alta atmosfera ainda desconhecido cujo estudo está incluído em *dossiers top secret*?

Em 1974, dezasseis anos mais tarde, ainda se ignoravam as respostas.

## SINAIS ESTRANHOS NO CÉU

Na quinta-feira 13 de Agosto de 1970, o oficial da Policia dinamarquesa Evald Hansen Maarup, num carro de serviço *Ford-Zodiac*, seguia pela estrada que vai de Kabdrup a Fjelstrup. Às vinte e duas e cinquenta, quando se encontrava a umas centenas de metros dum cruzamento, foi apanhado por um facho de luz branca-azulada provindo do céu; no mesmo instante o motor parou e todas as luzes se extinguiram. O facho luminoso, comparável ao néon, era tão intenso que o condutor não conseguia ver nada; tentou, às apalpadelas, chamar o posto da polícia pela rádio, mas este não funcionava. No interior do carro, a temperatura subia a pouco e pouco.

De repente, o facho elevou-se sobre a viatura, que ficou mergulhada na obscuridade. O polícia saiu do carro e viu que o facho tinha uma forma troncónica, com quatro a cinco metros de diâmetro na base e de cuja extremidade superior saía uma grande «coisa cinzenta». Em poucos minutos, sem fazer barulho, o facho, em vez de se apagar, foi como que aspirado para a abertura superior, e a testemunha viu desaparecer, por uma abertura de cerca de um metro, o último troço do cone luminoso no interior do misterioso aparelho.

Uma vez desaparecido no «objecto» — de forma circular e de uma dezena de metros de diâmetro, tendo na base duas protuberâncias de cerca de metro e meio cada uma —, este

começou a deslocar-se verticalmente. Acelerando rapidamente e sem emitir qualquer som, desapareceu em poucos segundos. Todas as luzes do equipamento eléctrico do automóvel se reacenderam então; tudo funcionava normalmente, incluindo o rádio.

Maarup fez várias fotografias com auxílio dum aparelho japonês *Fujica* que carregava automaticamente; a película era uma *Neopen SSS*, mas estas fotografias têm um interesse relativo, pois o operador estava perturbado e, com toda a probabilidade, só as fez no fim do «incidente». Compreende-se, aliás, que não tenha tido presença de espírito para dar atenção a certos pormenores importantes, tais como os efeitos de campos magnéticos eventuais sobre o funcionamento progressivo da aparelhagem eléctrica do automóvel.

Citemos, no entanto, entre muitas outras coisas, dois casos análogos que vêm confirmar a realidade do fenómeno.

A 6 de Maio de 1967, no «Campo do Fogo», a nove quilómetros a sudeste de Schirmeck, nos Vorges, Raymond Schirmann, sua mulher, seu filho e um amigo viram sair sucessivamente dum enorme objecto sombrio e lenticular, estacionado no ar a vinte ou trinta metros deles, três troços de cone luminoso que não atingiram o solo.

A 21 de Agosto de 1968, em Villiers-en-Morvan, Marius Carré e Paul Billard declararam ter visto, a cerca de dois quilómetros de distância, um «tubo» luminoso emitido por um objecto insólito da dimensão de uma camioneta. A luz passou do branco ao verde e o «tubo» prolongou-se até atingir, passando sobre um vale, o limite do campo onde trabalhavam as duas testemunhas. Oscilou horizontalmente de modo a manter-se dirigido para o tractor, que se deslocava no campo. Por fim, o «tubo» retraiu-se e, percorrendo dois quilómetros em poucos minutos, tornou a entrar no objecto insólito, que se afastou.

É difícil pensar que em Schirmeck, em Villiers-en-Morvan e próximo de Haderslev (Dinamarca) possa haver conivência

entre testemunhas que se não conheciam para descrever fenómenos insólitos que *não correspondem a nada conhecido* da ciência actual.

## BIBLIOGRAFIA

- Flying Saucer Review*, Outubro de 1970, artigo do Dr. Bernard Fingh.  
*Phénomènes Spatiaux*, Dezembro de 1970, GEPA, Paris.  
Nyt, Setembro-Outubro de 1970, artigo de M. Jensen.

## AS MÁSCARAS DE CHUMBO

por MICHELE MAGNANI  
e GORDON CREIGHTON

Guanabara (Rio de Janeiro, Brasil), 17 de Agosto de 1966: um jovem sobe a encosta dum morro (colina de cimo arredondado característica da paisagem brasileira).

Ao contornar um arbusto, o seu olhar é atraído por duas silhuetas humanas, estendidas no chão, lado a lado, e com uma espécie de viseira de cor escura nos olhos. Primeiro pensa que os dois homens estão a dormir e que protegeram os olhos para que a luz os não incomodasse.

No entanto, intrigado, aproximou-se e verificou com espanto que se tratava de dois cadáveres que tinham uma grosseira máscara ocular de metal. (*foto 6*).

Dominado pelo pânico, desceu a colina a correr e precipitou-se para o posto da Polícia mais próximo, onde relatou, em poucas palavras, a sua macabra descoberta.

Os polícias dirigiram-se ao local e, segundo os papéis encontrados, identificaram os mortos como sendo Miguel Viana e Manuel Pereira, ambos casados. Numa algibeira do primeiro, descobriu-se uma agenda cheia de fórmulas indecifráveis, que pareciam ser elementos dum código secreto.

As máscaras eram de chumbo e, muito provavelmente, confeccionadas por quem as usava.

Próximo dos corpos, descobriu-se uma estranha mensagem escrita numa folha de papel: *Dezasseis e trinta — encontro no lugar marcado; dezoito e trinta — engolir a cápsula. Após o efeito, proteger o rosto; esperar o sinal combinado.*»

Confiou-se em seguida ao médico-legista o trabalho de determinar a causa da morte, mas os corpos não apresentavam qualquer ferimento e não forneceram elementos que permitissem estabelecer um diagnóstico seguro.

Alguns dias mais tarde, procedeu-se à autópsia, cujo único resultado foi revelar o dia e a hora da morte, que fora a 17 de Agosto, por volta das dezanove horas.

Nada foi descurado: mediu-se mesmo a taxa de radioactividade que, sendo negativa, não trouxe qualquer luz sobre as causas da morte.

As respectivas esposas declararam não ter observado nada de estranho no comportamento dos dois homens e que, consequentemente, deixasse prever o seu fim trágico. A polícia fez um inquérito cerrado e, interrogando as pessoas que habitavam próximo do morro, recolheu testemunhos inesperados.

Uma mulher declarou que a 17 de Agosto, pelas dezanove horas, observara um objecto volante circular, metálico, que emitia chispas, o qual, depois de ter parado uns segundos próximo do local onde haviam sido encontrados os dois cadáveres, se afastara muito depressa.

Um homem disse que no mesmo dia, à mesma hora e no mesmo local, observara uma espécie de grande «flor» chamejante que, depois de ter ficado um instante imóvel, se elevou no céu a uma velocidade vertiginosa.

A imprensa apoderou-se do assunto, que teve uma repercução considerável, a ponto de o morro passar a ser um lugar de peregrinação; sábios, investigadores, polícias, curiosos e iluminados.

Emitiram-se numerosas hipóteses. A que encontrou mais audiência, muito embora parecesse fantástica, fala dum contacto acidental que um dos radiotécnicos tivera, no decor-

rer duma experiência, com uma astronave extraterrestre em órbita em redor do nosso planeta. Tinham chegado a fixar um encontro num lugar solitário (daí o texto encontrado) e haviam confeccionado as máscaras para se protegerem, no momento da aterragem, do brilho da nave, que cegava.

A causa da morte, sempre segundo as hipóteses, devia ser atribuída a um castigo dos Extraterrestres por eles não terem respeitado o acordo com estes últimos, ou então a um acidente devido ao efeito imprevisto das pílulas, tomadas com finalidade desconhecida.

Contudo, as coisas não ficaram por aqui. A 26 de Agosto, um desconhecido alto, vestido de escuro, usando óculos e chapéu, apresentou-se ao guarda do necrotério do Rio de Janeiro, onde se conservavam os dois corpos, que ainda não haviam sido enterrados, a fim de os deixar à disposição dos sábios. O homem, que tinha um acento estrangeiro, ofereceu quase um milhão e meio de antigos francos para que o deixassem tirar uma pequena amostra de matéria cerebral de um dos dois radiotécnicos. Perante a recusa categórica do empregado, foi-se embora e não voltou.

O mistério adensava-se: tratar-se-ia de um assunto de espionagem, de experiências científicas imprudentemente realizadas ou de uma infeliz tentativa de comunicação com uma civilização extraterrestre?

Até agora ninguém conseguiu dar uma resposta.

Notemos uma estranha coincidência. Um funcionário da NASA apresentou recentemente aos jornalistas um modelo de máscara que, de agora em diante, será distribuído aos astronautas para se protegerem das curiosas «lâmpadas cósmicas» que foram observadas no exterior da cápsula no decorrer de várias missões espaciais. Estas máscaras, semelhantes às dos radiotécnicos, são, no entanto, feitas num tecido especial, e têm um elástico para as fixar à cabeça.

Ora este caso misterioso, evocado por Charles Bowen<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Charles Bowen é editor da *Flying Saucer Review*, publicação inglesa que se dedica ao estudo dos UFOS ou OVNIS.

em dois artigos aparecidos em 1967 e 1968 na *Flying Saucer Review*, conheceu grande eco na imprensa. Eis o essencial do artigo publicado no mesmo periódico (vol. XVII, n.º 4, Julho-Agosto de 1971: «Follow up the Morro do Vintém Mystery») por Gordon Creighton.

A teoria do contacto com os Extraterrestres encontrou-se consideravelmente reforçada quando se teve conhecimento de que uma dama da alta sociedade do Rio, a senhora Gracinda Barbosa Coutinho de Sousa, declarara à polícia que passava de automóvel, com os seus três filhos, nas proximidades do morro do Vintém, na tarde de 17 de Agosto, quando viram um objecto de forma oval, cor de laranja vivo e com uma tira de fogo em volta, que estacionava na colina e emitia relâmpagos que cegavam. As testemunhas pararam durante três ou quatro minutos, durante os quais o objecto não fez qualquer movimento lateral, mas elevou-se verticalmente e tornou a descer várias vezes. Parece que esta senhora revelou mais pormenores, que a polícia manteve secretos.

Outras testemunhas pretenderam ter visto o OVNI. Certos comentadores de imprensa insistiram no facto de um pouco mais de dois meses antes (a 13 de Junho) Miguel José Viana e Manuel Pereira da Cruz se terem dedicado a misteriosas «experiências» na praia de Atafona, no decorrer das quais um objecto intensamente luminoso desceu na margem. Mais tarde, produziu-se uma explosão que cegava e os pescadores afirmaram ter visto um disco voador precipitar-se no mar.

Aquando de depoimentos ulteriores, outras revelações sensacionais foram feitas e soube-se que os dois homens faziam parte dum grupo de «sábios espiritistas» e se interessavam por espiritismo, por explosivos e pelas comunicações com Marte.

Mas em meados de Setembro de 1966 fez-se silêncio sobre o assunto. Tinha-se passado um ano quando a imprensa brasileira voltou ao assunto (19-26 de Agosto de 1967) e pre-

tendeu que se tinham exumado órgãos para ver se novo exame permitia descobrir traços de veneno. Os jornais declararam também que se havia processado à prisão dum amigo dos dois radiotécnicos. Tratava-se dum piloto da aviação civil, Elcio Gomes, o «terceiro homem» que participara na misteriosa «experiência» da praia de Atafona. Gomes ficou preso por ter feito declarações contraditórias à polícia, uma das quais se referia a uma estação de rádio clandestina montada pelos dois homens.

Estes novos elementos do inquérito foram seguidos por um novo longo silêncio.

### *UM NOVO RESSALTO*

A 28 de Junho de 1968, com o título de «Depois do Teste Atómico», o quotidiano *O Globo*, do Rio de Janeiro, escrevia:

«Um homem louro intervém presentemente no mistério das máscaras de chumbo, justamente no momento em que a ciência declarara perder as esperanças de obter uma explicação técnica precisa da maneira como tinham sido mortos os radioamadores Miguel José Viana e Manuel Pereira da Cruz. O desconhecido procurado, cujo aspecto é de estrangeiro, foi avistado por uma testemunha ao volante dum jipe, em conversa com Miguel e Manuel, na estrada que vai dar ao morro do Vintém, na véspera do dia em que os corpos foram descobertos. Ontem, os peritos nucleares de São Paulo pronunciaram o seu veredicto — negativo — acerca dos testes que efectuaram nos cabelos tirados aos cadáveres. Com o enunciado deste relatório, o comissário da polícia do Rio para casos de homicídio, senhor Romeu José Vieira, fechou o inquérito e enviou o processo ao ministro da Justiça. Eis o texto do relatório redigido pelo Instituto da Energia Atómica de São Paulo:

“Por medida de excepção, a divisão radioquímica efec-

tuou uma análise, por meio de activação nuclear, sobre alguns cabelos enviados pelo Instituto Médico-Legal do estado de Rio de Janeiro. Procuraram-se quatro elementos: arsénico, mercúrio, bário e tálio. Os resultados são os seguintes: arsénico, 0,0000041 por cento; bário, 0,0001 por cento; tálio, 0,0001 por cento. Estes resultados provam científicamente que a morte de Miguel e de Manuel não é devida à ingestão de qualquer destes venenos.”»

### *EXPLICAÇÃO OFICIAL*

A 23 de Fevereiro de 1969, o *Correio do Povo*, de Porto Alegre, publicou um artigo do qual vamos extrair o essencial e a que foram acrescentados alguns esclarecimentos provenientes de vários outros artigos de imprensa aparecidos pouco mais ou menos na mesma data.

*Em que altura se está, três anos depois, no mistério das máscaras de chumbo?*

Rio, 22 de Fevereiro. O mistério dos dois técnicos encontrados mortos há três anos no morro do Vintém, com máscaras de chumbo que foram mais tarde consideradas como tendo vindo de outro planeta (!), acha-se presentemente esclarecido graças à confissão dum indivíduo perigoso, Hamilton Bezani. Este, criminoso célebre, contrabandista e ladrão de automóveis que cumpre agora uma pena de mais de cinquenta anos de prisão em São Paulo, dissera a uma sua parente, que vive no Rio, que tinha qualquer coisa a ver com os defuntos, e quando o comissário Jao António da Silva, da polícia do Rio, o foi interrogar reconheceu-o sem dificuldade...

Eis a história de Hamilton Bezani. Procurado pela polícia de São Paulo, escondeu-se no Rio de Janeiro, onde foi contactado por três outros criminosos conhecidos pelas alcunhas de o *Espanhol*, *Wilson Alemão* e *Acácio*, que o encarregaram de cometer um assassinio em Niterói, o qual traria aos quatro grandes vantagens. Dirigiram-se, portanto,

a Niterói, onde, antes de mais, se meteram num táxi e se fizeram conduzir ao «centro espiritualista». Encontraram a proprietária do local, uma tal Helena, e Hamilton Bezani foi apresentado a Miguel e a Manuel. O *Espanhol*, o *Alemão* e *Acácio* indicaram-lhe por gestos que estes dois homens eram as vítimas designadas. Durante a reunião que se seguiu, os criminosos souberam que Miguel e Manuel vinham de Campos, onde habitavam, e que deviam ir a São Paulo, onde projectavam comprar um novo carro e material eletrónico, e que tinham muito dinheiro.

Hamilton Bezani declarou que, no fim do encontro, recebeu ordem de se sentar ao volante e conduzir o *Espanhol*, o *Alemão*, o *Acácio*, Helena, Miguel e Manuel ao sopé do morro do Vintém. Aí obrigaram os dois últimos a descer e a dirigir-se para os arbustos da vertente da colina, enquanto Bezani esperava no carro (roubado). Meia hora mais tarde, os três homens e a mulher estavam de volta num estado de nervosismo aparente. O *Alemão* segurava uma bolsa que continha seis mil cruzeiros novos e disse a Bezani: «Matámos os dois. Obrigámo-los, sob a ameaça das pistolas, a tomar o veneno.» Partiram todos para Guanabara e marcaram encontro para o dia seguinte, mas Bezani, receando uma armadilha, não apareceu.

A polícia declarou que possuía uma pista e que não teria dificuldade em prender estes homens, pois se tratava de criminosos conhecidos. Uma notícia dos jornais pretendia que as autoridades já haviam detido Helena, sacerdotisa vodu.

#### *A OPINIÃO DE GORDON CREIGHTON<sup>2</sup>*

Numerosos jornalistas que se interessaram pela vaga de aparições de OVNIS surgida na América do Sul nos anos 60

---

<sup>2</sup> Gordon Creighton, linguista eminentíssimo, faz parte do corpo redactorial da *Flying Saucer Review*.

declararam não ter ficado nada satisfeitos com a resposta dada ao mistério do morro do Vintém. Um deles fez um comentário particularmente importante:

«No que diz respeito ao caso das máscaras de chumbo, estamos quase persuadidos de que a explicação dada pelas autoridades em Fevereiro de 1969 é falsa. Surgiu no momento preciso em que começou a grande operação dirigida pelas autoridades brasileiras contra a aparição de discos voadores e todos os que se interessavam pelo assunto. Também seria, na verdade, insensato da nossa parte interessar-nos pelo caso do morro do Vintém neste momento. Os que se interessavam pelos discos, no Brasil, estiveram sempre associados às actividades terroristas e, por consequência, nós devíamos mostrar-nos prudentes para não atrair a atenção sobre nós! A "explicação" oficial não se mantém de pé...»

É verdade que, se pensarmos no caso Dino Kraspedon<sup>3</sup>, o qual parece ter sido um terrorista iluminado que queria «pedir auxílio aos Venusianos», o scepticismo das autoridades brasileiras a propósito de todos os fenómenos paranormais,

<sup>3</sup> Sobre Dino Kraspedon, aliás Aladine Felix, a *Flying Saucer Review* (vol. XV, n.º 1, Janeiro-Fevereiro de 1969) citou na sua rubrica «World Round-up» a seguinte carta de Nigel Rimes: «No princípio de Agosto de 1966, Aladine Felix, aliás Sabado Dinotos, aliás Dino Kraspedon, apareceu na televisão e declarou publicamente que o seu livro *O Meu Contacito com os Discos Voadores* era uma pura invenção. Foi preso no fim de Agosto, com outras pessoas, e acusado de ser chefe de um grupo terrorista brasileiro. A imprensa fez-se eco das suas declarações, mas estas eram tão contraditórias e tão fantásticas que o pobre homem estava, sem a menor dúvida, desequilibrado. Dissera mesmo que a sua prisão teria sérias consequências para a humanidade, pois os seus amigos de Vénus atacariam a Terra para o libertar.» Pode pôr-se em paralelo esta carta significativa do senhor Rimes com a interessante ideia avançada por John Keel no seu livro *Operation Trojan Horse*. Segundo este, Kraspedon não seria simplesmente um mistificador que inventou uma história de discos voadores, mas um homem que passou realmente por uma experiência especial com indivíduos que pilotavam um OVNI, os quais o teriam debaixo do seu controle e haviam desenvolvido nele poderes psíquicos, tais como o de ter podido prever o assassinio do presidente Kennedy e de Martin Luther King...

Noutros termos, seriam «os Outros» os responsáveis. Kraspedon fora unicamente o seu instrumento.

compreendendo as curas psíquicas, nada tem de extraordinário.

A primeira impressão, a história contada por Hamilton Bezani parece lógica e muito provável. Mas será verdadeira? As duas vítimas saíram de suas casas em Campos, para se dirigir de autocarro a Niterói, na sexta-feira, 17 de Agosto, às nove horas, dizendo que iam a São Paulo para comprar um carro e material electrónico. O seu autocarro chegou a Niterói no mesmo dia, às catorze horas, e às dezassete foram vistos por um rapazito no morro do Vintém. A mesma testemunha descobriu os seus corpos putrefactos a 20 de Agosto, quando andava aos ninhos na encosta da colina...

Se Hamilton Bezani e os seus três amigos existem na verdade e se aquele, em 1969, cumpría uma pena de cinquenta anos de prisão, é inteiramente normal pensar que tal homem era um dom do céu para um Governo desejoso de dar uma explicação banal a uma morte dupla e, pelo menos, insólita. Como é que este velho delinquente, com cinquenta anos de prisão, não estaria disposto a obter uma diminuição de pena, ou um perdão puro e simples, mediante uma pequena «confissão» do género desejado pelas autoridades? No fim de contas, Hamilton não foi apresentado à imprensa como um dos assassinos propriamente ditos, mas sim como cúmplice.

Segundo a minha experiência pessoal da maneira como a polícia por vezes opera no Brasil, tenho a ideia de que Hamilton Bezani, se existe fora das colunas dos jornais e das declarações oficiais, goza de plena liberdade e estende-se talvez, com os seus companheiros, numa praia de Copacabana, enquanto as autoridades formulam votos para que nada mais faça pensar nos dois homens de máscaras de chumbo encontrados mortos no morro do Vintém. Quanto ao enigmático «homem louro», parece ter-se perdido pelo caminho, tal como Elcio Gomes!

Basta dizer que, em definitivo, o mistério se mantém intacto.

## O PATRIARCA HENOCHE O SEU «LIVRO»

Existem muitas personagens históricas cujo nascimento, vida e desaparecimento se mantêm misteriosos. O caso do patriarca Henoch, ou Enoch, apresenta singularidades particularmente perturbadoras.

A Igreja Católica não admitiu o *Livro de Henoch* no cânone dos livros santos, muito embora a Igreja primitiva o considerasse canônico. A Idade Média ignorou-o também. Julgava-se perdido, quando, em 1769, o viajante escocês James Bruce descobriu na Abissínia três manuscritos contendo uma versão deste texto, que, desde então, faz parte da *Biblia Apócrifa*<sup>1</sup>.

Antes de mais nada, o nome de Henoch dá matéria para várias interpretações. Uma das figuras da Bíblia que tem este nome é filho de Jared e pai de Matusalém (*Génese*, V, 18). Teria vivido trezentos e sessenta e cinco anos (número de dias do ano solar), de modo que quiseram incluí-lo no número dos «heróis solares».

No Antigo Testamento, o nome de Henoch aparece também como nome de clã, e numa versão italiana da Bíblia, traduzida sob a direcção de R. P. Bonaventura Mariani (Edit. Garzanti, 1964), diz-se, numa nota, que Henoch

<sup>1</sup> Cf. J. Bonsirven, *La Bible apocryphe en marge de l'Ancien Testament*, Fayard, 1953.

(hebreu: *hanoc*, começar) significa «iniciador», o que parece indicar que esta misteriosa personagem, de que se serviu a tradição judaica, dataria das mais longínquas origens da civilização hebraica. E se é autor do livro que se lhe atribui está certo que Moisés aluda várias vezes à existência de livros mais antigos que o *Pentateuco* e designados sumariamente como o *Livro das Guerras do Eterno* ou o *Livro do Justo*<sup>2</sup>, cujas breves passagens são citadas. Não é, portanto, impossível que Moisés se tenha servido do *Livro de Henoch* para compor os cinco primeiros livros da Bíblia.

Na opinião de alguns, Henoch seria originário da alta Mesopotâmia, da Arménia ou mesmo do Industão, o que parece confirmar o que já se disse sobre o Iniciador.

É, com efeito, esta última região que teria sido, segundo uma das tradições históricas mais acreditadas, o berço da primeira civilização indo-europeia. A profeta Edris, «autor de livros sobre o verdadeiro Deus», citado nos escritos muçulmanos, não seria senão Henoch, e segundo Joseph Karst, professor da Universidade de Estrasburgo, o génio *Karepet* (de *pari*, porta), que se encontra na mitologia armeno-caucasica, identifica-se com Henoch.

Além disso, a palavra *henoch* pode aproximar-se de *Eno* → *Oen* → *Oes* → *Oannes*, o herói civilizador da mitologia babilónica, espécie de homem-peixe que se identifica com Ea-Enki, ele também semelhante ao homem que sai do corpo dum peixe, deus das águas, do mar, dos rios, do conhecimento e das artes, que trouxe a sabedoria à Hamurabi e pertence ao panteão sumério.

O aparecimento e desaparecimento destas personagens míticas em circunstâncias misteriosas, a sua excepcional sabedoria e a sua intervenção a favor dos homens — trata-se da sabedoria de Enki em *Enûma Elish* ou *Poema da Criação* — permitem estabelecer aproximação, digamos, identi-

---

<sup>2</sup> *Nombres*, XXI, 14 e 27; *Josué*, X, 13; *II Samuel*, I, 18.

ficação, com Onnos (Hórus), o deus egípcio «que voa alto». Se o significado de Oen ou Oes é obscuro, não podemos esquecer que a palavra grega *oion* significa «ovo».

Viu-se que Oen e Oes se identificam com Ea-Oannes, sobre quem o historiador babilónico Berose (século IV a. C.) nos transmitiu indirectamente interessantes pormenores. A propósito de Oannes, «vindo do mar Eritreu e que parece saído do ovo primordial», pensa-se em certas expressões do *Livro dos Mortos* e certas descobertas feitas na Mesopotâmia parecem ligar-se curiosamente à lenda do «ovo primordial», muito embora os arqueólogos vejam nisto apenas uma coincidência. Além disso, os Egípcios atribuíam ao deus Onnos (Hórus) prerrogativas análogas às que os Mesopotâmios reconheciam a Oannes. Diziam que se «refugiava no seu olho» como Oannes no seu «barco». Falavam duma «rampa» para «se elevar no céu», de viagens entre as estrelas, de um «vaso de barro» onde se encerrava, e o animal que o representava simbolicamente era o falcão, ao qual se aplicava perfeitamente o epíteto de Hórus: «Aquele que voa alto».

Voltemos agora às diversas figuras bíblicas que usam o nome de Enos, Enoch, ou Henoch:

— Um era o filho mais velho de Caim, que, «em seguida, edificou uma cidade a que deu o nome de seu filho Enoch» (*Génese*, IV, 17).

— Um outro era filho de Seth e primo do precedente, portanto ele também neto de Adão. «É então que se começou a evocar o nome do Eterno.» (*Génese*, IV, 26).

— Um terceiro, «sétimo depois de Adão» (*Epistola de Judas*, 14), era filho de Jared e pai de Matusalém. Viveu trezentos e sessenta e cinco anos «e ele andou com Deus e não apareceu mais porque o Senhor o levou» (*Génese*, V, 18 a 24).

— Um quarto, enfim, filho de Rubem, «primeiro filho de Israel» e neto de Jacob, esteve na origem da família dos Henochitas (*Génese*, XLVI, 9, e *Nombres*, XXVI, 5).

A qual dentre estes se deve atribuir a autoria do *Livro de Henoch*? É muito difícil decidir. Segundo o conteúdo simbólico, religioso e «científico» do livro, a sua redacção parece posterior à do *Pentateuco*, mas não há nada menos seguro. Os exequetas vêem nele geralmente uma compilação de «escritos, profecias e exortações, que na maior parte são postas na boca de Henoch... o sétimo depois de Adão»<sup>3</sup>, pai de Matusalém, de quem se diz que não morreu, «porque o Senhor o levou».

É o que designa a versão eslava do *Livro de Henoch*. «homem sábio, grande escriba que Deus ajuda e ama». Também é assim tratado na *Epistola de Judas* (14), no *Eclesiastes* (XLVI, 16) e na *Epistola aos Hebreus* (XI, 5), onde se diz: «Henoch foi trasladado para que não visse a morte.»

Pode estabelecer-se uma ligação entre as figuras de Enoch e Elias, que não morreram *in corpore*. Segundo o testemunho de São Crisóstomo, de Santo Agostinho e de outros padres, não se sabe onde se encontram. Acrescentaremos também que, segundo uma antiga tradição judaica, *deviam voltar no fim dos tempos*<sup>4</sup>.

Diz-se na versão etiope que Henoch fora oculto da vista dos homens e que estes não sabiam o que lhe acontecera. «Ora ele encontrava-se com os Veladores», e chega-se agora ao texto eslavo ou *Livro dos Segredos de Henoch*<sup>5</sup>, que é verdadeiramente perturbador. Henoch, «homem justo, escriba de justiça... amado do Senhor», descreve os «seres de luz» aparecidos uma noite à sua cabeceira para o levarem para fora da Terra: «Então apareceram-me dois homens muito grandes, como nunca vira na Terra. As suas faces

<sup>3</sup> Albert Vincent, *Les manuscrits hébreux du désert de Juda*, Fayard, 1955.

<sup>4</sup> Cf. Ch. Michel e P. Peeters, *Evangiles apocryphes*, tomo I, pp. 240-241, Picard, 1911.

<sup>5</sup> J. Bonsirven, *op. cit.*, cap. XII, p. 33, e *Livre des secrets d'Henoch*, versão eslava, p. 227 e seguintes.

brilhavam como o sol, os olhos eram como tochas ardentes, da sua boca saía fogo; os fatos eram feitos de penas (!) de aparência variada.»<sup>6</sup> Este último pormenor encontra-se sempre nas vestes das diversas representações dos deuses ou dos génios assírios e babilónicos. «Os seus pés eram de púrpura, as asas mais brilhantes que o ouro, os braços mais brancos que a neve.»

Perante o terror de Henoch, os dois *homens* dizem-lhe: «Coragem, Henoch, na verdade nada receies: o Senhor eterno mandou-nos ter contigo. E eis que *hoje tu vens connosco para o céu*. Dá as tuas instruções aos teus filhos para a tua ausência.»

Henoch faz o que lhe ordenam: «*Não sei onde vou nem o que me acontecerá*. Não vos afasteis de Deus...» E é em seguida a assunção de Henoch que o levará de céu em céu até ao sétimo. Trata-se, na verdade, duma viagem real e de seres de carne e sangue e não de figuras místicas, visto que de todas as vezes Henoch diz expressamente: «Estes *homens* agarraram-me e levaram-me...»

O capítulo LXVIII e último faz um resumo da vida de Henoch e precisa que «escreveu trezentos e setenta livros» contendo a história das origens das criaturas. «Não se soube como Henoch foi levado e louvou-se Deus... Matusalém e seus irmãos construíram um altar em Achuzan. no local donde Henoch foi levado...»

Mas outras aproximações estabelecidas há pouco não devem ser desprezadas. Diz-se nos escritos rabínicos que Henoch foi recebido no número dos anjos e que foi conhecido pelo nome de Miguel, «um dos príncipes do céu que tem o registo dos méritos e dos pecados dos Israelitas». Mais ainda, «teve Deus e Adão como seus mestres», e os cristãos do Oriente pensam que ele é também o Hermes Trimegista dos Egípcios.

<sup>6</sup> *Idem.*

Numerosos aprócrifos falam também de Henoch e vários padres o citam. Parece, portanto, que não se pode pôr em dúvida a sua existência. Mas, tal como Elias, é dos que tiveram o privilégio de escapar à morte e de quem se diz «que estão vivos no corpo que receberam à nascença»<sup>7</sup>. E aí, para além de toda a interpretação teológica, o mistério mantém-se intacto.

Vejamos agora um pouco mais de perto o conteúdo desse famoso *Livro de Henoch*.

Numerosos exegetas pensam que se trata duma compilação formada por elementos heterogéneos e que só alguns dos capítulos que o compõem devem ser atribuídos a Henoch. Existem duas versões, uma etíope e outra eslava, que diferem sensivelmente<sup>8</sup>. O texto primitivo da versão etíope teria sido redigido em hebreu, em diferentes datas, no decorrer do século II a. C. O texto original da versão eslava foi provavelmente redigido em grego, no começo do século I a. C., por um judeu de Jerusalém.

Divide-se em cinco partes:

1. *A Queda dos Anjos e a Assunção de Henoch*, onde se trata da questão da união dos «anjos» com as filhas dos homens e o seu castigo;

2. *O Livro das Parábolas*, onde são evocadas em tom messiânico as atribulações dos homens e dos «maus anjos», e a distribuição dos castigos e das recompensas;

3. *O Livro da Mudança das Luzes no Céu*, que contém visões cosmológicas e revelações sobre a génesis do mundo;

<sup>7</sup> Michel e Peeters, *op. cit.*, p. 241, tradução da versão árabe do apócrifo intitulado *Histoire de Joseph le Charpentier*. A versão copta diz, falando de Elias e de Henoch: «Vivem na carne com que nasceram.»

<sup>8</sup> A tradução francesa da versão etíope é devida a François Martin e foi publicada por Letouzey e Ané, Paris, 1906; foi retomada em parte por J. Bonsirven, *op. cit.*, pp. 25-27. A tradução francesa parcial da versão eslava que figura na mesma obra (pp. 227-247) foi estabelecida a partir da tradução alemã de G. N. Bonwetsch, Leipzig, 1922.

4. *O Livro dos Sonhos*, sobre a história do mundo e a história de Israel;

5. *O Livro da Exortação e da Maldição*, que evoca o castigo dos pecadores e a esperança dos justos no Dia do Julgamento e confirma o que foi dito na introdução, onde se fala do Senhor «que virá no meio do seu exército» para julgar o mundo.

Na primeira parte, trata-se de uma categoria de anjos chamados *Veladores*, que, em número de duzentos, desceram sobre a Terra para se unir às filhas dos homens. Habitaram no nosso planeta, revelaram aos homens segredos funestos — técnicas que vieram demasiado cedo — e engendraram gigantes de que fala a Bíblia e que foram uma fonte de aflição para o género humano.

No entanto, os anjos bons intercederam junto do Senhor para que infligisse aos anjos culpados apenas um castigo provisório, o qual seria transformado em punição exemplar e irrevogável no Dia do Julgamento. Mas Deus ordena que a Terra seja purificada «de toda a opressão, de toda a violência, de todo o pecado» devidos à influência nefasta dos anjos caídos, e encarrega Henoch de fazer com que a sua sentença seja conhecida. Por que razão foi ele o escolhido?

Depois, Henoch foi transportado «para um local cujos habitantes são como um fogo ardente e, quando querem, surgem como homens (!). E levaram-me ao local da tempestade, e sobre uma montanha cujo mais alto pico tocava o céu...» Ali, numa sequência de visões, revelam-lhe os mistérios do universo. Mostram-lhe especialmente o local onde se encontram as almas antes do Julgamento e o vale destinado aos que serão amaldiçoados para toda a eternidade. É curioso notar que esta ideia de «vale» se encontra não só na definição bem conhecida da Terra, este «vale de lágrimas», mas também no não menos célebre «vale de Josafá», onde se deve realizar o Juízo Final, segundo a interpretação abusivamente dada à profecia de Joel, da mesma forma que

à concepção dantesca do «vale dos príncipes», no Purgatório. Henoch viu também o fogo que persegue as luminárias do céu, conceito que se encontrará mais tarde especialmente nos sete céus de Dante e na teosofia de Joachim de Flore.

No *Livro das Parábolas*, Deus revela a Henoch o que acontecerá nos tempos messiânicos: o céu e a Terra serão transformados, e o *Eleito da Justiça*, ou o *Filho do Homem*, virá no Dia do Julgamento fazer reinar a equidade. (Segundo os Evangelhos, esta *parusia* ou segunda vinda do Messias será seguida de uma palingénésia, de um renascimento num corpo glorioso dos justos e recuperados. E o *Apocalipse* de João precisa que haverá «novos céus e uma nova Terra».) Vem seguidamente a ascensão de Henoch, que se pode aproximar às de Noé, Moisés e Elias.

No *Livro das Mudanças das Luzes do Céu* são expostas as leis que regem o curso dos astros, e o anjo Uriel fala a Henoch das alterações celestes que surgirão quando da condenação dos reprovados.

No *Livro dos Sonhos* alude-se a duas outras visões de Henoch: o terror suscitado pelo Dilúvio e uma história alegórica do povo judeu que se pode estender talvez a toda a humanidade. Aí, os homens são representados por animais que estão sobre a protecção dos sete anjos fiéis.

O *Livro da Exortação e da Maldição* contém um resumo da história do mundo ou *Apocalipse das Semanas*, dividido simbolicamente em dez «semanas» — certos exegetas assemelharam uma semana a um milénio —, sete das quais se referem ao passado e três ao futuro. Cada uma tem um nome simbólico: há o período da espada, do signo messiânico, da conversão dos gentílicos, do Juízo Final, da aparição de nove sóis. É possível que São João se tenha inspirado nele para escrever o seu *Apocalipse*.

Uma certa falta de unidade e a repetição de certos capítulos parece indicar que a obra é uma compilação de escritos redigidos em épocas diferentes.

É preciso notar que a concepção esseniana da transfor-

mação da alma em luz e energia, indo ao ponto de a identificar com uma estrela, se encontra em certas considerações henochianas — concepção cuja influência ainda se faz sentir em certos sábios da época moderna.

A propósito dos essenianos, sobre quem muitas coisas há a dizer, é interessante lembrar que a sua doutrina associa os dois mundos, físico e espiritual, o que parece quase como uma antecipação da fusão tomista «da ciência e da fé». Nos nossos dias, certos comentadores «discófilos» aliaram-se a esta posição, em especial o professor florentino Ernesto Micaelles, mais conhecido pelo nome de Ernesto Thayaht. Fundador do CIRNOS, o primeiro centro nacional de pesquisas sobre os objectos voadores não identificados, as suas *Meditações Filosóficas sobre o Sentido Místico da Energia Radiante*<sup>9</sup> estão próximas da *Teoria Original sobre os Discos Voadores*<sup>10</sup>, de Pietro Gaspa, que vê nos citados fenómenos a intervenção de inteligências superiores, de certo modo assemelháveis aos *Veladores* henochianos dos antigos tempos. O próprio Dante retoma na *Divina Comédia* o energetismo esseniano quando descreve a irradiação luminosa de fé e amor dos espíritos angélicos e a rosa dos bem-aventurados.

Precisemos, no entanto, que a matéria propriamente «científica» do *Livro de Henoch* é elementar e desordenada, tal como aparece nos desenvolvimentos proféticos, alegóricos e cosmológicos, de carácter essencialmente simbólico.

A antiguidade da obra é atestada por numerosas citações que se encontram nos escritos posteriores. Entre as menções mais antigas, temos dois fragmentos dum samaritano anónimo, recolhidos por Alexandre Polyhistor (século I a. C.) e depois conservados e transmitidos por Eusébio de Cesareia (século IV). Para este último, Henoch seria o pai da astro-

<sup>9</sup> *Spazio e Vita*, ano II, n.º 2, Maio-Junho de 1959, p. 51; publicação mensal da Stab, Tip. Sallustiana, Roma.

<sup>10</sup> P. Gaspa, *Originale teoria sui dischi volanti*, Tipografia Velox, Nuoro (Sardenha).

logia e estaria na posse dum saber transmitido pelos «anjos», com os quais se encontraria em contacto directo.

Mas existem outras citações em diversos textos apócrifos, em particular no *Livro dos Jubileus* (IV, 17): «Henoch foi o primeiro homem nascido sobre a Terra que aprendeu a escrita e a ciência do saber, e que descreveu os sinais do céu, seguindo a ordem dos meses num livro<sup>11</sup>, a fim de os homens poderem conhecer as estações do ano...» Mais adiante diz: «Henoch viu o passado e o futuro numa visão, durante o sono, e o que acontecerá aos homens até ao dia do Julgamento; viu e comprehendeu todas as coisas e escreveu o seu testemunho...» E por fim: «Nestes seis jubileus de anos (cinquenta vezes seis igual a trezentos?), esteve com mais frequência com os anjos de Deus, e eles mostraram-lhe tudo o que há na Terra e nos céus... e os *Veladores* que pecaram com as filhas dos homens.»

Outras alusões figuram no *Apocalipse de Baruch*, no *Testamento dos Doze Patriarcas*, no *Betha Midrash* — onde Henoch por sua vez se torna um «anjo» e fala da sua vida terrestre — e em *Zohar*, que cita um passo do *Livro de Henoch*. Este contribuiu para espalhar a ideia da espera do Messias, do Juízo Final e do futuro reino, e também influiu muito na literatura hebraica e cristã. Mas, se numerosos autores cristãos se lhe referem explicitamente, só é citado num escrito canónico, na *Epistola de Judas*. Pode lamentar-se que o texto original se tenha perdido e que as versões em arménio, em grego e em latim estejam incompletas; só a versão etíope parece completa. As duas versões eslavas que se conhecem, e que diferem sensivelmente da precedente, também estão incompletas.

Para concluir, digamos unicamente que crentes e agnósticos se opõem radicalmente quanto à interpretação deste texto perturbador, os primeiros não dando importância senão

<sup>11</sup> J. Bonsirven, *op. cit.*, p. 86.

à interpretação mística, os outros considerando, com certa razão, que se trata dum documento de peso a favor da tese da intervenção de astronautas de origem extraterrestre na história da humanidade dos tempos bíblicos.

Que cada um sonhe, enquanto se esperam novos elementos de apreciação — documentos... ou contactos! — que vêm trazer uma resposta definitiva a este fascinante enigma.

## MENSAGENS DOS EXTRATERRESTRES

por AURELIO DE GRASSI

Há anos já que numerosas pessoas por esse mundo, quer se trate de iluminados de boa fé e de intenções caridasas, quer de simples escroques, pretendem ter entrado em contacto com os Extraterrestres, que os haveriam encarregado duma missão de paz junto dos homens!... Citemos, por exemplo, os nomes de George Adamski, Dino Kraspedon, físico, João de Freitas Guimarães, professor de Direito, Howard Menger, Salvador Villanueva, Orfeu Angelucci, Cedric Alligham, Bob Renaud, Buck Nelson, etc.

### *QUEM É EUGENIO SIRACUSA?*

O caso de Eugenio Siracusa pareceu-nos o mais interessante. Este siciliano nascido em Catânia é um quinquagénario de personalidade atraente (*foto 7*). Homem modesto, afável, seguro de si, tem dois filhos e é estimado por quantos o conhecem, tanto no plano privado como no profissional (é funcionário na Alfândega de Catânia).

Eis o que ele nos contou da sua extraordinária aventura.

### *O RAI*

«Fizera há pouco trinta e três anos. Por razões profissionais, levantara-me cedo, como de costume. Chegado à Piazza

dei Martiri esperava o autocarro e encostara-me à balaustrada em frente ao mar. De súbito, vi no céu uma espécie de círculo luminoso duma cor branca-azulada (como se fosse mercúrio) girando com grande velocidade. Esta luz tornava-se mais viva à medida que se aproximava.

Depois, comecei a distinguir no interior um objecto que se assemelhava a um grande pião ou a um chapéu de padre, que parou junto de mim.

Confesso que me senti aterrorizado.

Queria fugir de qualquer maneira; estava como que paralisado. Que poderia ser aquele objecto? Uma miragem? Um aparelho em experiência? Mil pensamentos giravam na minha cabeça, quando saiu dessa "coisa" um raio luminoso em forma de prego virado que me atingiu e me penetrou inteiramente.

Ao mesmo tempo, invadiu-me uma beatitude indescritível. Todo o medo desapareceu. Um instante depois, o raio diminuiu como se tivesse sido aspirado pelo engenho, um pouco como a marcha luminosa que se forma no écran quando se apaga o televisor. Quando o raio desapareceu, essa "coisa", que era um verdadeiro disco voador, como compreendi em seguida, descreveu um arco de círculo no céu e desapareceu no horizonte.

Tendo retomado consciência, compreendi imediatamente, com uma intensidade e convicção crescentes, que me acontecera uma coisa extraordinária: uma espécie de reestruturação da minha personalidade, de todo o meu ser.»

#### *A «VOZ» INTERIOR*

«O choque foi terrível. Sentia-me fisicamente muito mal. Como se isto não bastasse, apercebi-me, olhando à minha volta, de que tudo, desde a geometria das casas à forma dos

carros que passavam por mim, feria o meu novo sentido estético: tudo me parecia arcaico.

Não me sentia com disposição de ir trabalhar e voltei para casa. Dia de profunda crise! De súbito, comecei a ouvir uma voz interior que me falava.

Este dia, em que fazia trinta e três anos, foi para mim o de uma verdadeira reviravolta metafísica.

Esta voz interior começou a instruir-me sobre geologia e cosmologia: revelou-me os mistérios da Criação; fez surgir no meu espírito visões do passado, das minhas existências precedentes; fez com que recordasse que há doze mil anos fora estudante em Poseidónis, na Atlântida; fez-me reviver essa época maravilhosa, onde a sabedoria e o amor eram os fundamentos da civilização. Eu, que nunca tivera a mínima inclinação para desenhar, senti de repente esse desejo.

... Desenhei a forma e a posição dos continentes na época lemuriana e na época atlante, tal com nas épocas anteriores.

Essa remodelação de mim próprio foi possível graças ao contacto telepático que se estabeleceu entre mim e os seres extraterrestres. Depois, tal percepção extra-sensorial foi-se aperfeiçoando em mim e onze longos anos se passaram antes de poder encontrar fisicamente os meus instrutores extraterrestres.

Entretanto, fundei o Centro de Estudos e de Fraternidade Cósmica, cujo emblema são duas mãos que se apertam, encimadas por um disco voador tendo por baixo as palavras "Do Céu à Terra". Este centro tem aderentes um pouco por toda a parte e sucursais em diversas cidades, da Sicília à Lombardia, da Campânia à Toscânia, no Lácio, em Emilia, em Veneza e na Calábria.

Tenho correspondentes em diversas partes do mundo, e há entre mim e eles uma constante troca de ideias.

Estou em contacto com vários centros de "ovnilogia" em Itália e no estrangeiro.»

**PRIMEIRO ENCONTRO  
COM OS EXTRATERRESTRES**

«O ensino telepático foi, finalmente, seguido do meu primeiro encontro com os Extraterrestres.

Certa noite, em 1962, senti de repente a necessidade de me dirigir para o Etna. Meti-me no carro e parti.

Tinha a impressão nítida de que este era guiado não por mim, mas sim por uma força superior.

Segui uma estrada cheia de curvas e alcancei o monte Manfré, a mil e quatrocentos metros de altitude. Parei à beira da estrada e meti-me a pé por um carreiro que conduzia à cratera extinta.

Estava pouco mais ou menos a meio da encosta quando vi destacar-se contra o negro da colina a forma de duas personagens, cujo fato-macaco espacial prateado luzia, iluminado pela lua cheia.

Eram altos, de aspecto atlético, cabelos louros caídos pelas costas, com uma espécie de pulseiras nos pulsos e nos tornozelos, um cinto fosforescente na cintura e umas curiosas placas no peito. Ao vê-los fiquei gelado e senti-me inundado de suor.

Há onze anos que esperava ardente mente este momento, mas o local isolado, o silêncio que nos cercava, a escuridão da noite e o encontro imprevisto eram factores que, na verdade, não concorriam para me dar coragem e calma. Contudo, o medo durou pouco.

Um dos Extraterrestres apontou para mim um facho luminoso dum aparelho que tinha na mão e, de repente, o meu ser foi percorrido por um estremecimento especial, senti uma calma e uma serenidade indescritíveis...»

*A MENSAGEM*

«Olhei os dois na cara: iluminados pela lua, apercebi-me de rostos de traços regulares e de um olhar ao mesmo tempo austero e doce. E eis que um deles me dirige a palavra em italiano: "A paz seja contigo, meu filho. Esperávamos-te. Grava no teu espírito o que te vamos dizer." E ditaram-me uma mensagem para enviar aos chefes de Estado e responsáveis da Terra. Era um aviso colectivo para fazer cessar todas as explosões atómicas, e também uma exortação para se trabalhar pelo progresso e bem-estar da humanidade, no sentido da justiça, da liberdade, do amor e da fraternidade.

Foi o meu primeiro encontro físico com dois Extraterrestres. Tive, depois, outros mais. Por vezes, conversei com eles durante algumas horas.

Soube especialmente que fazem parte duma espécie de Confederação, à qual aderem os habitantes de cerca de seiscentos planetas, que são os guias da espécie humana do nosso planeta e que devemos considerá-los como irmãos mais velhos, que vêm até nós preocupados por nos verem proceder mal.»

Eis como acabou a entrevista que nos concedeu, em 1971, Eugenio Siracusa, na agreste calma da sua casinha de Santa Maria la Stella, sobre a vertente oriental do Etna.

## O CASO UMMO

por FERNANDO LAMPERI

*Desta vez, foi em Espanha que aconteceu esta extraordinária aventura, a qual, se é autêntica, dd que pensar...*

Astronautas originários do planeta Ummo seriam, com efeito, habitantes da Terra desde 1950, e desde 1965 teriam estabelecido contactos telefónicos e relações epistolares com uma vintena de funcionários, de engenheiros e de médicos residentes especialmente em Madrid e em Barcelona. Estes receberam pelo correio fotocópias de documentos relacionados com física, cosmologia, astronáutica, sociologia, biologia, astronomia, direito, etc., onde se encontram expostas ideias interessantes e originais.

Seguiram-se peripécias rocambolescas em que participaram, entre 1968 e 1970, a justiça espanhola e a CIA. A imprensa espanhola fez-se eco e outros países — França, Alemanha, Estados Unidos, Canadá e Austrália em especial — receberam uma documentação ummita redigida em diferentes línguas.

Entre todos os testemunhos, destaca-se o do professor, escritor e jornalista Fernando Sesma Manzano. No seu livro *Ummo, Otro Planeta Habitado* (ed. SAEGE, 1967, Calle Tomas Breton, 51, Madrid) faz uma descrição muito pre-

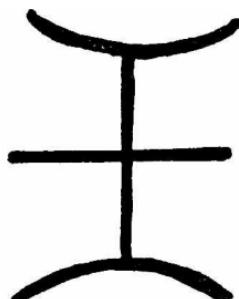
cisa do grau de civilização que atingiram os seres inteligentes que habitam este planeta, o qual gira a catorze anos-luz da Terra, em redor da estrela Jumma (provavelmente, a Wolf 424 dos nossos catálogos).

A 3 de Junho de 1966, numerosos diários, entre os quais o *Ya e Madrid*, publicaram este comunicado da Agência Fiel:

«Don Fernando Sesma, fundador e presidente, desde 1954, da Associação dos Amigos dos Visitantes do Espaço, anunciou, a 30 de Maio de 1966, a aparição de um veículo, que vinha do planeta Ummo, na data e na região onde, depois, foi efectivamente visto.»

Este anúncio foi feito perante numerosas pessoas, às quais mostrou um documento atestando a veracidade das suas afirmações. Na parte de trás, todas as testemunhas assinaram e acrescentaram a sua direcção, para certificar que o professor dera esta informação na data indicada.

O documento em questão, que foi mostrado ao redactor da Agência Fiel, tem impresso em vários sítios o mesmo sinal avistado na parte inferior do disco voador que aterrou na exploração agrícola de Aluche, a 6 de Fevereiro de 1966<sup>1</sup>, tal como no engenho que foi observado, a 1 e 2 de Junho de 1966, próximo da herdade de San José Valderas, perto da estrada de Boadilla del Monte (Madrid).



<sup>1</sup> O facto foi mencionado pelo diário *Informaciones de Madrid* e pelas Agências CIFRA e EFE, e também se publicaram fotografias mostrando os traços deixados pelo objecto ao aterrar. Houve numerosas testemunhas cujos desenhos do engenho foram publicadas nos jornais.

Este sinal, que o professor Sesma já recebera antes, aquando das precedentes comunicações ummitas, significaria: *Governo Geral de Ummo, composto por quatro membros!*

Nas páginas 190 e 191 do seu livro, o professor acrescenta: «Quanto ao documento que traz este sinal tenho-o na minha frente. O Grupo dos Amigos do Espaço, testemunha do facto, reúne-se todas as terças-feiras à noite na cave do Café Leon, Calle de Alcalá, 59, Madrid. Quem quiser pode lá ir e convencer-se da sinceridade dos membros e de quanto são sérios.»

Na mesma rua de Madrid, no número vinte, existe a Associação de Estudos Cosmológicos Eridan. Recordemos que em 1968 o padre Enrique Lopez Guerrero, pároco de Mairena del Alcor (Sevilha), fez revelações «explosivas» relatadas pelo diário *ABC*. A esta fonte de informações acrescenta-se presentemente uma outra que poderia reforçar a famosa hipótese da presença de seres inteligentes noutros planetas.

Damos a palavra ao professor Sesma (*op. cit.*, p. 8):

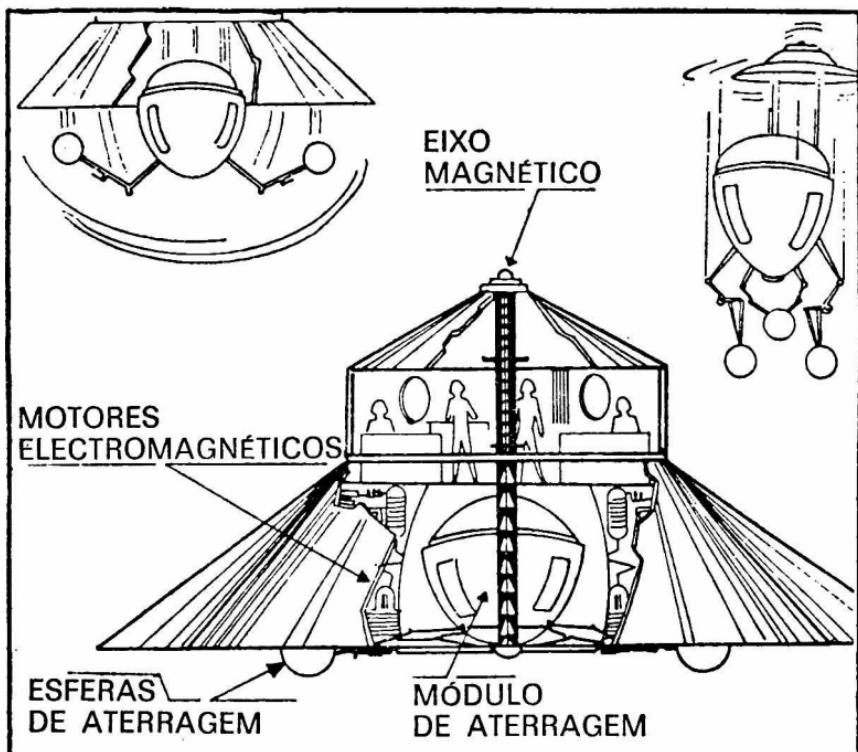
«Creio que era uma manhã da primeira quinzena de Janeiro. Alguém de acento esquisito perguntou por mim ao telefone. Quando teve a certeza de que era realmente eu repetiu umas palavras estranhas num tempo suficiente para que eu pudesse não só ouvi-las, mas transcrevê-las também.

Fiel às palavras de Rabindranath Tagore, que, creio, disse “o que fecha a porta ao erro deixa a verdade de fora”, penso que foi, da minha parte, uma prova de paciência e boa vontade.

O meu interlocutor anunciou-me por fim que me enviria alguns objectos e informações de origem extraterrestre.

Horas antes de a notícia ser relatada nos jornais, recebi, por telefone, os dados do engenho vindo do planeta Ummo. Disseram-me também que sempre na mesma data, 6 de Fevereiro de 1966, duas outras astronaves aterrariam: uma nas proximidades de Eriwan (U. R. S. S.) e a outra perto de Townville (Queensland, Austrália).

Depois, foi-me explicado por escrito que nessas astronaves não existia abertura porque o seu sistema de propulsão não é fundado no princípio do disco. É evidente que as testemunhas de Alluche fizeram confusão (nos desenhos que foram publicados).



*Esquemas do engenho vindo do planeta Ummo. Observar o eixo magnético, os motores electromagnéticos, as esferas de aterragem e o módulo de aterragem*

Aceitando a oferta do meu interlocutor telefónico, escolhi eu próprio os assuntos mais interessantes e formulei as perguntas, muitas das quais receberam uma resposta imediata. Às outras, dada a sua complexidade e abundância de do-

cumentação que exigiam, recebi pelo correio respostas dactilografadas.

Copio textualmente, à parte algumas omissões, as informações obtidas, de acordo com o combinado aquando das nossas primeiras comunicações telefónicas:

"Desejamos informar o planeta Terra acerca das nossas origens e das intenções que nos levaram a visitá-lo. Vimos de Ummo, um planeta que gira em volta da estrela Jumma, registada nos mapas astronómicos da vossa Terra sob a designação de Wolf 424 [op. cit., p. 12]. No entanto, não temos a certeza absoluta, pois, presentemente, não conseguimos fazer observações terrestres para comparar as suas referências com as das nossas tábuas de coordenadas astronómicas. Não se pode fazer ideia da dificuldade que há em comparar e verificar o vosso sistema de referência astronómico com o nosso (p. 49).

A 12 de Janeiro de 1955 (era cristã terrestre), recebemos instruções relativas à orientação e aos limites destas informações. Tendo sido aprovado o texto, ocupamo-nos presentemente em transcrevê-lo, esperando não encontrar obstáculos intransponíveis. Utilizamos a língua espanhola:

As dificuldades de tradução e de expressão dos nossos conceitos nas línguas estrangeiras são imensas. Se bem que tenhamos notado a espantosa semelhança que existe entre as estruturas biológicas dos nossos dois planetas, ficámos surpreendidos por ver que os nossos respectivos meios de comunicação social diferem em grau extremo. Em numerosos casos, as nossas expressões não têm qualquer equivalência, mesmo longínqua, com qualquer das línguas terrestres que até agora conhecemos: inglês, espanhol, grego clássico, grego moderno, alemão, italiano, francês e árabe."

A pessoa com quem estou em relações telefónicas chama-se *Deii 98*, filho de *Deii 97*.

No que diz respeito à arte, o meu interlocutor disse-me que o nosso planeta é maravilhoso. Se me não engano, além de em arquitectura, somos-lhes muito superiores em litera-

tura, escultura, pintura e sobretudo em música, como em todas as artes em geral.

Transcrevo aqui o que se afirma, a propósito de pintura, num dos relatórios escritos:

"Com toda a objectividade, devemos reconhecer que Umno está na verdade atrasado neste domínio em relação à humanidade terrestre.

Presentemente, compreendemos que uma descoberta técnica realizada por nós na primeira fase da nossa história conseguiu atrofiar o desenvolvimento das manifestações pictóricas e esculturais, tais como se formaram no vosso planeta."»

O conceito de alma (*Buuawaa*) coincide de modo espan-toso com o da actual teologia da religião católica; é uma entidade adimensional que existe fora do espaço-tempo. Não há, portanto, lugar para perguntar se existe antes ou depois do corpo, visto que se situa fora de toda a relação temporal.

Ora, se a alma é adimensional e, portanto, escapa ao controle dos instrumentos físicos mais precisos, como pode ser provada cientificamente a existência do *Buuawaa* ou princípio imaterial de vida no mundo dos Ummitas? O professor Sesma Manzano, citando o seu correspondente extraterrestre, explica-nos (p. 37):

«No ano 315/53750 *Uiw* de Umno, o biopsicólogo *Noi* 3, filho de *Noi* 2, descobriu no encéfalo a presença de alguns átomos isolados do gás inerte crípton. Este gás, como se sabe, não se combina com qualquer outro elemento químico. Esta descoberta parecia estranha, não só porque o número de átomos era muito reduzido, como também porque, em sequência de cálculos estatísticos sobre os cérebros das pessoas vivas, estes átomos estavam sempre situados na mesma zona e na mesma profundidade do hipotálamo.

Portanto, não era obra do acaso.

Um ajudante de *Noi* 3, o biólogo *Sooie* 996, filho de *Sooie* 993, efectuou seguidamente certos exames sobre a coroa electrónica destes átomos para observar as alterações

quânticas possíveis provocadas pelas prováveis transferências de energia.

Os físicos terrestres, tal como os cosmólogos ummitas, estão de acordo sobre o facto de os *quanta* de energia não se comportarem segundo as leis físicas; que só o acaso determina o comportamento dum electrão orbital num átomo livre; que a teoria da mecânica quântica de Werner Heisenberg, relativa ao "princípio de indeterminação", é, no conjunto, admitida pelos sábios deste planeta.

Todos os nós atómicos são rodeados por uma nuvem de electrões, situados em diversos níveis de energia: a cada nível, a posição de cada electrão é provavelmente uma função de probabilidade e, por consequência, puramente fortuita.»

### A PROVA DECISIVA

«Na noite 76 do ano 315, *Sooie 996* ficara com um assistente especialista no grande laboratório de biopatologia de Undeesaa.

*Gaa I*, filha de *Biua 4535*, estava deitada, despida, numa sala própria para este efeito, e do ar tinha sido eliminado toda a espécie de gás *diiuyaa* (crípton). Uma série de sondas perfurava a zona parietal direita do seu crânio. Naturalmente, se bem que se encontrasse sob anestesia local, nenhum outro dos seus órgãos, dependente ou não da vontade, se achava inibido.

Um certo número de aparelhos que controlavam as funções fisiológicas tinham sido distribuídos sobre todo o seu corpo.

*Sooie 996* estudava neste momento a coroa electrónica dum átomo de crípton situado no córtex do terceiro ventrículo sob o tálamo de *Gaa I*. Num quadro de controle, números fornecidos por um calculador e dispostos em colunas indicavam a posição provável de cada electrão, em todos os momentos, relacionados com um número tomado como ponto

de referência. O salto correspondia aos movimentos voluntários dos braços, dos pés, dos órgãos vocais, mas não aos movimentos reflexos ou aos impulsos emitidos pelo sistema neurovegetativo.

Mas não era nisto que consistia a prova definitiva.

Durante a primeira parte da investigação acreditou-se que os movimentos "codificados" na órbita electrónica do cripton estavam "condicionados" ou então que eram efeito dos neuro-impulsos emitidos pelo encéfalo do ser vivo, se bem que não se compreendesse o funcionamento de tal "código" no átomo isolado do gás inerte.

Mas no dia 94 do ano 315 realizou-se uma nova e espanhola descoberta: os movimentos harmónicos precediam o comportamento da rapariga, ou, digamos de outro modo, produziam-se com um avanço de um milionésimo de milissegundo terrestre em relação a outras reacções neurofisiológicas do organismo. Parecia quase que os electrões constituíam a alma da rapariga e ditavam ordens ao seu corpo (*Oemmi*).

Se estes electrões não se deslocavam "ao acaso", como acontece habitualmente, devia existir um "facto independente" capaz de exercer um controle sobre eles.

Naturalmente, prosseguiram as experiências até se estabelecer a prova científica da existência do *Buuawaa* (alma) graças à descoberta do factor intermediário entre a alma e o corpo ou *Oembuuaw*, integrado pelos átomos isolados de cripton.

Estamos convictos de que no dia em que vós, Terrenos, descobrirdes este terceiro factor do homem, se dissiparão todas as dúvidas que ainda podeis ter sobre o reconhecimento do princípio do livre arbítrio.»

O informador ummita que transmitiu a Sesma Manzano as informações citadas precisou, a apoiar esta descoberta transcendente, que o campo das experimentações não se limitou exclusivamente aos seres humanos, mas que se estendeu a todos os seres orgânicos monocelulares e pluricelulares, e que, além disso, foram analisados todos os tipos de vírus

e os compostos orgânicos auto-reprodutores; os resultados foram decepcionantes.

«Só se teve certa esperança, quando, no ano 376, foram descobertos os átomos de cripton nos mesmos pontos do encéfalo duma espécie de antropóide do nosso planeta (semelhante ao vosso chimpanzé, mas mais inteligente): os elétrões deslocavam-se segundo a função de probabilidade habitual em todos os átomos naturais.»

Bem entendido, que se se considera o conceito «alma» como independente ou exterior à unidade metafísica «espaço-tempo» e, por consequência, se se liga ao conceito moderno da teologia católica, pode afirmar-se que existe uma alma nos seres biológicos não humanos?

Até aqui não temos certezas e preferimos abster-nos de formular hipóteses.

Além disso, o divino *Ummowoa*, nas suas revelações transcendentes, referiu-se exclusivamente ao binómio *alma-corpo humano* (*Bruuawoemii*). E, segundo ele, quando o processo evolutivo dos seres vivos (desde o aparecimento das primeiras moléculas proteicas ao, em Ummo, dos seres antropóides) acaba numa estrutura neurocerebral complexa testemunhando um nível superior de inteligência animal, *Woa* (Deus, o «Criador») fez controlar estes *Oemii* por *Buuawaa*, quer dizer, o corpo pela alma, assumindo esta a plena responsabilidade do comportamento do ser humano.

Até aqui, parece que a ciência neste planeta está de acordo, como é natural, com as palavras divinas de *Ummowoa*, se bem que um certo ceticismo seja habitual entre os sábios ummitas.

#### A MENSAGEM DE UMMO

O professor Manzano esclarece-nos (p. 21) que toda a população de Ummo vive num só continente, forma uma só nação e pertence a uma raça única. No entanto, os Ummi-

tas conheceram, no decorrer da sua história, guerras e outras calamidades, psicoses colectivas, governos autoritários e ditaduras. Eis algumas informações fornecidas ao autor pelo seu informador extraterrestre:

“O regime mais despótico que Ummo conheceu coincide com a tomada do Poder, no ano de 1301 da nossa Era Segunda, por *Ie 456*, filha de *Na 312*, que se distinguiu desde a sua infância por uma inteligência notável.

Durante o seu governo, apareceu uma teoria filosófica heterodoxa, segundo a qual o Universo seria criado por uma pura abstracção mental dos homens. O destino dos Ummitas dependeria da intensificação das pesquisas científicas, permitindo esta o aumento da “criação”! *Woa* (Deus) seria simplesmente o povo de Ummo tomado no seu conjunto, e *Ie 456* declarou ser o cérebro de *Woa*. Tal era o credo oficial então imposto.

Fica-se espantado com a ideia de que uma jovem rainha autoritária pôde subjugar milhões de seres, e se proclamou “senhora absoluta” de todos os seres humanos deste planeta! Instituiu um verdadeiro ritual e toda a população devia prestar-lhe culto. Declarou que a suprema finalidade de Ummo devia ser a investigação científica e que se se provasse ser necessário que todos se desvessem imolar no altar da ciência, ela não teria qualquer escrúpulo em os destruir.

Instaurou-se um clima de terror até à misteriosa morte de *Ie 456*. Sua filha *Wie 1*, que mal atingira os doze anos (terrestres), sucedeu-lhe; não tinha nenhuma das qualidades intelectuais da mãe, mas era muito mais vaidosa e sádica: o seu reinado foi marcado por quatro milhões de vítimas.

A morte inesperada e tão desejada de *Ie 456* foi seguida por uma reacção geral de ódio por tudo o que representasse “ciência”: destruíram-se maravilhosos laboratórios, universidades, bibliotecas, fonotecas e centrais termonucleares. Como reacção, viu-se ressurgir a investigação filosófica, o estudo das faculdades telepáticas, trabalhos de matemática

pura, e toda a sociedade ummita sofreu uma transformação profunda.

Da "pedocracia" (*Ummotaeeda*) passou-se ao regime da "policracia" (*Ummoaelewe*), que ainda existe (1966 da era cristã), com algumas modificações.

Durante o doloroso período histórico do governo de *Wie 1*, a planificação industrial estendeu-se a todos os sectores e milhões de homens e mulheres foram arrancados aos seus lares para irem trabalhar como escravos ou para servir de cobaias nas experiências biológicas. Entre os que estiveram sujeitos a tal sorte, conta-se *Ummowoa*, que foi trabalhador na construção de heliomotores no planalto de Siuu.

*Ummowoa* («Regenerador de Ummo») nasceu no ano de 1282/03, na colónia de *Iosaaxii*, sob o regime do sábio *Oggiaa Oes 17*, filho de *Oes 14*.

É graças a ele que a crença no único verdadeiro Deus se expandiu de novo entre o povo, e que foi instaurado, pela primeira vez, um verdadeiro culto religioso.

Era durante a noite que este apóstolo de corpo de atleta reunia em seu redor centenas de homens de origem humilde mas também técnicos, médicos, biólogos, filósofos e professores, reduzidos a trabalho forçado por um regime despótico.

O seu ensino foi transmitido sob a forma de mil e duzentos *Taaú* ("parágrafos") e serviu de guia espiritual até à época actual. Alguns dos seus sermões foram registados em fita magnética com imagem incorporada. Ele próprio se qualifica de Deus.»

Finalmente, este Cristo extraterrestre, que também trouxe palavras de paz e amor, foi preso pela polícia, torturado, condenado à morte, mas — oh milagre! — o seu corpo desapareceu, «desmaterializou-se sob os olhos dos carrascos!

O professor Manzano disserta seguidamente acerca da organização política e social do planeta Ummo e nós enviamos o leitor curioso para a obra citada, que ele apresenta

como um livro o mais possível «sério». Eis um último extracto:

### PEQUENO DICIONÁRIO UMMITA

*Buuawaa* — alma

*Buuawoemii* — união da alma e do organismo humano

*Diiuyaa* — crípton

*Dorco* — banda magnética som-imagem

*Gee* — homem

*Oiwi* — ano

*Oemmii* — corpo

*Oemmioyagaaa* — homens da Terra

*Oemii* — corpo humano

*Oemiiia-Bii* — hominização

*Onawo-Vii* — centro politécnico

*Onawo-Wua* — universidade de matemáticas

*Oolga* — física

*Taaú* — parágrafos-artigos (de fé) proposições (de Woa)

*Uiw* — minuto unidade de ângulo (igual a trinta e um graus terrestres)

*Uaa* — código moral

*Ummoalewe* — conselho geral de Ummo

*Ummogaiao Da* — fórmula de identidade

*Ummotaeeda* — grande centro de instrução

*Waam* — Cosmo

*Waam-Toa* — cosmologia

*Woa* — Deus

*Yiee* — mulher

Ao ler tal documento pensa-se evidentemente numa história inventada por qualquer iluminado embrenhado em ficção científica. No entanto, não é correcto emitir uma opinião leviana, porque muitos factos perturbadores e verificáveis envolvem estas «revelações», e não é provável que se

tenha podido montar uma história tão complexa que põe em jogo tantas pessoas e organismos oficiais.

Assim, contentámo-nos em expor, sem comentários, alguns elementos deste processo — ainda não encerrado — a incluir nos anais do insólito.

## ENCONTRO COM OS EXTRATERRESTRES

por SERGIO CONTI

Em monte Moro, perto da pequena cidade de Macugnaga (província de Novara, Piemonte), o radiotécnico Antonio de Rosa, de trinta e dois anos, instalou uma pequena estação de rádio para seguir o lançamento dos satélites e das naves espaciais americanos e soviéticos.

Foi aí que, em Junho de 1972, viveu uma extraordinária experiência: o encontro com três seres tripulantes de um veículo espacial.

Uma noite de Junho de 1972, às vinte e três e trinta, De Rosa encontrava-se no seu observatório, ocupado a regular o receptor de rádio, quando faltou a corrente. Saiu para tentar descobrir a origem da avaria e, de súbito, ficou paralisado de terror. Estavam na sua frente três indivíduos que mediam perto de dois metros. Cabeça descoberta, esbeltos, usavam um fato-macaco justo de cor prateada e o rosto oval era enquadrado por finos cabelos louros.

Um deles aproximou-se e pôs-lhe a mão no ombro. Muito embora estivesse aterrorizado, De Rosa notou a graça dos dedos compridos e a doçura do toque. Com a outra mão, o misterioso indivíduo indicou-lhe um astro: era Vénus. O radiotécnico estava paralisado pela emoção. Comprendendo, sem dúvida, o seu estado de espírito, o desconhecido

quis tranquilizá-lo e sorriu-lhe «duma maneira», disse a testemunha, «que eu não saberia descrever, mas que bastou para me tranquilizar um pouco». Um outro dos três desconhecidos aproximou-se, por sua vez, e pôs-lhe na mão um objecto redondo e brilhante, de forma regular, que parecia um bocado de quartzo.

Dominando-se um pouco, De Rosa deu uns passos e o seu espanto aumentou ao ver um estranho engenho parado a uma dezena de metros. Era uma espécie de veículo ovóide de consideráveis dimensões, que poderia medir uns quarenta metros de altura, tendo ao centro uma grande porta aberta para o exterior, de modo a servir de escada. No fim de alguns segundos os três desconhecidos voltaram para o engenho, que se elevou lentamente na vertical fazendo ouvir um ligeiro sussurro até aproximadamente uma altura de duzentos metros, e desaparecendo depois, envolvido num clarão que cegava.

De Rosa pretende ter ficado em contacto telepático com estes seres misteriosos graças à «pedra» que lhe entregaram, e encontrou-os ao todo sete vezes, no mesmo local e à mesma hora (vinte e três e trinta).

O último encontro ocorreu a 16 de Agosto de 1972. De Rosa trouxera uma testemunha, Cosimo Vita, habitante de Palanza, pequena cidade das margens do lago Maior, mas este, cheio de medo, ao ver chegar o disco, fugiu e observou a cena a uns quinhentos metros de distância. O interesse deste encontro reside nas duas fotografias, realmente espantosas, feitas por De Rosa com um aparelho *Polaroid* no momento da abertura da escotilha, o que constitui, com a «pedra», um segundo elemento de controle indiscutível e uma prova tangível do acontecimento.

Desta vez, saíram quatro indivíduos, que se aproximaram sem falar. Um deles pôs-lhe novamente a mão no ombro e transmitiu-lhe por telepatia a ideia de que tinham vindo com intenções amigáveis. Um outro recolheu amostras de

ervas, de terra e de rochas, manifestamente para as analisar. Um quarto de hora depois, os visitantes espaciais voltaram para o seu engenho, que descolou segundo o processo habitual.

De Rosa teria «recebido» algumas informações segundo as quais estes astronautas «teriam uma base em Vénus, mas seriam originários de Betelgeuse, na constelação de Orion. Pertenceriam à raça mais evoluída da galáxia e a sua civilização teria três mil anos de avanço sobre a nossa. As suas astronaves atingiriam a velocidade de setecentos a oitocentos mil quilómetros por segundo, isto é, quase três vezes a da luz».

Pense-se o que se quiser destas «revelações», as provas materiais deste contacto incitaram os Americanos a mandar ir De Rosa e os seus dois amigos, Cosimo Vita e Francesco Zuanni, ao centro espacial de Houston. Ali, com o auxílio de técnicos americanos, o radiotécnico italiano reconstruiu a instalação de rádio de monte Moro: dois receptores, um amplificador de som e um convertor de frequência.

Estas informações foram recolhidas por membros do Centro de Pesquisas Ufológicas e Astronómicas de Ossolano (Piemonte) a 28 de Julho de 1973. No fim da entrevista, De Rosa declarou que deveria haver um «contacto» no dia seguinte. Eis o relatório textual dos membros do CPUAO:

«No dia seguinte dirigimo-nos ao pequeno laboratório instalado em Gravellona e, como De Rosa havia dito, os sinais começaram às dezasseis e doze. Ele afirmou-nos que provinham de uma astronave venusiana que se encaminhava para a Terra.

No *écran* viam-se umas estranhas e confusas figuras, que, segundo dizia De Rosa, eram constelações por onde passava a astronave. De súbito, modificaram-se tanto as figuras como o som e passou a distinguir-se, com toda a nitidez, um triângulo duplo: era o seu símbolo. Às dezasseis e quarenta e cinco os sinais cessaram.»

## O LIVRO DO MISTÉRIO

Eis os factos, que se acompanham, na ocorrência, de dados tangíveis e verificáveis e que foram suficientemente levados a sério pela NASA para mandar ir o herói da aventura a Houston.

Que se deve concluir?

## NOITE «MARCIANA» EM CAPRI

por SERGIO CONTI

Na noite de 17 para 18 de Outubro de 1954 o pintor Raffaello Castello passeava pelas ruas de Capri quando se apercebeu de uma luz intermitente no terraço duma casa envolvida pela escuridão, pois as estrelas não eram visíveis e a Lua ainda se não levantara. Tendo-se orientado, verificou que se tratava da casa do escritor Curzio Malaparte, que estava desocupada, visto o dono estar ausente da ilha.

Neste momento, fez-se um pouco de claridade devido ao crescente de lua que surgiu. Os pormenores da cena tornaram-se mais nítidos e o pintor distinguiu uma espécie de engenho circular pousado no terraço da casa. Viu também quatro siluetas com aspecto humano que se agitavam em volta e que «pareciam procurar qualquer coisa».

O engenho emitia em todas as direcções uma série de delgados fachos de luz azulada. Impressionado, o pintor escondeu-se atrás de uma moita para melhor poder observar e não teve coragem de se aproximar da casa. O aparelho, de forma discoidal e aspecto metálico, ligeiramente brilhante, tinha pouco mais ou menos quatro metros de altura e evocava a forma clássica do disco voador.

Após alguns momentos, o silêncio, que era absoluto, foi quebrado por um ligeiro assobio e os quatro indivíduos desapareceram atrás do aparelho. Este emitiu um clarão mais

vivo e depois, sem qualquer ruido, descolou na vertical e desapareceu.

Castello, tendo-se refeito a pouco e pouco, seguiu o seu caminho e, por acaso, encontrou um jornalista do diário *Roma* a quem contou a sua aventura, que veio a merecer honras da imprensa italiana.

### *DEPOIS DE CAPRI, ISCHIA*

Entre 11 e 13 de Julho de 1971 — a testemunha não se recorda exactamente do dia — Rafaële Silvestre e os irmãos Massimo e Stefano Petri, todos napolitanos, efectuavam uma excursão na parte montanhosa da ilha de Ischia.

A certa altura encontraram-se em frente de uma casa abandonada. Levados pela curiosidade, aproximaram-se, com intenção de a visitar. Enquanto Raffaele e Stefano ficavam no exterior, Massimo entrou e subiu uma escada que levava ao telhado. Pouco depois, os outros dois chamaram-no e não obtiveram resposta. Apresaram-se a subir ao telhado, quando Stefano escorregou, o que os atrasou uns segundos. Vendo descer Massimo pararam e ficaram estupefactos com a expressão do seu rosto: olhos espavoridos, o rosto descomposto e sem lhes prestar atenção. Caiu no chão e aí ficou uns segundos de olhos fechados, como se tivesse perdido os sentidos. Depois pediu água. Impressionados, os companheiros levantaram-no, mas ele debateu-se com a boca espumando. Libertando-se, seguiu uma ravina que desembocava junto de um grupo de árvores, o qual dominava a casa. Quando seu irmão e o amigo o alcançaram, pôs-se a gritar: «O topo! O topo!...», mostrando o telhado com o dedo, mas eles nada viam.

Massimo Petri deu meia volta, andando como se estivesse em estado de sonambulismo, e tornou a entrar na casa.

Os companheiros haviam-se quedado surpreendidos. Decidiram então segui-lo e, de repente, viram-no vir ter com eles, perfeitamente normal, como se nada tivesse acontecido. Per-

guntou-lhes mesmo porque não tinham ido com ele ao telhado. Espantado e incrédulo, Raffaele relatou os factos, mas Massimo não se lembrava de nada. Disse que descera à procura deles porque tivera uma experiência curiosa, à qual quereria que estivessem presentes, porém muito diferente daquilo que acabavam de lhe dizer. Subira ao telhado e admirava o panorama da ilha quando vira a pouca distância uma espécie de cúpula que cintilava ao sol, entre a folhagem.

Enquanto a observava, procurando dar-se conta do que se tratava, recebeu uma pancada na cabeça e, tonto, pareceu-lhe ouvir vozes desconhecidas, que pronunciavam palavras incompreensíveis.

Recompusera-se logo e descera à procura deles. O espanto do amigo e do irmão aumentavam. Enquanto o acontecimento narrado por Massimo decorrera em breves segundos, os factos de que eles tinham sido testemunhas duraram um bom quarto de hora.

Depois de regressarem a casa, os três amigos decidiram voltar ao local para fazer investigações. Alguns dias mais tarde dirigiram-se à casa abandonada na companhia de um outro amigo, Giuseppe Baroni, que, rebuscando na cave, encontrou um velho bocado de pergaminho com sinais estranhos e letras gregas. Estava rasgado na parte superior, como se lhe faltasse um bocado. Primeiro lia-se, em grego antigo, a palavra Γουάνσι (guanxoi), que quer dizer «guanches». Por baixo, havia duas linhas de letras desconhecidas, algumas das quais lembravam vagamente sinais de alquimia ou magia astral. Depois vinha outra linha de caracteres gregos, mas em desordem e sem significado visível. Por fim, a assinatura Χενοφόντε!, Xenofonte!

Massimo levou o manuscrito para casa, mas a mulher-a-dias, por inadvertência, deitou-o fora. Deste modo, foi impossível estudar de perto e analisar a matéria, para estabelecer se se tratava de um documento autêntico ou falso. Mas, quer num quer noutro caso, como justificar a sua presença na cave dumha casa abandonada? E como explicar os fenómenos oníricos inabituais sofridos por Massimo Petri, que, logo

a seguir à sua aventura, viu em sonho homens com traços semimongolóides, vestidos com um fato-macaco branco e duas tiras coloridas no peito?

Na ausência doutros testemunhos e de qualquer documento, e sem pôr em dúvida a boa fé das testemunhas, é difícil arranjar explicação para tão estranha aventura.

## RASTOS MISTERIOSOS NO ETNA

por SERGIO CONTI

A 11 de Outubro de 1970, numa clara manhã de Outono, um grupo de seis amigos descia as encostas do Etna, de regresso de uma excursão à cratera do vulcão. Nada os predispusera para o espectáculo que os esperava.

A três mil e cem metros de altitude, a cerca de seiscentos metros a oeste do observatório, a sua atenção foi atraída por uma misteriosa marca que tinha o aspecto dum pé humano, mas de dimensões enormes (*foto 8*). Pensaram, antes de mais nada, num acaso, apesar da nitidez da pegada: um metro e meio de comprido e uma profundidade de quinze centímetros; tinha a forma do pé direito e distinguia-se a marca do calcanhar, da planta e de três dedos. Mas, quando, a curta distância, viram outra pegada semelhante, desta vez do pé esquerdo, e mais cinco a perto de quatro metros umas das outras e regularmente alternadas, como se tivessem sido deixadas por um ser gigantesco, as testemunhas sentiram uma emoção e um receio bem compreensíveis e começaram a formular perguntas.

Primeiro, pensaram que se podia tratar de rastos deixados por qualquer equipa de cineastas que rodassem um filme de ficção científica ou de carácter mitológico, mas, além de não terem dado por nada durante este período, as pega-

das estavam absolutamente isoladas, não havia em volta qualquer traço de pés humanos ou de qualquer meio de transporte. *A priori*, era de excluir a ideia de alguém ter transportado um objecto volumoso capaz de deixar semelhante rasto.

Isto excluía também a possibilidade duma graça que não teria qualquer sentido, pois foi por puro acaso que as testemunhas viram as pegadas. Passado o primeiro momento de surpresa, pensaram finalmente em fotografá-las.

Vinte dias mais tarde, a 1 de Novembro, as seis testemunhas, a quem se juntaram mais cinco amigos, voltaram ao local. As marcas haviam resistido ao vento e aos agentes atmosféricos, e estavam ainda tão visíveis que puderam ser de novo fotografadas.

O facto foi comunicado à imprensa e, como sempre acontece em casos deste género, depois de um primeiro momento de curiosidade, foi totalmente esquecido, sem que uma voz autorizada se tenha erguido para dar qualquer interpretação a fenómeno tão estranho.

Tudo se reduziu ao testemunho de algumas pessoas, que não encontrou qualquer eco. É interessante notar que, na manhã de 1 de Novembro, aquelas encontraram um grupo de investigadores da Universidade de Catânia, formado por um professor e alguns assistentes, que transportavam combustível num jipe. Postos ao corrente do fenómeno, não manifestaram o mínimo interesse, atitude que mostra bem o espírito de investigação e a curiosidade intelectual duma boa parte dos que detêm o monopólio da cultural.

No diário *La Sicilia*, de 22 de Novembro de 1970, apareceu um artigo no qual Eugenio de Siracusa expunha a este respeito talvez a mais pertinente das hipóteses. Depois de ter afastado a ideia inadmissível de seres monstruosos, ou de gigantes míticos que a ocultas de todos vivessem na região do Etna, avançava uma teoria segundo a qual as marcas teriam sido deixadas pelos «pés» dum «módulo» espacial de

aterragem. Voltava-se assim à ideia de viajantes extraterrestres terem visitado a Terra.

Na opinião de Siracusa, o aparelho em questão seria um engenho de observação, uma espécie de enorme cabina-robot que permitia aos exploradores e pesquisadores abandonarem a astronave e deslocarem-se facilmente num meio diferente do seu, sem trazerem vestido o incômodo fato-macaco espacial. Siracusa chegou mesmo a desenhar uma espécie de reconstituição do módulo e do disco que o devia transportar.

Não se trata, no entanto, do único exemplo de marcas gigantescas de origem desconhecida. Num bosque da Holanda encontraram-se marcas semelhantes às do Etna, sem que se tenha podido dar a mínima explicação. No primeiro número, de Fevereiro de 1971, da revista *Medium*, num artigo de Robert van Velde, que relata a sua experiência pessoal, trata-se longamente do caso.

A floresta de Hoge Veluwe não fica longe de Amsterdão. Foi aí que Van Velde teve a medonha visão de enormes marcas deixadas por pés que mediam cerca de um metro e oitenta centímetros! Assemelhavam-se às do Etna, com a diferença de serem maiores e terem quatro dedos em vez de três. Aqui ainda, o mistério manteve-se intacto.

Um leitor italiano de Ragusa, Concetto Di Martino, na revista *Il Giornale dei Misteri* (1971), faz algumas perguntas interessantes:

«Pergunto:

1. Porque não deram mais importância ao fenómeno?
2. A quem pertenciam as marcas?
3. Porque é que todas as vezes que o Etna entra em actividade, ou alguns meses mais cedo, os habitantes da região observam, durante a noite, objectos estranhos no céu?
4. Há qualquer relação entre a aparição destes objectos e a actividade eruptiva do Etna?...»

Infelizmente, todas estas questões ficaram sem resposta. Nós limitamo-nos a expor os factos, evitando qualquer julgamento peremptório e qualquer hipótese arriscada. Um último pormenor: quando da última erupção do Etna, notou-se a aparição de várias crateras secundárias na região onde foram descobertas as marcas. Trata-se só de uma coincidência?

## OVNIS SUBMARINOS

*Comunicado da Sociedade Internacional de Pesquisas sobre Fenómenos Insólitos — Instituto de Pesquisas sobre os OVNIS — Instituto de Pesquisas sobre os Seres Desconhecidos.*

*Director-fundador: Antonio Las Heras — Buenos Aires, Argentina.*

(No fim de um inquérito rigoroso, que exigiu mais de um ano de trabalho, esta sociedade concluiu pela existência de bases submarinas de discos voadores nos golfos de São Matias e São Jorge, na costa atlântica da Argentina. Eis o essencial do relatório elaborado nesta ocasião.)

«Há anos, nas costas desoladas da Patagónia, dois objetos luminosos mergulharam no mar durante a noite, depois de algumas evoluções na atmosfera. De madrugada, uma chalupa aproximou-se do ponto de imersão; através das águas cristalinas, as testemunhas, espantadas, puderem ver que uma grande quantidade de algas fora levada e outras completamente arrancadas, mas não havia qualquer vestígio dos meios mecânicos que podiam ter provocado os efeitos observados.

Esta informação incitou-nos a examinar de perto a hipótese de bases submarinas.

Presentemente, podemos dar uma explicação racional do facto citado. Os dois OVNIS não caíram no mar em consequência de uma avaria; tratava-se de manobra deliberada.

Uma vez imersos, comportam-se como simples submarinos e dirigem-se para uma das suas bases.

Isto é perfeitamente lógico. Os engenhos que vêm de um outro mundo — os especialistas presentemente concordam com isto — “entram” pelo Antárctico para evitar as perigosas radiações emitidas pela cintura de Van Allen, que nesta região perde a sua força. Portanto, a Patagónia está perfeitamente indicada para o estabelecimento duma base. Em terra firme, a coisa seria mais arriscada, mas os fundos marinhos oferecem segurança total. Para garantir uma maior protecção, as bases estão camufladas ou até instaladas no fundo.

Pode igualmente fixar-se a data aproximada em que estas bases foram instaladas.

Até meados de Outubro de 1954, nenhuma aparição de objectos voadores havia sido assinalada no litoral da Patagónia, mas mais ou menos a 22 deste mês “um grande tubo fluorescente” foi avistado pelos habitantes de Trelew, quando se deslocava silenciosamente no espaço. Na nossa opinião, a missão desta “nave-mãe” ou “charuto voador” era encontrar um local para instalação duma base nestas paragens. Havia outras espalhadas pelo mundo: o Triângulo da Morte, nas Bermudas, e o golfo Pérsico são disso exemplo.

Durante uma dezena de anos, não se passou qualquer insólito fenómeno aéreo na região, mas no início dos anos 60 as aparições tornaram-se de tal forma habituais que ninguém dava atenção. Todos os dias luzes misteriosas entram e saem do mar. O campo de acção dos Extraterrestres é constituído, na zona austral, pela plataforma submarina argentina: pouco mais ou menos na altura da baía Branca ou do mar da Prata emergem objectos que se deslocam na atmosfera numa direcção aproximada sul-norte.

A prova definitiva foi-nos dada pela análise dos factos acontecidos a 14 de Agosto de 1968. Nesse dia, centenas de testemunhas, muitas das quais exercem profissões liberais, puderam observar, entre Viedma e Rada Tilly, ou seja, sete-

centos quilómetros em linha recta, a passagem de cinco objectos luminosos que deixavam atrás de si um débil rastro brilhante. Apareceram de repente, o que confirma a minha hipótese, sobre as águas em frente da Rada Tilly, a alguns quilómetros de Comodoro Rivadavia, para se perderem em seguida, no momento preciso em que as testemunhas de Viedma começavam avê-los. Devia tratar-se do deslocamento de uma flotilha de discos voadores da base situada no golfo de São Jorge para a que se encontra instalada no golfo de São Matias...»

Em conclusão, o senhor Antonio las Heras declarou que a importância deste fenómeno está ligada ao estudo dos vestígios extraterrestres no passado da Argentina.

## O MISTÉRIO DA PROPULSÃO E DA SUSTENTAÇÃO DOS DISCOS VOADORES ESTÁ ENFIM RESOLVIDO?

O preconceito científico da Comissão Condon aparece, depois de mil e quinhentas páginas inúteis, na conclusão do seu relatório: «Como resultado do estudo dos UFOS no decorrer destes últimos vinte anos, nada resultou que tenha sido útil para os conhecimentos científicos: não se justificam novas investigações sobre estes fenómenos.» A mesma opinião foi expressa pela Academia das Ciências de Nova Iorque, que, num futuro mais ou menos próximo, se encontrará num cruel embaraço!

É no presente, efectivamente, quando as visitas destes engenhos extraterrestres se têm rareficado, que começa o estudo científico objectivo, e a realidade dos dados, na posse de verdadeiros especialistas do fenómeno, não pode ser negada só porque certos sábios se recusam a acreditar.

A minha intenção é analisar aqui o sistema de propulsão dos UFOS, que representa, aliás, um interesse considerável para os futuros técnicos de propulsão terrestre. Tenciono basear-me em dados irrefutáveis da exposição da minha *teoria sobre a equivalência das ondas de sincronizações e das ondas gravitacionais* (1971).

## OS FACTOS

«1. Observa-se com frequência, nas fotografias de discos voadores, uma espécie de halo associado frequentemente a uma espécie de estopa e a filamentos ou finos grânulos luminosos, que rodeiam o engenho. Esta eflorescência é característica da emissão radiante de sincrotões. Com efeito, se se fizerem fotografias dum *quasar* que emita a mesma radiação, notam-se as mesmas particularidades. É significativo o facto de todas as fotografias examinadas pela Comissão Condon que apresentavam esta característica terem sido postas de parte, sob pretexto de não estarem boas... Pelo contrário, são as que não representam esta espécie de halo que me parecem suspeitas, pois um corpo sólido que emite esta radiação já se não comporta como um sólido normal (energia antigravitacional) e este comportamento deve aparecer na fotografia.

2. Os fenómenos magnéticos associados a esta radiação são também muito frequentes, porque, sem magnetismo, não há radiação de sincrotões. Com efeito, a existência do poderoso campo magnético que rodeia o disco é demonstrada pelo facto de, num raio de dois quilómetros, as bússolas endoidecerem, os aparelhos eléctricos ou electrónicos se avariarem, regiões inteiras serem mergulhadas na obscuridade e objectos metálicos que se encontram na proximidade do UFO frequentemente se magnetizarem.

3. Muitas vezes tem-se verificado um cheiro pronunciado a ozono na vizinhança dos discos. Este fenómeno está com frequência associado a fontes de energia electroestática, as quais (com ou sem emissão de microndas) são necessárias para acelerar os electrões até atingirem a velocidade da luz, de maneira a poderem emitir a dita radiação.

4. Eis uma descrição dos fenómenos luminosos associados a um disco voador: "A cor da coroa exterior alterava-se

continuamente — devido aos MeV<sup>1</sup> produzidos —, passando duma tonalidade prateada para vermelho e depois para azul; mas cada uma das cores era nitidamente distinta. Muitas vezes a variação de cor era regular e parecia associada à velocidade".»

Na opinião do tenente Plantier, que publicou em França uma teoria interessante, se bem que um pouco confusa, sobre os campos de força a propósito da propulsão dos UFOS (*La Propulsion des soucoupes volantes par action Directe sur l'Atome*, Mame, 1955), e segundo o major Keyhoe, que, nos Estados Unidos, sustentou a clássica teoria electromagnética, as luzes coloridas dos discos seriam devidas a transformações electroquímicas que se produzem pelo atrito no ar ambiente.

Pelo contrário, eu penso que essas cores são uma manifestação da radiação de sincrotões, ou, dizendo de outro modo, que são emitidas directamente por electrões num sistema não térmico.

Quando a energia atinge determinado nível, existem também radiações infravermelhas, mas no espectro contínuo desta radiação, o qual vai das ondas rádio às ondas raio X. As radiações infravermelhas associadas dão lugar à impressão súbita de calor sentida pelos pilotos de carreira e pelos passageiros na vizinhança dum UFO, especialmente no caso bem conhecido de Itapu, citado por Coral Lorenzen no seu livro. Aqui ainda se pode dizer que a presença dos sincrofotões torna o fenómeno inevitável.

Por consequência, ignorando o desenvolvimento da física contemporânea (o que é muito grave para um físico da envergadura de Condon), pôs-se de parte um dos elementos mais importantes do problema dos UFOS.

<sup>1</sup> Megaelectrãovolt: energia cinética adquirida por uma partícula que passa através de uma diferença de potencial de um volt.

## A RADIAÇÃO DOS SINCROTOES

É emitida por partículas carregadas (em especial por electrões, que são mais leves), as quais, quando viajam a velocidades relativistas, são desviadas da linha recta por campos magnéticos e aceleradas de modo a aproximarem-se cada vez mais da velocidade da luz.

Para a produzir é então necessário:

1. Electrões livres e por consequência uma fonte de electrões;
2. Câmaras de ressonância para acelerar os electrões;
3. Um campo magnético para guiar os electrões sobre órbitas circulares, o que justifica o anel circular ou a moldura que rodeia o disco.

Os sincrofotões são, portanto, emitidos nas viragens por acelerações não centrífugas, mas centrípetas — e é esse o ponto de conjunção com a força da gravidade, como se verá pela sequência. A radiação dos sincrotões possui características *sui generis* e é tempo de não ser só falada nos manuais de física.

É uma radiação praticamente contínua a todo o comprimento do espectro magnético, ou, digamos, não está limitada aos comprimentos de onda de média amplitude, como no caso da luz emitida pelas elevações quânticas dum electrão ligado ao seu átomo. Além disso, é polarizada circular ou longitudinalmente e o seu espectro pode constituir presentemente um meio de telecomunicação inédito e livre de todos os parasitas.

O disco voador funciona, portanto, a partir de nuvens de electrões acelerados até à velocidade da luz dentro dum anel circular. A medida de polarização desta luz foi efectuada pelo químico Webb, que enquanto observava um UFO pôde estabelecer, com auxílio dum polarógrafo, que o engenho emita uma luz polarizada. A sua observação está de acordo com a minha teoria da luz de sincrotões, que deve ser pola-

rizada porque é emitida nos campos magnéticos. Teoricamente, no espaço interplanetário, o disco pode utilizar também os electrões dos raios cósmicos, porque a sua carga energética não é travada pela atmosfera.

Acrescentemos que existe, associada a esta radiação, uma oscilação radial que explica as curiosas oscilações do disco: no momento da emissão, a órbita electrónica reduz-se. Esta oscilação radial, que parece obedecer à lei dos *quanta*, propaga-se igualmente na atmosfera em volta do disco e regista a vibração particular, cinestésica, de que certas testemunhas e alguns animais se apercebem à aproximação do engenho.

### A TEORIA DE MORETTI

A teoria das ondas gravitacionais foi emitida pela primeira vez em 1918 por Einstein, na opinião de quem estas ondas devem ser duplamente polarizadas e se deslocam à velocidade da luz.

Estas ondas, recentemente, tornaram a atrair a atenção dos sábios, pois verificou-se que eram emitidas em quantidades inacreditáveis desde o centro da galáxia. Além disso, certos especialistas observaram que objectos animados dum movimento acelerado centrípeto em volta dum centro de gravidade emitem novas ondas, que são ondas gravitacionais. Mas, na minha opinião, o mesmo fenómeno é produzido pelas radiações de sincrotões: objectos que rodam uns em volta dos outros emitem esta radiação.

Para explicar a gravitação, abandono a posição de Einstein, que, é certo, teve o mérito de emitir a teoria do espaço curvo e das ondas gravitacionais, mas que, tendo conhecido o espaço em volta da matéria como um vácuo total, não conseguiu explicar a gravitação.

Pelo contrário, o engenheiro Todeschini, de Bérgamo, pode dar uma explicação. Este físico, conhecido mas posto de parte pela ciência oficial, não sei por que misteriosas

razões, é partidário do espaço pleno, fluido e dinâmico, percorrido por concorrentes turbilhonares. A teoria do espaço pleno foi recentemente confirmada por todas as experiências, com auxílio de instrumentos montados em satélites. O espaço não é um *vacuum* (vazio), está cheio de milhares de milhões de partículas de matéria luminescente constantemente em movimento, tal como já o dissera o americano Wilhem Reich.

O príncipe de Broglie, Prémio Nobel, reviu recentemente a sua atitude reticente e mudou de opinião sobre o espaço vazio dizendo: «O vazio aparece como local duma quantidade formidável de energia da ordem dos  $10^{27}$  jules<sup>2</sup> por centímetro cúbico.»

Todeschini pretende que a gravidade não é devida a uma espécie de atracção exercida sobre os corpos pela Terra (como uma pessoa dentro dum elevador, que, ao subir, recebe um impulso para baixo, o qual pode ser interpretado como uma força atractiva deste), mas que são os corpos que são movidos por uma aceleração centrípeta em direcção da Terra, como que empurrados por uma pressão exercida pelo espaço fluido que os cerca (por sua vez movido pelo turbilhão galáctico). Tendo rejeitado a noção de éter (que, no entanto, Dirac retomou), Einstein não pôde explicar a gravitação, pois, para isso, era necessário fazer intervir um espaço fluido.

Este espaço fluido gravítico apenas pode, na minha opinião, tornar-se visível, e por conseguinte neutralizado, duma só maneira: por meio de ondas gravitacionais polarizadas de espectro contínuo, ou ondas de sincrotões, ou, digamos, graças às acelerações centrípetas num campo magnético de partículas positivas à velocidade da luz. As forças gravíticas existem nas curvaturas do espaço na vizinhança da matéria, e por consequência dos electrões, e tornam-se visíveis na tangente

---

<sup>2</sup> Unidade de trabalho e de energia no sistema MKS (metro, quilograma, segundo, ampére), que vale  $10^7$  ergs do sistema CGS (centímetro, grama, segundo).

do movimento circular dos citados electrões. Portanto, contrariamente à opinião do professor Condon, segundo o qual as pesquisas sobre os discos voadores não fizeram progredir a ciência, pretendo que uma interpretação correcta do fenómeno constitui a maior descoberta de todos os tempos, porque permitiu elucidar o mistério da gravitação.

N. B.—Num artigo aparecido depois da missão *Apollo XV*, o mesmo autor encara a utilização das ondas gravitacionais, num futuro não muito afastado, para a propulsão de veículos espaciais. (cf. *Il resto del Carlino*, número publicado a 9 de Agosto de 1971).

Na revista *Le Scienze* (Agosto de 1971) apareceu, sobre o mesmo assunto, um importante artigo de Joseph Weber, que descreve algumas das suas experiências, as quais puseram em evidência o facto de as ondas gravitacionais provirem em grande quantidade do centro da galáxia.

**TERCEIRA PARTE**

**OS SERES ESTRANHOS**

## MONSTROS E OVNIS

*Além do seu sistema de propulsão e sustentação, que seria incompatível com as leis físicas actualmente conhecidas, os meios científicos levantaram muitas objecções relativas sobretudo às provas materiais da existência dos discos voadores.*

Para estas provas materiais, lembrei aos incrédulos que existem toneladas de matérias sintéticas (cerâmicas e polímeros especiais que constituem um verdadeiro quebra-cabeças para os químicos e os físicos) provindas daquilo a que chamaram os «monstros marinhos desconhecidos». Citemos especialmente os que foram descobertos na Tasmânia (Austrália), em Arcachon (França), em Tecoluta (México), na Florida (descoberto em 1896, encontrando-se alguns pedaços no Smithsonian Institute), em Gloucester (dado à costa em 1850 e cujos fragmentos estão no museu da Universidade Harvard). Todos estes «monstros», como o de Loch Ness, não eram seres vivos, mas faziam parte de engenhos submarinos e voadores.

A apoiar esta tese, avançarei dois factos, um dos quais diz respeito aos dragões lendários da antiga China. Segundo um estudo atento feito por L. N. Hayes e citado por John Michell em *Los platillos volantes y los dioses*, eles voavam

segundo uma trajectória rectilínea, como o fazem os modernos discos em virtude da lei ortotenia.

O segundo facto diz respeito a uma observação dum OVNI feita em Espanha, em Matadepera, próximo de Barcelona, no mês de Janeiro de 1969, e citado pelo Dr. Giuseppe Lazzari, de Roma, na sua excelente revista *Cielo e Terra*, a partir de informações comunicadas pelo Centro de Estudio Interplanetario (CEI), de Barcelona. Segundo a senhora Antonia Soler Rius, testemunha da passagem do OVNI a altitude muito baixa, o objecto tinha pouco mais ou menos três metros de comprimento e a forma dum peixe um pouco achatado. O estranho engenho era de cor metálica, mas possuía várias protuberâncias e apêndices, em forma de folha, de cor amarela e verde muito vivas. Ora estes apêndices filóides são nitidamente visíveis no flanco do monstro da Tasmânia e as protuberâncias não passam de bases de periscópios retráiveis, um pouco como tentáculos ou trombas de elefante que tivessem várias funções.

No livro de John Fuller *Discos Voadores sobre a América*, ele refere-se a um tentáculo aparecido na base dum disco, que tocou numa linha de alta tensão durante talvez um minuto e que depois se retirou para dentro do engenho.

Sob a estranha máquina voadora, a senhora Soler Rius viu o misterioso anel circular, ou *tore*, que serve habitualmente para produzir radiação de sincrotões.

Voltemos sumariamente a esta famosa radiação em que se falou a respeito de discos voadores e que causou certa celeuma nos meios científicos.

Convém sublinhar que a espécie de bruma luminosa, de halo filamentoso, que rodeia o disco quando é fotografado por um aparelho vulgar, só reproduz a nebulosidade visível a olho nu. Ao contrário, se a fotografia for feita com um aparelho *Polaroid* (quer dizer, com filtros de moléculas alinhadas, como, por exemplo, as fotografias realizadas por Rex Helfin e reproduzidas no livro de Frank Edwards) a imagem é muito mais nítida. Isto provém do facto de o halo do

disco ser determinado pela radiação de sincrotões, que é polarizada circular e longitudinalmente.

Na ocorrência, pode emitir-se um julgamento «científico» sobre as famosas fotografias de Adamsky, tão discutidas nos meios «ufológicos» e fora deles. Ora, partindo do facto de que a radiação de sincrotões comporta este halo luminoso e nebuloso, que, com toda a evidência, não pode ser criado por uma lâmpada normal, pode honestamente admitir-se que uma boa parte das fotografias é autêntica.

Conhece-se a engenhosa teoria da ortotenia emitida por Aimé Michel e defendida por uma documentação considerável. Com efeito, verificou-se que os discos voadores se deslocam seguindo trajectórias rectilíneas, que, muitas vezes, coincidem com o local de jazigos arqueológicos paleolíticos. Porquê? É bem difícil responder e o problema mereceria um estudo profundo, mas penso que as radiações geomagnéticas e a polarização da radiação sincrotónica emitida e utilizada pelo disco (que é rectilínea e com uma só direcção) não são estranhas a isso.

Todos estes factores científicos, que nada devem ao acaso, foram completamente descurados pela célebre Comissão Condon, encarregada, pela aviação americana, de estudar os UFOS. Esta comissão tentou apresentar como um modelo de análise científica um dos casos que mais controvérsia levantou e que teve por cenário a base de mísseis de Vandenberg.

Assim, em Vandenberg, na costa do Pacífico, numa noite de Outono de 1967, a base foi posta em estado de alerta, porque luzes misteriosas que pareciam aproximar-se rapidamente tinham aparecido a grande altitude sobre o oceano. O fenómeno, que durou boa parte da noite, permitiu reunir preciosas observações científicas para estudo do problema dos UFOS, dado que, como é normal numa base defensiva, todas as operações, as ordens, as comunicações com os aparelhos em voo são cuidadosamente registadas e conservadas nos arquivos. Analisando os dados, os peritos da Comissão Condon puderam concluir que nessa noite, na zona interessada, havia uma

situação anormal (é evidente, com todos esses discos no céu...) no que dizia respeito à temperatura atmosférica. Mais precisamente, existia inversão térmica, quer dizer, a temperatura do ar, em vez de diminuir com a altitude uma vez atingido um certo nível, aumentava de novo, criando condições particularmente favoráveis à aparição de fenómenos ópticos chamados «miragens» ou «fada Morganan»!

Estando o facto cientificamente estabelecido, Condon encontrou uma explicação simples. As luzes avistadas não passavam de navios ao longe, situados atrás da linha do horizonte, cuja visibilidade variável — porque estava ligada às flutuações atmosféricas — fora tomada por um efeito de movimento pelos observadores da base e pelos *écrans* de radar não prevenidos e apanhados de surpresa.

Mas então eu pergunto ao professor Condon: por que razão na baía de Los Angeles, onde esta situação anormal de inversão da temperatura com a altitude existe durante quase todo o ano (e como especialista de atmosfera sabe-o muito bem), e por consequência as condições mais favoráveis para «ver» discos voadores estão reunidas quase permanentemente — porque é que eles são tão raros nesta região?

Gostaria também que me respondesse outro sábio ilustre, o professor Steve Thorpe, do Instituto Britânico, que num recente simpósio sobre o monstro de Loch Ness sustentou que *Nessie* (é assim que familiarmente se chama ao monstro em Inglaterra) era fruto dum miragem, devido a uma diferença entre a temperatura das águas do lago e a do vento, bastante forte para provocar uma vaga de fundo. É muito curioso que todos estes sábios (incluindo o famoso Donald Menzel) quando se trata de discos voadores e do monstro de Loch Ness não encontram mais argumentos a não ser as diferenças de temperatura, ou qualquer outra explicação do mesmo género!

## O MONSTRO DE LOCH NESS E O MONSTRO DA TASMÂNIA, «MÁQUINAS» PERFEITAS

por ANGELO MORETTI

À primeira vista, pode parecer absurdo associar o que é talvez o maior mistério zoológico com o dos discos voadores, mas uma análise comparativa profunda permitirá, sem dúvida, ver mais claro.

O Loch Ness é um lago do Norte da Escócia com quarenta quilómetros de comprimento e um e meio de largura e uma profundidade de mais de trezentos metros. O *monstro* ou a *grande serpente* de Loch Ness parece habitar aquelas águas desde há séculos. Foi visto pela primeira vez por Santo Colomban, que evangelizou a região, e muitas outras vezes depois desta data.

Mais recentemente, em 1872, D. Mackenzie, que passeava à beira do lago, viu, de repente, a água borbulhar a uma centena de metros de distância, e depois, com grande terror seu, emergir o que lhe pareceu a cabeça do «monstro», o qual imediatamente mergulhou e desapareceu. Receando ter perdido o juízo — é o mesmo receio que têm hoje as testemunhas das aparições dos discos voadores —, Mackenzie não disse a ninguém o que vira e só muitos anos mais tarde se soube o que lhe havia acontecido. Durante muitos anos, raros foram os que declararam ter visto o monstro, mas, há uns trinta

e cinco anos, as aparições têm sido mais frequentes, em especial em Agosto, que é o mês em que se vêem mais discos voadores.

E W. Holiday consagrou um livro ao «monstro» de Loch Ness, que afirma ter visto várias vezes. É interessante notar que sentiu a impressão de se encontrar na presença de um animal de outras eras, tal como os que existiam no tempo da Génese. O seu testemunho junta-se ao das pessoas que viram um *yeti*.

### A GRANDE SERPENTE

Esta foi mesmo fotografada, bem entendido, só em parte. Apenas em 1934 foi trazida a primeira «prova» aos cépticos, que negavam a sua existência, pelo doutor J. Kintow, um médico honesto, conhecido em Londres, e cuja boa fé não poderia ser posta em dúvida. Na foto, se bem que confusa, vê-se o monstro emergir das águas do lago. Naturalmente, na época, disse-se que era uma fotomontagem, tal como hoje quando se fala nos discos voadores.

Mas em 1960, novo golpe dado nos cépticos: o engenheiro aeronáutico Tim Dimsdale, após longas e pacientes esperas, conseguiu filmar a aparição do monstro e, para que fosse estabelecida a autenticidade do documento, mandou que o filme fosse examinado pelos peritos da RAF. Estes tiveram de admitir que o filme mostrava «qualquer coisa» cuja forma diferia de um submersível ou de um peixe.

Houve um novo controle científico em 1968, quando o professor D. Gordon Tucker e o doutor H. Braithwaite, da Universidade de Birmingham, efectuaram experiências em Loch Ness com um novo tipo de sonar, semelhante aos instalados a bordo dos submarinos mais modernos. Explorando as águas do lago, a todo o comprimento e a toda a largura durante cinco meses, encontraram três espécies de *objectos não identificáveis*, um dos quais de tamanho considerável. Ex-

clui-se, dizem no seu relatório, a história de serem peixes ou submersíveis. Então de que se trata?

Segundo o biólogo Burton, do Museu Britânico, não se poderia tratar dum ser vivo, pois a coisa é insustentável sob o ponto de vista biológico. Estou de acordo com Burton e não partilho da opinião de Holiday, que emitiu o parecer de que se trataria dum gigantesco verme! Penso que o monstro de Loch Ness é idêntico ao monstro da Tâsmانيا, e, por consequência, de que se trata não de um ser pertencendo ao reino animal terrestre, mas duma máquina de matéria sintética especial (polímero) desprovida de qualquer elemento metálico e de «enxárcia», mas que, aparentemente, se aproxima do disco voador do tipo «aquático», e que é talvez uma cisterna contendo reservas energéticas para os outros discos. Foi fotografado na água, mas também em voo e tem um sistema de tubos que servem talvez para acostagem dos discos. Estes possuem um periscópio característico que foi igualmente fotografado com um equipamento electrónico, periscópio retráctil, pois é formado por uma série de anéis. A forma difere às vezes na extremidade, dividindo-se em duas partes, e lembra a cabeça dum cavalo: esta espécie de tubo foi pescada, como destroço, ao largo de Freeport, perto de Nova Iorque.

Quando o «monstro» navega — todas estas observações são feitas por testemunhas e recolhidas na obra de Holiday —, o pESCOÇO do periscópio parece ficar paralelo à direcção do movimento, enquanto noutras circunstâncias este apêndice, tendo muitas vez a dimensão dum mastro, ou de uma trave sobre uma base mais baixa e grossa, foi visto a oscilar como uma serpente, o que lhe valeu o nome de *grande serpente*. É por esta razão que os Antigos, que já haviam tido contactos com os Extraterrestres, mencionam muitas vezes serpentes voadoras, e que a Bíblia, num sentido simbólico mas derivado dum facto real, fala da serpente que fascinou Eva...

Além disso, como ao longo do pESCOÇO existe uma espécie

de juba rígida e fibrosa, os Antigos falam também de uma *serpente de plumas*.

Pode também ser que o *Leviatão* bíblico se refira a um desses monstros voadores, com o corpo revestido de placas metálicas, e que os dragões da mitologia chinesa tenham a mesma origem.

Quanto ao movimento do pescoço da serpente, convém precisar que, tal como foi descrito, seria impossível ser efectuado por um ser dotado de estrutura óssea.

### *UMA MÁQUINA PERFEITA*

O *animal* em questão é anormalmente sensível, seja devido a um aparelho electrónico, seja em virtude de faculdades parapsicológicas, à presença de seres humanos ou animais, digamos, seja do que for que viva, como os *yetis*. Notou-se também que o volume e número de protuberâncias em forma de cúpula parece variar, mas isso é devido ao facto de serem retrácteis, tal como nos discos voadores.

Por vezes tem-se falado numa massa escura em forma de barca, forma que foi observada igualmente nos discos, e que parece constituída por dois discos acoplados possuindo uma curiosa barquinha ventral. Esta permitiria um pouco mais de controle na água, onde, devido à velocidade, teria tendência para conservar a sua orientação por inércia. Mas a mais estranha característica do «monstro», e que exclui que se trate de um ser vivo, refere-se à sua emersão e imersão perfeitamente verticais, tal como os submarinos; além disso, foi visto à superfície, silencioso e inteiramente imóvel. A juba já mencionada poderia ser um dispositivo anti-radar.

Quando o «monstro» parece rodar sobre si próprio observam-se várias cores, quer castanho, quer amarelo, quer ainda marfim, e a cúpula é com frequência castanho avermelhado. Por vezes a «pele» é vítreia ou branco-prateada.

O corpo tem sido descrito por algumas testemunhas como aerodinâmico, cortando facilmente a água. Se se tratasse dum animal de pescoço comprido, não poderia sobreviver ao longo das costas irlandesas, onde foi visto, porque seria presa das orcas, muito ferozes. Ora estas não o incomodam.

Dado que se trata, segundo a minha análise, duma máquina ou dum engenho-cisterna que alimenta os discos voadores ou os discos submersíveis, não é de espantar que este engenho extraterrestre ou este estranho submarino só haja sido visto em Loch Ness. É assim que, por diferentes vezes, têm sido vistos discos voadores mergulhar nas águas do lago Titicaca. Mais ainda, na proximidade dos lagos onde imergem estes engenhos, a erva está muitas vezes pisada e carbonizada, o que não poderia ser feito por um ser vivo.

Acrescentemos que estes discos «mergulhadores» foram também vistos nos oceanos, se bem que a imprensa nunca fizesse, tal como no que se refere aos clássicos discos voadores, uma descrição pormenorizada.

### *O MONSTRO DA TASMÂNIA*

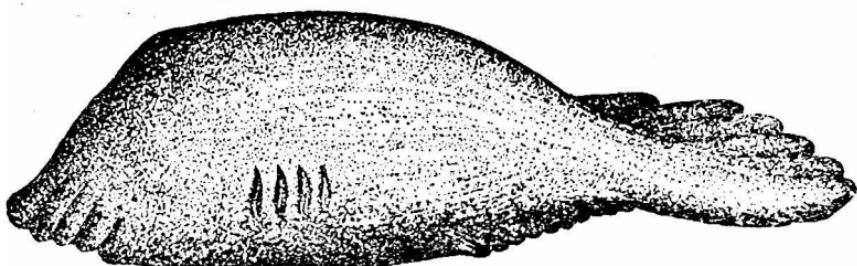
Estes discos voadores e mergulhadores dão por vezes lugar a incidentes diplomáticos, pois quando são observados em águas territoriais atribuem-nos a manobras de nações estrangeiras. Depois catalogam-nos imediatamente, tanto como engenhos metálicos, tanto como grandes cetáceos.

Um porta-voz da marinha americana declarou, a propósito de um destes submarinos fantasmas avistados ao largo da Florida, que se não tratava de um submersível, mas manteve-se evasivo quando lhe perguntaram se poderia ser um animal. Esta perplexidade só é compreensível se se pensar nas características do monstro da Tasmânia.

O seu corpo não se assemelha a qualquer animal terrestre. Com o comprimento de sete metros, por seis de largura, é coberto por uma espécie de penugem ou de matéria que se

desfia e não possui nem olhos, nem boca, nem esqueleto. É composto por uma matéria muito dura e ao mesmo tempo plástica (liga especial?) muito resistente ao fogo e a grande número de agentes químicos; a lâmina duma faca quebra-se contra ela e os machados saltam<sup>1</sup>.

Segundo o naturalista Bruce Mollison, que estudou o monstro da Tasmânia, a própria «coisa» e a matéria que a compõe nada têm de comum com algo de «terrestre».



*O monstro da Tasmânia, sem olhos, nem boca, nem esqueleto, que, incluindo a matéria de que é constituído, «nada tem de terrestre», na opinião do naturalista Bruce Mollison*

Existe um outro «monstro» que deu à costa numa praia mexicana perto da aldeia de Tecoluta. É uma massa de trinta e cinco toneladas, com o comprimento de nove metros por cinco de largo, assemelhando-se vagamente a uma serpente, pois tem o corpo coberto de escamas que são de facto placas imbricadas na sua parte superior. Notou-se uma espécie de pescoço, com três metros de comprido, análogo ao do monstro de Loch Ness. A princípio foi considerado como uma espécie de cetáceo, mas depois de um exame mais atento foi impossível classificá-lo entre as espécies animais.

<sup>1</sup> Trata-se da mesma matéria que compõe o fato-macaco dos pilotos dos discos voadores, tal como descreveu Mrs. Lorenzen no seu livro (cf., p. 168), onde sublinha que uma faca não o rasga, antes a sua lâmina se quebra. O fato do piloto de Hopkinsville, de que fala Edwards numa das suas obras, é feito deste mesmo material, que resiste muito bem às balas.

## OS ANTEPASSADOS

A propósito destes engenhos tomados como cetáceos, é significativo que o doutor Roger Payne, da Rockefeller University, tenha afirmado, numa declaração publicada na primeira página do *New York Times* de 26 de Maio de 1960, que existem estranhos tipos de baleias com doze metros de comprimento e munidas de uma protuberância dorsal... que emitem sinais electrónicos! E pergunta se o canto das sereias de que fala Homero não teria sido emitido por um destes cetáceos!...

Estes misteriosos submarinos, tomados a princípio por cetáceos devido à sua «pele luzidia», foram avistados ao largo das ilhas Havai, da baía Branca, no Ártico, e próximo da Terra do Fogo. Foram até assinalados nos lagos africanos e em certos pântanos. Os nomes dados pelos indígenas divergem segundo as regiões, mas as descrições concordam: *Jaco Nini*, *Lukwata*, *Chipekwe* e *Mokelembewbe*. O monstro atacaria os crocodilos e os hipopótamos, mas sem os devorar (talvez se interessasse só pelas vísceras e pelo aparelho cérebro-espinal).

Grafites do Uganda, de Moçambique, da Rodésia e do Tanganhica reproduzem as características dum monstro semelhante ao de Loch Ness (foto 9). É curioso verificar que nas regiões de África onde o monstro foi visto se descobriram pedras ou tijolos envernizados idênticos aos utilizados na construção da porta de Ishtar, na Babilónia, onde existe um baixo-relevo representando um estranho *dragão*...

## O MONSTRO, DISCO VOADOR

Existe ainda outro monstro nos lagos da Sibéria, onde é descrito como uma massa volumosa munida dum longo pescoço terminado por uma cabeça pequena (*periscópio retráctil*).

*til). O corpo, de cor escura, está coberto de escamas que são, na realidade, placas amarelas e pretas como as dos discos voadores descritos por Mrs. Lorenzen no seu livro *The Great Flying Saucer Hoax* (1966):*

«O disco não cintilava, era cinzento-opaco, e em volta, ligeiramente retraídas, havia uma série de placas metálicas brilhantes com uma pequena abertura entre cada uma delas. Ouvia-se como que uma espécie de zumbido, o qual parecia vir do interior do disco, imóvel no solo. *Duma das placas saiu um gás dum azul intenso.* Depois, com grande espanto de Mr. Hawrs, que observava a cena, a placa metálica começou a enterrar-se no interior do objecto, e nesse local viu-se uma espécie de buraco profundo. Quase ao mesmo tempo ouviu-se um estalido e apareceu outra placa, que tomava o lugar da precedente. Ao mesmo tempo que o zumbido se tornava mais intenso, uma espécie de halo formava-se em volta do objecto e, um instante mais tarde, o disco ergueu-se verticalmente e desapareceu no céu.»

Para tornarmos a falar no monstro, é significativo que o que foi descoberto no lago de Labinkyrr tenha sido considerado como um grande tonel de *estanho brilhante* com duas protuberâncias na cabeça (quer dizer, o periscópio). Os antigos Celtas também falaram em *monstros voadores recobertos por uma espécie de couraça metálica*, que não tinham esqueleto e não absorviam alimentos.

É curioso verificar que na Antiguidade se oferecia a estes monstros sacrifícios humanos, tal como nas civilizações da *serpente com plumas* (América pré-colombiana).

Seja de que maneira for, se ainda há quem tenha dúvidas acerca da realidade de assimilação do monstro de Loch Ness aos discos voadores — não esqueçamos a bem conhecida influência destes sobre as instalações electromagnéticas e sobre o transporte de energia eléctrica (regiões inteiras ficavam privadas de luz) —, lembremos que num filme sobre Sherlock Holmes aparecia o célebre «monstro»; a maqueta fora

construída de tal maneira pelo realizador Wally Weaver, em dois meses de trabalho e com auxílio de aparelhos electrónicos, que todas as baterias que comandavam o movimento do animal se extinguiram depois da passagem duma enorme vaga...

## OS YETIS. PILOTOS DOS DISCOS VOADORES?

por ANGELO MORETTI

Um artigo aparecido na revista italiana *Panorama*, de 8 de Abril de 1971, sublinha, com um mapa a apoiar, um paralelo pelo menos curioso: as aparições de discos voadores são particularmente numerosas nas regiões do Noroeste dos Estados Unidos, nos locais onde mais frequentemente foram assinalados os *yetis* (e onde o urânio é mais abundante).

Pela minha parte, desde há muito que notei que as características físicas de comportamento e de linguagem relatadas por aqueles que se aperceberam, perto ou longe, dos *yetis* correspondiam perfeitamente às descrições dos que encontravam hominídeos na proximidade ou no interior de discos voadores. A dedução lógica é que se trata de indivíduos da mesma espécie.

O *yeti* não é só o homem-macaco que habita as solidões montanhosas do Nepal e do Tibete, onde várias vezes foram fotografadas as suas pegadas, mas foi também visto nas florestas do monte Shasta, no Norte da Califórnia, no Kilimanjaro, em África, nas florestas da Malásia e do Cáucaso (cf. o artigo da professora Anna Kofmann, de Moscovo, no *Corriere della Sera* de 6 de Maio de 1968). Também foi avistado no estado de Washington e, coisa curiosa, precisamente na região onde, a 24 de Junho de 1947, Arnold Kenneth viu uma formação de nove discos voadores, abrindo assim a via

às aparições do pós-guerra (todos os anos se contam vários milhares deles no mundo). Nesta região, John Green, do jornal *Advance*, recolheu mais de duzentos e cinquenta testemunhos sobre homens-macacos do tipo *yeti*, e Roger Patterson, de Yakima, chegou a filmar um *yeti* fêmea, enquanto, no Outono de 1971, Ivan Marx filmou um *yeti* macho. Alguns fotogramas deste filme foram reproduzidos num número de *Selection* e observa-se nitidamente o famoso crânio alongado em altura.

As características físicas dos *yetis* e as dos hominídeos dos discos são as mesmas: o tamanho varia de noventa centímetros a mais de três metros. Um cheiro com frequência nauseabundo (que valeu ao *yeti* o epíteto de abominável) parece, por um lado, ser um odor racial particular e, por outro, prover dum fluido particular que é muitas vezes emitido pelos discos voadores com a finalidade de aniquilar a consciência das testemunhas.

Muitos *yetis* têm o corpo coberto de pêlos e o rosto bastante glabro. A este respeito, o professor Ryn Schen, de Ulan Bator, na Mongólia, que fez um profundo estudo sobre os *yetis*, distingue este, o peludo, do Almasi, que é pouco coberto de pelo e se aproxima do tipo humano. O pelo, quando abundante, é muitas vezes ruço ou castanho-escuro, mas também há indivíduos louros, de cabelos compridos como os *hippies*. Tanto num como no outro tipo, o crânio é alongado para cima e tem um volume superior ao do homem. Encontra-se também este género de crânio nos monumentos do antigo México e nas estátuas pré-colombianas, tal como o nota Qixe Cardinale no seu livro sobre *Le retour des civilisations perdues*, e nas múmias do Museu Pigorini, de Roma. Além disso, existe muitas vezes uma hipertricose ao longo da coluna vertebral. Os escalpes dos *yetis* são conservados piedosamente pelos Tibetanos, como se pertencessem a seres divinos. Os *yetis* vivem nus e suportam impunemente temperaturas glaciares a sete ou oito mil metros de altitude,

quer dizer, numa atmosfera rareficada, e as suas pegadas, nítidas na neve, têm sido fotografadas muitas vezes. A melhor descrição é a do doutor Wiss-Dunant, de Genebra.

Se se passar agora dos *yetis* para os discos voadores, é curioso verificar que, na noite de 17 de Novembro de 1882, discos voadores foram vistos sobre várias cidades inglesas e que nos dias seguintes marcas de forma estranha puderam ser observadas na neve, um pouco por toda a parte. Já em 1825, grandes marcas não identificadas tinham sido encontradas em diversos locais depois de um grande nevão que caiu no país. Em 1960, descobriram-se ainda marcas misteriosas na neve no parque de Yosemite, nos Estados Unidos, logo após a passagem dum OVNI.

As marcas de Castellucio di Norcia, citadas no diário *Il Tempo*, de 24 de Dezembro de 1954, são do mesmo tipo. Na noite de 23 de Dezembro, pelas vinte e duas horas, nesta aldeia dos montes Sibyllins (Apeninos), viu-se um rastro luminoso baixar sobre o horizonte e desaparecer atrás da montanha. No fim de alguns minutos, avistaram-se dois faróis luminosos deslocando-se lentamente na crista da montanha, que desapareceram vinte minutos depois. Pensou-se que se tratava de viajantes perdidos e esperaram por eles em vão.

A neve caiu na noite de 22 de Dezembro. Na manhã seguinte, vários habitantes dirigiram-se ao local onde tinham visto os faróis. Puderam observar na neve marcas nítidas como as de «pés nus pertencendo a pessoas de altura média» e outras mais pequenas.

A certa altura, as marcas desapareciam de repente, como se os misteriosos passeantes tivessem voado!

O director da Associação Internacional para Protecção da Natureza (NICAP), Peter Byrne, que efectuou investigações sobre o *yeti* americano nos estados de Washington e Oregon, notou a este propósito que um dos mistérios destas marcas «assenta no facto de se não compreender que partam de determinada região e aí não voltam...»

**CARACTERÍSTICAS DOS PILOTOS DOS OVNIS**

Lorenzen, Frank Edwards, Jacques Vallée, Gordon Creighton, Ribera e Aimé Michel falam disso nas suas obras. Portanto, eis simplesmente uma síntese.

A sua estatura varia entre os noventa centímetros e os três metros de altura. Em média, são de aparência robusta e têm pelo abundante por todo o corpo. Usam com frequência fatos-macaco apertados, que só deixam livres as mãos e o rosto, e meias botas sem salto. Outras vezes, trazem uma espécie de escafandro análogo ao dos mergulhadores. Notaram-se por vezes, especialmente em Flatwood, cheiros abomináveis, como se se tratasse de matérias em putrefação.

No episódio de Hopkinsville, que ocorreu na noite de 21 de Agosto de 1955, as características *yeti* são impressionantes: braços muito compridos, dedos com garras, crânio volumoso em relação ao corpo. O indivíduo vestia um fato-macaco brilhante e metalizado e andava como os macacos, servindo-se das mãos. O processo figura nos arquivos da NICAP.

Em certos casos, viu-se estes seres colherem plantas, flores e em especial recolherem amostras de minerais (busca de urânio?), certamente para os analisar. A linguagem é geralmente à base de sons guturais.

Os olhos são com frequência oblíquos, às vezes um pouco salientes, a pupila é vertical como a dos felinos (semelhança com os famosos homens-gatos da América Central). No indivíduo fotografado por Cedric Alligham em 1954, em Lossiemouth (Inglaterra), a cabeça em pão de açúcar é nitidamente visível e encontra-se, noutros casos, descrita por expressões semelhantes: *dome head* (cabeça em forma de cúpula), *melon-shaped* (em forma de melão) e *pumkin-head* (em forma de abóbora).

Foram vistos em atitudes que traduziam estarem a arranjar a máquina, com uma espécie de facho eléctrico na mão,

no decorrer de uma aterragem nocturna. Também foram notados alguns exemplos em que andavam para trás, tanto no que respeita aos *yetis* como aos pilotos dos OVNIS.

Pode levar-se bastante longe o paralelo entre estes e aqueles, o que é resumido por Frank B. Salisbury, da Universidade do Colorado, especialista em exobiologia, no seu prefácio ao livro de Mrs. Lorenzen acerca dos ocupantes dos OVNIS. «Trata-se por vezes de indivíduos de pequena estatura, mas também podem ser gigantes semelhantes a homens-macacos, mas com rosto humano. A cabeça é frequentemente em forma de melão, mas, em definitivo, os que usam fato-macaco podem passar por habitantes da Terra. Uns têm gestos lentos, outros são muito ágeis. Os olhos, por vezes, são fendidos como os dos orientais. A pele é ou escura ou inacreditavelmente pálida, como se fosse cera branca. É interessante verificar que os desenhos encontrados na América Central evocam muitas vezes este tipo de homem-animal... Ezequiel também fala de querubins descidos de máquinas voadoras como homens-animais. Tudo isto é estranho, mas corresponde perfeitamente às descrições e sobretudo à ideia de que se trata de seres primitivos, num certo ponto de vista (provinham de planetas pobres em oxigénio e por consequência com uma evolução diferente), mas, apesar disso, astronautas em escafandro circulando a bordo de discos voadores. Numa palavra, "astronautas paleolíticos", como lhes chama Aimé Michel.»

Em Baian-Kara-Ula, no Tibete Oriental, foram encontrados túmulos contendo esqueletos de homens pequenos ao lado de discos de pedra com forte conteúdo de cobalto. O arqueólogo chinês Tsum-Um-Nui conseguiu decifrar as inscrições: «Os Dropas desceram das nuvens nos seus deslizadores aéreos. E dez vezes até ao nascer do Sol, homens, mulheres e crianças se ocultaram nas cavernas. Mas, por fim, compreenderam os sinais e viram que os Dropas tinham vindo com intenções pacíficas...» Aí está descrito também

o desgosto de terem perdido a sua nave espacial como consequência da aterragem forçada.

Eis, portanto, os Extraterrestres condenados a ficar na Terra, e isto no Tibete, pátria dos *yetis*...

### BIBLIOGRAFIA

Henry Durrant, *Le livre noir des soucoupes volantes*, Laffont, 1970.

Peter Kolosimo, *Des ombres sur les étoiles*, Albin Michel, 1970.

Carso Graffigna, *L'enigme du yéti*, Juillard 1964.

Ivan Sanderson, *Homme des neiges e homme des bois*, Plon, 1963.

Jacques Bergier e o grupo Info, «L'abominable Homme des Etats-Unis», in *Le livre de l'Inexplicable*, Albin Michel, 1972.

## O MISTÉRIO DO HOMEM VOADOR

por P. LUIGI SANI

Parece que entre Novembro de 1966 e Novembro de 1967, um misterioso ser alado fixou o seu domicílio na região de Point Pleasant, pequena cidade da Virgínia Ocidental, nos Estados Unidos, situada a cerca de trezentos quilómetros a oeste de Flatwoods, onde catorze anos antes (1952) aparecera o monstro do mesmo nome<sup>1</sup>.

O «ufólogo» americano John Keel, a quem devemos o relato pormenorizado dos factos<sup>2</sup>, chegou à conclusão de que entre o estranho ser e os objectos voadores não identificados existe uma estreita relação. Se bem que haja argumentos a favor desta tese, não a partilho, pois existem outros a favor duma explicação diferente: a aparição, na região, dum espécime dumha espécie rara de pássaro. Falaremos no caso depois de expormos alguns dos numerosos testemunhos recolhidos por Keel. É certo que muitas pessoas ficaram aterrorizadas por «qualquer coisa» inteiramente desabitual e que, na época, se criou entre a população local uma verdadeira psi-

<sup>1</sup> Sobre o monstro de Flatwoods, cf. R. Pinotti: *Visitatori dallo spazio*, Ed. Armenia, Milão, pp. 229-232.

<sup>2</sup> John Keel: *Strange creatures from time and space*, Fawcett Gold Metal Book, pp. 213-237. Cf., do mesmo autor, «The enigmatic Bird of West Virginia», in *Flying Saucer Review*, 4, 1968, pp. 7-14.

cose do «homem voador», a quem os jornalistas chamaram o «homem-falena».

### *A «COISA QUE VOAVA»*

A 12 de Novembro de 1966, próximo de Clendenin (Virgínia Ocidental), cinco homens estavam ocupados a abrir uma cova num cemitério quando qualquer coisa semelhante a «um ser humano de cor castanha» passou a voar sobre as suas cabeças, vinda dum grupo de árvores. Os cinco homens ficaram estupefactos: a «coisa» não tinha, de modo algum, aspecto de pássaro, mas antes dum «homem munido de asas». Contaram a aventura só a alguns amigos e talvez não tardassem em esquecê-la se o homem voador não obrigasse de novo a falar dele.

Dois dias mais tarde, na noite de 14 para 15 de Novembro, por volta da meia-noite, dois jovens pares, os esposos Scarberry e Mallette, seguiam de automóvel a sete milhas ao norte de Point Pleasant. Atravessavam a TNT Area, uma zona de colinas arborizadas, com várias centenas de hectares, que confina com a grande reserva de animais selvagens, a McClintic Wildlife Station, com perto de mil e duzentos hectares. O nome TNT vem do facto de, durante a Segunda Guerra Mundial, ter sido um depósito de explosivos e munições. Ainda aí se encontram centenas de grandes cúpulas de cimento (iglus) hermeticamente fechadas com portas de aço. Há igualmente duas velhas fábricas de explosivos abandonadas e duas estações eléctricas também abandonadas. O subsolo de toda esta zona é percorrido por uma rede de galerias, a maioria delas cheias de água lamaçenta. A TNT Area constituía a principal «base de operações» do homem voador, pois dez das vinte e seis aparições citadas por Keel ocorreram nestas paragens. Mas voltemos aos quatro automobilistas.

Passavam junto dumas das estações eléctricas abandonadas,

quando avistaram, à beira da estrada, um estranho ser vertical que os observava. O ser «era de aparência humana, mas de alta estatura, entre seis e sete pés de altura [cerca de dois metros] e tinha duas grandes asas dobradas nas costas», declarou Roger Scarberry. A sua mulher, Linda, precisou: «Mas o que mais impressionava eram os olhos, enormes, vermelhos, semelhantes aos faróis dum automóvel.»

### *UM GRITO AGUDO*

O carro diminuiu de velocidade. Durante pouco mais ou menos um minuto a misteriosa criatura e os quatro passageiros encararam-se em silêncio. Depois, o ser deu meia volta e entrou na cabina eléctrica, cuja porta estava aberta. Cheios de pânico, os automobilistas meteram o acelerador a fundo e dirigiram-se a Point Pleasant a mais de cento e sessenta quilómetros à hora. Quando entraram na auto-estrada aperceberam-se, com um arrepião de terror, que o ser os seguia: voava por cima deles com as asas abertas, que deviam ter uns dez pés (três metros) de envergadura, mas, coisa curiosa, não batiam. Mrs. Mallette julgou ouvir um grito agudo, estridente, como se se tratasse de um grande rato. O ser alado seguiu-os até aos subúrbios da cidade e os quatro jovens precipitaram-se para o posto da polícia. O xerife-adjunto Millard comprehendeu, pelo seu terror, que não se tratava de uma brincadeira. Voltaram para trás juntos e não encontraram qualquer rastro do homem voador. Mas o rádio do carro sofreu curiosas perturbações e emitiu um som agudo semelhante ao dum disco de fonógrafo que rodasse a uma velocidade excessiva.

Na manhã seguinte, os quatro heróis da aventura fizeram uma conferência de imprensa, no decorrer da qual relataram o acontecimento.

No dia seguinte, 16 de Novembro, pelas vinte e uma horas, os esposos Wamsley e Mrs. Marcella Bennett, acom-

panhada pela sua neta de dois anos, atravessavam de automóvel a TNT Area e dirigiram-se a casa de amigos comuns, os Thomas. De repente, uma estranha e forte luz vermelha surgiu no céu, deslocando-se por cima da TNT Area. Com certeza que não era um avião.

Chegados ao seu destino, os Wansley e Mrs. Bennett desciham do carro quando uma silhueta gigantesca apareceu inopinadamente atrás do carro e se elevou com lentidão. Era uma enorme coisa cinzenta, maior que um homem, com dois olhos luminosos de aspecto aterrorizante. O pânico dominou o pequeno grupo: os Wamsley correram para dentro de casa, seguidos de Mrs. Bennett, com a pequenina debulhada em lágrimas. O casal Thomas estava ausente, mas os seus três filhos encontravam-se em casa. Barricaram-se com os recém-chegados dentro de casa e, da janela, observaram com apreensão os movimentos do homem voador. Este aproximou-se lentamente e chegou perto da varanda. Mrs. Wamsley decidiu então telefonar à polícia. Quando esta chegou o misterioso ser tinha desaparecido.

## *DOIS OLHOS VERMELHOS HIPNÓTICOS*

A 25 de Novembro de 1966, Thomas Ury, de vinte e cinco anos de idade, atravessava a TNT Area. Eram sete e um quarto da manhã. De súbito, uma grande figura cinzenta elevou-se dum campo, descolando como um helicóptero, e dirigiu-se para o carro. Ury, aterrorizado, acelerou até cento e vinte quilómetros à hora, mas o ser acompanhava sem dificuldade a velocidade e chegou mesmo a fazer vastos círculos sobre o automóvel. Ury avaliou que o monstro teria uns seis pés de altura, e de oito a dez de envergadura de asas. Não conseguiu observar-lhe o rosto.

Contudo, tal aconteceu dois dias depois, a 27 de Novembro, a uma rapariga de dezoito anos, Connie Carpenter. Por volta das dez e meia da manhã, voltava, de automóvel, para

casa, de regresso da igreja. Acabava de deixar New Haven quando viu uma alta silhueta cinzenta de pé à beira da estrada. O ser abriu duas grandes asas de cerca de dez pés de envergadura, elevou-se na vertical e dirigiu-se para o carro. Vinha de frente e a rapariga conseguiu ver-lhe o rosto: qualquer coisa de horrível, com dois enormes olhos vermelhos incandescentes, com poder hipnótico. Miss Carpenter não encontrou nada melhor para o descrever do que compará-lo a um «monstro num filme de ficção científica».

A horrível criatura caiu sobre o automóvel à altura do pára-brisas, evitando-o por se afastar no último segundo. A jovem entrou em casa a toda a pressa. Tivera um grande choque e, no dia seguinte, os olhos inflamaram-se e incharam. Este estado durava ainda duas semanas mais tarde, quando Keel a entrevistou.

A 4 de Dezembro de 1966, pelas quinze e dez, o homem voador foi visto por cinco pilotos do aeroporto de Gallipolis, que fica em frente de Point Pleasant, do outro lado do rio Ohio. Voava por sobre as águas a uns cem metros de altura e a mais de cem quilómetros à hora. Com as asas imóveis evoluía sem esforço aparente. Quando sobrevoou o aeroporto, os cinco homens repararam que tinha o pescoço particularmente longo e que movia constantemente a cabeça da esquerda para a direita como se observasse atentamente a zona. «Havia qualquer coisa de pré-histórico», observou a testemunha, «mas o que é certo é que se não tratava dum grou».

Um dos pilotos, Everett Wedge, correu a buscar uma máquina fotográfica e depois saltou para o seu avião, na esperança de interceptar o misterioso ser voador. Mas este desapareceu em qualquer parte na margem do rio antes de Wedge poder aproximar-se.

A 19 de Maio de 1967, pelas vinte e duas e trinta, Mrs. Benda X (a testemunha pretende manter o anonimato) seguia no seu carro com uma amiga na estrada ao norte de Point Pleasant, na TNT Area. A certo momento viram uma

forma escura com duas luzes brilhantes voando em círculo à volta de uma árvore. Parecia ser um objecto alado maior que um homem. De súbito, uma luz vermelha, maior, apareceu em baixo e aproximou-se da forma sombria. Os dois «objectos» juntaram-se e desapareceram em direcção ao norte.

### O QUE ERA?

A concordância dos testemunhos é tal que somos obrigados a admitir a realidade dos factos. Emitiu-se a hipótese de poder ser um condor dos Andes (*Sarcoramphus gryphus*) desviado do seu caminho. Se bem que a silhueta pudesse evocar a da misteriosa criatura, difere em vários pormenores, a começar pela estatura: um condor que meça um metro e meio em posição vertical é já excepcional. Ora a estatura do estranho ser está avaliada em dois metros! Mais ainda, como é que este pássaro, que vive em altitudes elevadas (quatro mil metros e mais) poderia conseguir ficar tanto tempo (um metro e mais), poderia conseguir ficar tanto tempo (um *habitat* natural? E como teria resolvido o problema da alimentação? Roubando cães e animais domésticos? É bem improvável porque se alimenta de seres em putrefacção.

Além disso, nenhuma das testemunhas o comparou a um pássaro, a não ser por voar e, pelo contrário, sublinharam o seu aspecto de hominídeo. Por outro lado, o seu comportamento geral, o facto de não mostrar medo, a sua curiosidade pelos humanos, a inexistência de movimentos das asas, a velocidade adquirida por um modo de propulsão desconhecida, tudo difere singularmente do que estamos no direito de esperar dum pássaro selvagem transplantado — por que acaso? — para um meio diferente do habitual. A hipótese de ser um pássaro parece, portanto, sem consistência.

Mas então o que era? Existe um elo — e qual — entre este ser e os discos voadores avistados, na região, na mesma época?

O mistério mantém-se insolúvel, e às questões que se formulam sobre a proveniência e a natureza do «homem voador» e a razão da sua presença nesta região é impossível dar uma resposta satisfatória.

No entanto, este caso inteiramente excepcional não é talvez único, pois pode aproximar-se, parece, do extraordinário testemunho a que nos vamos referir agora.

## HOMENS VOADORES EM ITÁLIA?

por SERGIO CONTI

O grupo de investigação sobre fenómenos insólitos Iperbole, de Prato (Toscânia), estudou recentemente um caso propriamente inacreditável contado por uma pessoa cuja probidade não pode ser posta em dúvida. Se bem que possa entrar na categoria dos «misteriosos objectos celestes», apresenta características que o tornam um fenómeno sem precedentes!

A testemunha é um certo B. A., de Livorno. É hoje funcionário e pediu, tal como tinha moral e legalmente o direito, para conservar o anonimato.

O caso passou-se durante o Verão de 1945. B. A. não se recorda precisamente nem do mês nem do dia; foi ou em Agosto ou em Setembro. Fazia então o seu serviço militar na marinha e estava embarcado no couraçado *Duilio*, que se achava ancorado em Tarento.

Foi da ponte deste barco que A. B. assistiu ao extraordinário fenómeno. Falou no caso a algumas pessoas e encontrou sempre incredulidade e troça. Alberto Costanzo e Loris Innocenti tiveram de vencer as reticências deste homem cortês e reservado antes de o fazer evocar as suas recordações com tanta precisão quanto possível.

«Que posso dizer-lhes?», começou ele por perguntar.

«Vi-os como vos estou a ver, observei-os e lembro-me exactamente de como eram.»

B. A. tinha na época vinte e dois anos, e a sua unidade estava ancorada. Nessa tarde, devia passar um pouco das dezanove horas, o jovem marinheiro aborrecia-se. O recolher impedia-o de ir a terra e a equipagem tinha de se conservar a bordo. Então, quando passeava na ponte, aproximou-se dum dos grandes óculos de bordo. Para se distrair teve a ideia de olhar por eles; a ponte estava deserta e, além disso, a falta não era importante. Tirou-lhe o estojo de protecção e apontou o aparelho para o sol-poente. A luz não era muito viva e os olhos podiam suportar um instante o brilho avermelhado do astro. Depois, B. A. deslocou o óculo para o céu ainda claro e azul, num movimento lento para observar a diferença de cores.

Foi então que aconteceu uma coisa cuja recordação se manteve inapagável e que chegou mesmo a, em parte, condicionar o seu carácter, obrigando-o de tempos a tempos a interrogar-se para se convencer de que não era um visionário e de que aquilo que viu era real.

Na lente do óculo enquadrava-se um grupo de «coisas» que planavam em formação, alto, no céu.

Não acreditava no que via! Era uma «esquadilha» de formas humanas!

Podia distingui-las perfeitamente, pois delineavam-se no azul do céu com toda a nitidez.

Via-lhes o rosto, que era semelhante aos nossos. Notou o enorme e poderoso corpo. Estes seres eram com certeza muito grandes, perto de três metros de altura («do tamanho desta casa», disse textualmente B. A.). Não podia afastar os olhos desta visão e conseguiu ainda notar todos os pormenores, entre eles o de que estavam cobertos de penas. O rosto era rodeado por longos cabelos, nuns azuis-escuros, noutras, rui-vos-escuros também. Na extremidade das coxas nasciam duas patas sem penas, de aspecto robusto, que terminavam em três garras do comprimento dum braço humano. Davam a

impressão de uma enorme força. «Poderiam levantar um boi», precisou B. A. Tinham adoptado a formação em V e o primeiro falava, ou pelo menos mexia a boca como se falasse, voltado para o companheiro da direita.

Não tinham braços, mas sim duas vastas e poderosas asas, com o auxílio das quais planavam como se estivessem a ponto de tomar uma decisão.

Vivamente impressionado por este espectáculo, B. A., passado o primeiro instante de estupefação, olhou vivamente à sua volta para ver se haveria alguém que confirmasse a sua visão. Estava só. Esforçou-se por dominar o medo que o invadira e recobrar o sangue-frio. Tornou a olhar pelo óculo: os seres misteriosos tinham desaparecido. Orientou o óculo em todas as direcções. Trabalho perdido, o céu estava vazio.

Procurou então pôr ordem nas suas ideias. Concentrou-se sobre a visão que impressionara a sua retina instantes antes. Recordou nitidamente todos os pormenores. Os seres eram uns quinze. Pensou um instante num novo tipo de máquina voadora de utilização militar, mas a hipótese não era aceitável. Não havia nada de mecânico nos seres que vira, não podiam ser pássaros. O seu comportamento excluía esta hipótese. Tinham um rosto humano e mexiam a boca como se falassem.

Um outro pormenor a que no momento não dera atenção veio-lhe à ideia. Estes seres planavam com o corpo em posição vertical, o que não acontecia com nenhum pássaro, pelo menos que ele conhecesse. E como explicar o seu desaparecimento súbito? Quem eram? De onde vinham?

Tornou a tapar o óculo. Tinha uma estranha sensação. Estava certo de não ser uma alucinação, mas uma dúvida subtil nasceu em si e nunca mais o abandonou; viveu desde então na esperança de encontrar outra pessoa que pudesse confirmar o seu testemunho, dar-lhe a certeza de que não fora vítima dum perturbação psíquica.

Eis os factos. Na ausência de qualquer documento e de qualquer outro testemunho, é difícil interpretar sem recorrer à explicação alucinatória. No entanto, por um lado, B. A.

é um homem perfeitamente equilibrado, de espírito lúcido, prático e objectivo; por outro, a história está cheia de fenómenos inexplicáveis do mesmo género que tiveram como testemunhas homens perfeitamente normais, mas que encontraram a incredulidade geral e foram tratados como mitómanos e iluminados.

Foi o caso de um tal Comaro Orsini, de Génova, que passou por uma experiência análoga quando pescava na Bocca di Magra. Não se trata, desta vez, de um homem voador que recorde os serafins bíblicos e os pássaros-sereias da mitologia, mas, sim, uma sereia: tinha um rosto de mulher rodeado de cabelos verdes e surgiu a pouca distância da testemunha, a quem olhou durante um instante. Se bem que a cena haja sido breve, Orsini teve tempo de observar certos pormenores importantes, como, por exemplo, a cauda de peixe, de cor «azulada».

Nós conhecemos B. A. É um funcionário escrupuloso e um homem perfeitamente digno de estima. As suas vivas reticências em falar em coisas tão fantásticas depõe a seu favor. Desde há anos que vive atormentado por esta recordação, que não pode considerar como fruto duma imaginação exaltada, pois sabe tê-lo vivido em plena consciência.

Esta nova peça, que vem juntar-se ao processo dos factos estranhos que parecem fazer acreditar na existência real de seres tidos até agora como lendários, abre sobre a mitologia perspectivas vertiginosas...

## GNOMOS NA PRÉ-HISTÓRIA

por ENRICO LUIGI BONI

Em Outubro de 1938, dois pesquisadores de ouro americanos fizeram uma descoberta extraordinária, que, até hoje, ainda não teve explicação. Como consequência duma explosão provocada nos montes Pedro, a uma centena de quilómetros de Casper (Wyoming), descobriram uma gruta com cerca de um metro e vinte de largura e cinco metros de profundidade, inserida numa massa granítica.

No interior, sentada com as pernas cruzadas sobre um soco de pedra, encontraram uma múmia minúscula. Trazida para Casper, foi submetida a exames cuidadosos por vários sábios, os quais se mostraram incapazes de explicar como podia ter sido metida na caverna, no coração do bloco de granito.

Mas não é o único problema levantado por esta descoberta. Com efeito, a múmia sentada tem apenas vinte e dois centímetros e pesa trezentos e cinquenta gramas. As características do rosto estão perfeitamente conservadas. A pele é duma cor bronzeada, a testa baixa e o nariz muito achatado. Os sábios concordam em reconhecer que no momento da morte o ser devia ter mais de sessenta anos. O exame por meio de raios X revelou que a dentadura, as vértebras e a bacia eram incontestavelmente humanas.

O conservador do Museu Egíptológico de Boston decla-

rou que a múmia tem o aspecto das que foram descobertas nas margens do Nilo, que não são envolvidas em faixas. O professor Henry Fairfield baptizou este misterioso ser como *Esperopitheco*, tentando classificá-la entre os diversos hominídeos que viveram na América do Norte no plioceno, quer dizer, há onze milhões de anos. Infelizmente, os sábios «clássicos» não poderam incluir a múmia nos seus esquemas darwinianos. E porque a múmia data duma época em que nenhuma criatura humana *pôde existir* (!), ficou relegada, esquecida, no museu duma pequena cidade americana.

De facto, isto não acontece só na América. Numerosos sábios consideraram mais cómodo «esquecer» a importante descoberta do professor Johannes Hürzeler, que, em 1958, em Baccinello, próximo de Grosseto (Toscânia), descobriu o *oreopitheco*, um pré-hominídeo que viveu há cerca de dez milhões de anos.

Na opinião de certos investigadores, os primeiros habitantes do Novo Mundo eram negróides. A este respeito há duas teorias: segundo uns, os hominídeos teriam partido do Sudeste asiático, segundo outros, seriam originários da Ásia Central. O estreito de Beringue serviria de lugar de passagem a seres minúsculos numa época anterior à última migração conhecida, que ocorreu numa data relativamente recente.

Seja de que maneira for, há demasiadas lendas espalhadas pelo mundo inteiro, relativas a seres de pequena estatura, para serem unicamente produto da imaginação. As tradições populares falam de elfos e gnomos, tanto na Europa Ocidental, como na Índia, entre os Peles-Vermelhas, como no meio dos Esquimós.

A história do Pequeno Polegar, por exemplo, encontra-se numa forma quase idêntica entre os Cherokees estabelecidos actualmente em Oclaoma e na Carolina do Norte. Segundo esta tradição, o Sol — divindade suprema e feminina — criou um ser minúsculo, Wen-de-hat (e Wendat é o nome duma tribo que ainda hoje existe), que tinha por tarefa roubar os *moccassins* alados do seu rival Trovão.

Na opinião da antropóloga britânica Margeret Murray, autora do célebre livro *Deus dos Feiticeiros*, a raça anã que povoou outrora vastas regiões da Terra, «se bem que tenha deixado poucos vestígios materiais, sobreviveu em inúmeras histórias de fadas, de gnomos e de elfos».

### ... E UMA GIGANTA DA IDADE MÉDIA

Durante a campanha de pesquisas de 1971, o grupo arqueológico da cidade de Teramo, nos Abruzzos, descobriu os restos de uma «giganta» numa gruta dos montes da Laga, pouco mais ou menos no limite entre os Abruzzos e Marches.

Esta espantosa giganta, morta entre os anos 1100 e 1200 da nossa era, foi enterrada de modo inteiramente invulgar. Na mão esquerda segura uma barra de ferro e cobre, que tem um gancho numa das extremidades e está rodeada por um filete metálico oxidado.

As circunstâncias da morte mantêm-se misteriosas. «A mulher», escreve Delfino Fregonese, director das pesquisas, «que deve orçar entre vinte e dois a vinte e cinco anos, foi atingida por um objecto pontiagudo, talvez uma espada, no meio da testa, mas o golpe não foi mortal. Morreu mais tarde como resultado duma segunda ferida, causada talvez por um machado. Tiraram ao cadáver a matéria cerebral, a calote craniana foi cortada de maneira rudimentar. A jovem deve ter sofrido uma terrível operação, provavelmente quando agonizava. Porquê?»

Ficamos reduzidos a hipóteses. Pode pensar-se numa «feiticeira» atrozmente supliciada, tanto mais que a pobre criatura exibe traços de várias fracturas no maxilar, feitas antes de estar morta. Pode tratar-se também de uma suábia, pois, tal como nota o professor Enzo Mazzoni, os feudatários de Frederico II chegaram às terras que lhes tinham sido atribuídas com um séquito de homens e mulheres. Se «Germana» — foi assim que a baptizaram — fazia parte destes últimos, pode

ter caído sob os golpes dos vencedores da Batalha de Benevento (1266).

A segunda hipótese parece-nos mais verosímil, sobretudo porque «Germana» constitui o único exemplo duma mulher enterrada em Itália com o que é manifestamente uma arma na mão, honra concedida, entre certas populações nórdicas, aos guerreiros particularmente valentes, como se pode verificar pelos exemplos de *Carolina Rediviva*, na biblioteca da Universidade sueca de Upsala. Além dos ferimentos já citados, nota-se uma fractura na bacia, que deve ter acontecido quando «Germana» tinha doze ou treze anos e que soldou naturalmente.

Perdemos em conjecturas sobre o corte da calote craniana e a extração da matéria cerebral. Alguns falaram num rito medieval saxão, mas a explicação não é convincente, pois nas bibliotecas de Hamburgo, de Copenhaga e de Upsala não se encontra em parte alguma referências a práticas desse género.

Os jornais falaram de «romance policial medieval», o que nos parece bastante justo, mesmo se nos basearmos na segunda hipótese, e que se ponha de parte a da caça às bruxas. Esta suposição é baseada sobretudo no facto de certos povos nórdicos acolherem entre os guerreiros alguns elementos do sexo feminino que tivessem dado provas de ser iguais aos homens pela sua estatura, força física e carácter belicoso.

Relembremos, sobre este assunto, os trabalhos de Ivar Lissner e as recentes hipóteses da doutora soviética Sonia Petrovna, na opinião de quem as populações pré-eslavas dos Urales teriam dado grande apreço às suas mulheres guerreiras. Estas amazonas não abdicavam da sua feminilidade, visto que chegavam a importar perfumes do Egipto, como atesta um frasco descoberto em Omsk e que data do século V antes da nossa era (cf. *L'Europeo* de 21 de Outubro de 1971).

## HOMINÍDEOS DE CASCIANA TERMA

por MAURO FARNOCCCHIA

Não é raro que interessantes descobertas arqueológicas devidas a pequenos grupos de amadores tenham só as honras de uma pequena notícia e depois caiam no esquecimento. E no entanto...

Foi o que aconteceu ao Grupo Autónomo de Investigações Científicas de Pescia, na Toscânia.

Em 1970, o grupo encontrava-se na região de Casciana Terma, onde, segundo o mapa arqueológico, se deviam encontrar interessantes vestígios fossilizados. Por acaso, encontraram uma gruta que se abria a quatro metros acima da base de uma colina. Uma cunha metálica, descoberta próximo da entrada, tinha servido para aumentar a abertura natural, a fim de que a gruta pudesse servir de armazém ou galinheiro, tal como é uso na região.

A primeira vista, a gruta não apresentava nada de particular: quase circular, media cerca de três metros, e uma interessante formação de stalactites pendia do tecto, a dois metros de altura. Alguém se apercebeu então de que qualquer coisa coberta de musgo e que parecia ser um osso saía do tecto, na base dum estalactite. Libertou-se com efeito o que parecia ser uma vértebra animal, muito provavelmente de um antropóide.

Quando se efectuou uma segunda expedição, os membros

do grupo atacaram o tecto e depressa viram que a crosta rochosa era muito mais macia que os outros estratos vizinhos, extremamente duros e compactos, impossíveis de trabalhar. Libertaram inteiramente cinquenta centímetros duma camada de calcite que cobria o tecto, as paredes e em parte o solo (se bem que os vestígios tenham sido descobertos só no tecto.) Para cima erguiam-se cento e cinquenta metros da colina, composta por anfistoginas do pliocénio, muito duras. A equipa de buscas disse-me que teria sido necessário dinamite para resolver o problema.

Da camada de calcite, retiraram-se numerosos ossos, que, em seguida, foram examinados pelo professor Parenti, da Faculdade de Antropologia de Pisa. Este também auxiliou o grupo na reconstituição dos restos de três hominídeos, que apresentam as seguintes características:

- Idade aparente no momento da morte: cerca de quarenta anos;
- Estatura: um metro e quarenta centímetros;
- Tórax muito desenvolvido;
- Os braços, alongados, e a rótula, de dimensão modesta, indicam uma locomoção de pés e mãos, além da posição vertical;
- A dentadura, de incisivos agudos e usados, deixa supor uma alimentação em grande parte vegetariana.

Esta última conclusão é formulada graças à descoberta de alguns dentes encastrados no bloco de calcite. Pelo contrário, faltavam, nos três esqueletos, os ossos do crânio (rito religioso?). O único crânio encontrado foi o dum pequeno roedor.

O teste feito com Carbono 14 deu como resultado uma idade de cerca de três mil anos. Ao mesmo tempo, examinaram as estalactites em cujo interior haviam sido descobertas as ossadas. Pelo seu comprimento actual — uns trinta centímetros — deviam ter um milhão de anos! O que é

mais ainda, o tipo de rocha em que estavam inseridos os restos é típico do plioceno e por consequência, segundo todas as probabilidades, muito mais antigo.

Esta interessante descoberta traz muitos problemas, muito difíceis de resolver.

Numa gruta, na qual ignoramos se existia uma entrada primitiva, foram descobertas ossadas sem cabeça «encaixadas» num estrato de calcite do plioceno, que cobria o tecto numa espessura de cinquenta centímetros. Para cima erguia-se uma rocha inatacável de cento e cinquenta metros.

Ora se a datação do Carbono 14 é exacta, é difícil imaginar hominídeos que viveram há três mil anos, quando o Egipto entrava já no período da decadência!

E muito embora a Itália não tenha atingido então um tão brilhante desenvolvimento, é difícil acreditar que estivesse ao nível do macaco superior, a menos que se trate dumha espécie contemporânea do homem desta época e que, mais tarde, se extinguiu ou foi destruído. Nada nos permite agora fazer afirmações, quando a brilhante civilização dos Etruscos, vindos de leste, se mantém ainda envolvida em mistério.

Se o Carbono 14 nos induziu em erro, não acredito que este seja tão considerável como parece: de três mil a um milhão de anos! A não ser que, nova hipótese, a longa estada no bloco de calcite tenha alterado as características da degradação orgânica. Um perito que se pronuncie sobre o assunto.

Mas como é que estes restos se encontravam encastrados numa formação de calcite e como é que ela constituía o revestimento dumha gruta no sopé dumha colina?

Talvez um abalo telúrico tenha elevado a colina e provocado uma grande fissura numa veia de calcite. Talvez que os três homens tenham encontrado refúgio nesta anfractuosidade, ou talvez para ali houvessem sido deitados depois de mortos e decapitados pelos seus inimigos. Pode ser que, como consequência de um tremor de terra, os restos tenham sido bloqueados na calcite contra a abóbada de anfistogina

e que, com o decorrer dos séculos, a água fizesse o resto, originando a descida das ossadas até às estalactites em formaçāo.

Mas isto não passam de hipóteses e até hoje as ossadas conservam o seu segredo.

## UM ESQUELETO DE EXTRATERRESTRE?

por SERGIO CONTI  
e GIULIO GRILLETTA

No número de 1 de Outubro de 1970 do jornal *El Mundo*, de Caracas (Venezuela), foi publicada uma estranha fotografia. Trata-se de um esqueleto de hominídeo que mal mede um metro, de ossatura delicada e com o crânio hiper-trofiado, não podendo ser incluído em nenhuma forma de vida terrestre conhecida (*foto 10*). Daí a atribuir-se-lhe uma origem extraterrestre não tardou um passo, tanto mais que teria sido descoberto nos despojos já antigos dum estranho veículo cujas características diferiam inteiramente das dos meios de transportes terrestres. O professor Pedro Neil Piedrahita estudou o esqueleto, e a capacidade craniana levou-o a atribuir à criatura uma actividade intelectual intensa.

A pequena estatura do ser misterioso permite estabelecer ligação com a aventura acontecida a Maurice Masse, agricultor em Valensole (Baixos Alpes), que, a 1 de Julho de 1965, viu aterrizar na sua quinta um veículo de forma estranha e descer dele uma criatura com aspecto de hominídeo. A estatura não ultrapassava o metro, vestia um fato-macaco de tecido brilhante e o seu rosto humano era prejudicado por um crânio enorme.

Mas devemos prevenir-nos contra conclusões apressadas, pois foi assinalada, algum tempo depois, a existência, no

Museu de Arte Sanitária de Roma, de um esqueleto extraordinariamente idêntico (*foto 10 bis*).

Trata-se, de facto, de uma criança sifilítica e macrocéfala. Há, portanto, duas soluções possíveis: ou o professor Piedrahita, de boa fé, mas, apesar de tudo, é estranho, tomou por um extraterrestre o esqueleto duma criança anormal como o do museu, ou a semelhança entre os dois esqueletos é inteiramente fortuita. A primeira hipótese é a mais provável, porque se formulam muitas questões. Em que local exactamente foi descoberto o estranho veículo e o presumido piloto? Quem são os autores da descoberta? Como não veio ao espírito do professor Piedrahita que podia tratar-se duma criança macrocéfala? Por fim, que é feito do veículo?

Enquanto não houver respostas para estas perguntas, impõe-se a maior prudência.

QUARTA PARTE

# FENÓMENOS DE FORT

## DESAPARECIMENTOS MISTERIOSOS

Como se explica que grupos de pessoas, navios, aviões, exércitos e até povos desaparecem sem deixar rasto?

O espírito do homem moderno exige explicações, definições, nem que sejam de carácter verbal. Perante o mistério, o homem é dominado pelo «medo do desconhecido». Se não encontra uma solução plausível, afasta com frequência o problema, negando-o ou levando-o à conta de superstição, de embuste ou de erro dos sentidos.

Milhares de fenómenos misteriosos são, no estádio actual dos nossos conhecimentos, inexplicáveis à luz das leis naturais enunciadas pela ciência. Deste modo, avançam-se muitas hipóteses, discutíveis e discutidas, que não passam de tentativas de explicação racional. Muitas deverão, sem dúvida, ser postas de lado, à medida que progride o nosso saber, outras servirão, talvez, de útil iniciação de investigações, e outras, finalmente, deverão ser imaginadas para tentar esclarecer novos mistérios ou em função de novas aquisições da ciência. Mas todas elas são frágil e tenaz testemunho da inteligência humana, no seu esforço incansável e apaixonado para decifrar o grande livro da natureza.

Eis alguns destes factos que desafiam a lógica e perante os quais a razão se assombra...

Calcula-se que várias toneladas de «objectos» se perdem por dia, no mundo, sem que saibamos o que é feito deles. O desaparecimento de corpos de pequenas dimensões expli-

ca-se com toda a facilidade, mas que deve pensar-se de aviões e de barcos que não deixam qualquer rasto? Há quem pretenda que existem «sítios ocultos» secretos em determinados locais, por exemplo entre Bermudas e a capital da Jamaica, Kingston.

A 24 de Janeiro de 1948, o comandante dum quadrimotor britânico em voo declarava na sua última mensagem que tudo corria bem a bordo e que aterraria dentro de alguns minutos. Até hoje não houve mais notícias do aparelho, nem da tripulação, nem dos passageiros. A 17 de Janeiro de 1949, facto semelhante produziu-se no mesmo local. Um quadrimotor americano, comandado por J. C. McPhee, sumiu-se sem deixar vestígios. A 5 de Fevereiro de 1945, um avião de treino havia desaparecido na mesma zona e quatro outros aparelhos, de diferentes tipos, tiveram a mesma sorte.

Os inquéritos efectuados não forneceram qualquer resultado, nem se encontrou indício ou vestígio algum que pudesse constituir um início de pista ou de explicação e, assim, os processos foram encerrados.

Em 1947, um avião com trinta e duas pessoas a bordo caiu no glaciar Tahoma, no Norte do Canadá. O aparelho foi encontrado, mas existia um mistério ainda maior: não havia a bordo qualquer sinal de vida, nem rastro ou marca no exterior nem nas imediações. Nunca se soube o que aconteceu aos passageiros do aparelho.

#### *NAVIOS E SOLDADOS QUE «SE EVAPORAM»*

Em 1872, o *Iron Mountain*, que deixara o porto de Vicksburgo, no Mississípi, em direcção a Luisville, desapareceu antes de ter atingido o seu destino. O barco transportava cinquenta e cinco pessoas — equipagem e passageiros — e uma importante carga de algodão. O tráfego marítimo nesta parte do rio é muito intenso e havia sempre muitos barcos

a navegarem a curta distância uns dos outros ou a cruzarem-se. O *Iron Mountain* desapareceu talvez um quarto de hora depois de largar de Vicksburgo. A hipótese de naufrágio foi cuidadosamente investigada e teve de ser posta de parte. Nesse caso, os fardos de algodão que constituíam a carga e que estavam estivados na ponte teriam sido encontrados a flutuar. Um incêndio teria chamado a atenção dos outros navios ou das populações ribeirinhas; e o mesmo aconteceria se o barco encalhasse. De todos os outros navios que cruzavam o local à mesma hora, é para admirar que só o *Chief Iroquois* se tenha referido à presença do *Iron Mountain* minutos antes da sua partida de Vicksburgo. Depois, ninguém mais viu o que quer que fosse do infeliz barco. O navio dinamarquês *Kjobenhavn*, depois de ter zarpado de Montevideu, em Dezembro de 1928, desapareceu também como que por encanto. Levava a bordo cinquenta e nove cadetes da Academia Naval dinamarquesa, e voltava duma recepção oferecida pelo embaixador do seu país no Uruguai.

É mais fácil admitir o desaparecimento dum navio, que, apesar de tudo, pode naufragar sem deixar rasto do que... a volatilização dum batalhão de seiscentos e cinquenta homens. Em 1858, três companhias de tropas coloniais francesas que se dirigiam para Saigão, na Indochina, desapareceram como que por magia. Apesar de todas as buscas, nunca se conseguiu esclarecer o mistério. Pôde, no entanto, concluir-se que não se verificou qualquer recontro nem nessa data nem nesse local, e que ninguém jamais viu qualquer soldado do batalhão.

A 10 de Dezembro de 1939, três mil e cem soldados chineses receberam ordem de marchar sobre Nanquim para defender a cidade, ameaçada pelo avanço japonês. Assim que as tropas alcançaram as posições defensivas estabelecidas antecipadamente, os soldados entrincheiraram-se, esperando

o ataque. Antes de, à noite, se retirarem para o quartel-general, distante alguns quilómetros, Li-Fu-Sien, o comandante-chefe, inspeccionou pessoalmente os seus homens. No dia seguinte de manhã cedo, foi acordado de repente pelo seu ajudante-de-campo. Este não conseguia estabelecer ligação telefónica com as tropas. Quando Li-Fu-Sien e o ajudante chegaram às trincheiras, encontraram-nas vazias, com exceção dum grupo de cerca de cem soldados que ocupava uma posição um pouco mais avançada.

Estes declararam nada ter observado nem ouvido durante a noite e que não houvera qualquer combate. As fogueiras do acampamento ainda estavam acesas e as peças de artilharia encontravam-se nos seus lugares. A notícia duma rendição em massa nunca foi espalhada pelas autoridades japonesas. É, no entanto, uma hipótese inaceitável, tanto esta como a de uma chacina. No entanto, mantém-se o desaparecimento de quase três mil soldados chineses como se se tivessem desvanecido no nada!

Que hipótese se pode admitir? Que estes homens deslizaram para um recôndito do espaço-tempo? Que passaram para um universo paralelo por uma porta, uma falha inopinadamente aberta no nosso *continuum*? Que foram levados por «raptadores cósmicos»? Porquê? Tudo isto nada explica, mas, para dados fantásticos, soluções fantásticas.

### O HOMEM VOLATILIZADO!

Milhares de pessoas desaparecem todos os anos em todas as grandes cidades do mundo. Os jornais vêm cheios de anúncios de procuras, com sinais, indicações particulares, fatos usados pelas pessoas que saíram para dar uma volta e nunca mais voltaram. Muitas fazem-no voluntariamente para começar vida nova, outras para fugir às responsabilidades. Mas o caso que vamos narrar é, pelo menos, desconcertante.

A 23 de Setembro de 1880 o agricultor David Lang, do Tennessee, nos Estados Unidos, saiu de casa e foi trabalhar para um campo pouco distante. A mulher, que o avistava da janela, gritou-lhe qualquer coisa. Os filhos, George e Sarah, respectivamente de oito e onze anos, brincavam na horta quando viram chegar um carro onde vinha um criado de lavoura e o juiz August Peck, amigo da família. A mãe e os filhos chamaram David Lang com grandes gritos, mas exactamente neste momento este desapareceu, volatilizou-se literalmente tal como se some no *écran* uma personagem quando o projector deixa de funcionar em consequência de falta de corrente. Todos, incluindo o juiz Peck, correram para o local preciso onde David desaparecera: nenhum rasto. Os jornais declararam depois que nesse local, num raio de dois metros, a erva amarelecera e não tornara a nascer. Meses mais tarde, os filhos do desaparecido pararam, por acaso, no mesmo sítio durante alguns minutos. Espantados, voltaram para casa a correr e contaram que tinham ouvido a voz do pai, que, desesperado, pedia auxílio.

Segundo a Bíblia, Jonas foi engolido por uma «baleia» e saiu vivo três dias depois. Ora, a mesma aventura aconteceu realmente a um marinheiro britânico de vinte e um anos, chamado James Bartley. Em 1891, a baleeira inglesa *Star of the East* navegava nas proximidades das ilhas Maluinas, ao largo da costa da Argentina, quando um cachalote foi avistado. Uma parte da equipagem muniu-se de arpões e saltou para a chalupa, que acabou por ser destruída pelo monstro ferido. Recolheram os marinheiros, mas Bartley havia desaparecido. O animal foi capturado horas mais tarde. No momento de fazer o animal em pedaços, abriram-lhe o estômago e encontraram Bartley inconsciente, mas vivo. Passara quinze horas no ventre do cachalote e viveu ainda durante dezoito anos depois da sua aventura, única nos anais do mar.

## VIAJANTE DO PASSADO?

Trata-se de um dos casos mais misteriosos de que a polícia de Nova Iorque teve de se ocupar.

Uma noite de Junho de 1950, um homem vestido de modo insólito foi visto em Times Square, em Nova Iorque. Na época, o capitão Hubert V. Rihm estava encarregado das investigações sobre pessoas desaparecidas. Está actualmente na reserva e não possui todos os dados sobre o caso, visto que já não tem acesso aos processos da polícia. No entanto, recorda-se dos pormenores essenciais.

O homem, que parecia ter uns trinta anos, foi visto no meio da multidão que saía dum teatro. Eram vinte e três e quinze. O desconhecido vestia inteiramente fora de moda: chapéu alto, casaco com uma fila de botões nas costas, calças apertadas, aos quadrados brancos e pretos, sem vinco nem dobra, sapatos altos de fivela. Ninguém o vira antes. As testemunhas declararam que estava imóvel no meio duma encruzilhada, «observando com ar amedrontado os faróis que se cruzavam, como se nunca tivesse visto nada assim». Por fim pareceu dar-se conta do tráfego e dispôs-se a atravessar. Um agente da polícia, de serviço à esquina da rua, viu-o, mas antes de o poder alcançar o homem dirigiu-se para o passeio sem se preocupar com os automóveis. Um táxi apanhou-o em cheio e já estava morto quando chegaram os socorros. Foi transportado para o necrotério, onde foram

cuidadosamente examinados todos os objectos que trazia consigo. Eis a lista:

- Uma moeda de bronze fora da circulação;
- A nota duma estrebaria de Lexington Avenue (!): «Pela alimentação dum cavalo e por guardar uma viatura de um lugar, três dólares»;
- Setenta dólares em notas antigas;
- Alguns cartões de visita com o nome de Rudolf Fentz, residente na Quinta Avenida;
- Uma carta dirigida ao portador e com o carimbo postal de Junho de 1876.

Não se conhecia em nenhum destes objectos nem a patina do tempo nem vestígios devidos a um longo uso. As primeiras investigações permitiram estabelecer que a direcção da Quinta Avenida correspondia a um armazém cujos proprietários declararam ignorar em que data ali se tinham instalado. Ninguém ouvira falar em Rudolf Fentz, cujo nome não figurava na lista telefónica. Um controle referente às impressões digitais, tanto em Nova Iorque como em Washington, não deu qualquer resultado.

O capitão Rhim continuou com as suas investigações e a sua constância foi recompensada, pois encontrou na lista telefónica de 1939 um Rudolf Fentz Jr., e também a sua direcção. Foi lá e soube que Fentz, na época, era um homem de uns sessenta anos, que trabalhava num banco da vizinhança. Em 1940, reformara-se e mudara de casa. No banco disseram-lhe que Fentz morrera cinco anos depois, em 1945, mas que a sua viúva ainda vivia na Florida.

Esta, em resposta a uma carta de Rhim, escreveu-lhe a dizer que o pai do seu marido havia desaparecido misteriosamente na Primavera de 1876. Com efeito, a senhora Fentz não gostava que o marido fumasse em casa, de modo que ele tinha o costume de dar um passeio à noite para fumar um charuto antes de se deitar. Uma noite não voltou. A família emprendeu longas e dispendiosas buscas, que não deram qualquer resultado: todos os rastos haviam desaparecido.

O capitão Rihm encontrou mais tarde uma lista das pessoas desaparecidas em 1876 e lá figurava o nome de Rudolf Fentz. No momento em que deixara de ser visto tinha vinte e nove anos. A idade e a descrição do fato que usava correspondiam exactamente aos da vítima de Times Square.

*Referência: Revue Fakta, n.º 1, 1973.*



Por muito inacreditável que possa parecer, a interpretação deste assunto excepcional mostra que nos encontramos em presença dum exemplo flagrante, irrecusável, de *chrono-transfert* instantâneo, ou viagem no tempo. Por que prodigioso concurso de circunstâncias um homem pôde, sem o saber, franquear a entrada do interdito, penetrar em qualquer falha do *continuum* espaço-temporal — cujo uso se julgava só reservado aos romancistas de ficção — para percorrer, num segundo, um espaço de tempo de setenta e quatro anos? E que perda irreparável a morte accidental e bem comprehensível deste involuntário «viajante do passado»! Mas talvez não seja o único...

## JESUS MORREU NO JAPÃO?

por Y. S. MATSUMURA

No Natal de 1972, foi descoberta uma velha tradição japonesa pouco conhecida no Ocidente, segundo a qual Jesus Cristo teria vivido algum tempo numa aldeia do distrito mais setentrional da principal ilha do Japão, Hondo.

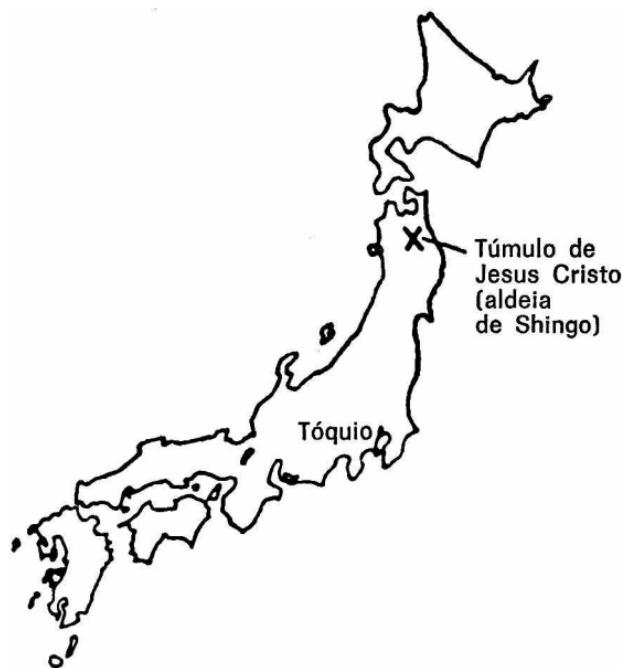
Em 1935, o senhor Hiromaro Takenchi, de Isohara, distrito de Ibaraki, encontrou um velho documento na sua própria casa. O redactor, Jandai-Monji, nele declarava que Jesus vivera em Herai (hoje Shingo), próximo de Hatsidaté, no distrito de Ayomori, até à avançada idade de cento e seis anos, e que não fora crucificado no Gólgota, em Jerusalém.

A seguir à descoberta, o senhor Takenchi foi visitar a aldeia e, com o auxílio do chefe da aldeia, descobriu dois antigos túmulos. Os túmulos foram chamados *Torai-Zuka*, segundo o nome indicado no documento. Um, julga-se ser o túmulo de Jesus (*foto 11*) e o outro do seu jovem irmão.

Além disso, afirmava-se que os seus escritos tinham sido encontrados e conservados durante gerações em casa de Shojiikimura. Os escritos actuais, copiados pelo pai deste, começavam assim: «Estes escritos são compostos de mensagens celestes...»

Um notável da aldeia fez notar que, segundo a lenda, Jesus nascera em Belém. Sabe-se que é extremamente difícil

reconstituir cronologicamente a vida de Jesus com base no texto dos Evangelhos, sobretudo durante os «anos ocultos», dos doze aos trinta anos. Isto explicaria o facto de ter vivido no Japão durante este período. Também se pretendeu que tivesse ido a Lassa, no Tibete!



*Situação do chamado túmulo de «Jesus Cristo» no Japão.*

Segundo documentos conservados na aldeia, Jesus chegou a um local chamado Hatsidaté, na costa japonesa, no tempo do imperador Suinin (29 a. C. — 70 d. C.). Foi discípulo dum sábio da província de Etsuchi (actual distrito de Toyama). Seguiu os seus ensinamentos e durante doze anos aprendeu «coisas sobre o céu» (sabe-se que nos antigos pla-

nisférios o «este estava no lugar do norte» e que o Japão fazia o papel de «céu»).

Terminada a sua educação, voltou para Jerusalém e espalhou entre o seu povo os seus conhecimentos sobre o Japão, o «país divino».

«Contrariamente ao que diz o Evangelho», afirma o chefe da aldeia, «não foi a ele que crucificaram no Gólgota, mas o seu irmão mais novo, Isukiri, que morreu em seu lugar.

Com alguns discípulos, deixou Jerusalém para voltar ao Japão, passando pelo Alasca, depois de ter errado pela Sibéria (!) durante algum tempo. Desembarcou no porto de Hatsidaté, Ayomori, e viveu na aldeia de Herai até morrer». Existe uma tradição segundo a qual a palavra *herai* derivaria de termo «hebreu», que em japonês se pronuncia *heburai*.

Em japonês, o nome de Jesus era *Torai Taro Daitengu*. Casou com uma japonesa chamada Yumiko e foi pai de três filhas.

Aquando da sua morte e conforme a sua vontade, os restos foram expostos durante quatro anos aos elementos naturais, sobre o monte Herai. Os seus ossos foram depois enterrados no *Torai-Zuka*. As orelhas e os cabelos de seu irmão Izukiri, que trouxera consigo, foram enterrados em *Todai-Zuka*.

O notável acrescenta que não está em condições de dizer até que ponto a lenda é verdadeira, mas que numerosos usos e hábitos do Japão são, desde há séculos, conservados nesta aldeia. E eis alguns exemplos:

1. O pai chama-se *dada* e a mãe *apa*; obrigada diz-se *honyahurai*. E o notável pergunta se são só estas palavras as que vêm do hebreu;

2. Para exorcizar as crianças traçam-lhes uma cruz, feita de tinta, na testa;

3. A família Sawaguchi, que pretende descender de Jesus, tem por brasão a estrela de David;

4. Esta é habitualmente cosida nas golas e nas mangas das crianças, que, muitas vezes, usam também estas estrelas de papel no forro dos fatos;

4. Os tecidos utilizados pelos aldeões, totalmente fora de moda, assemelhavam-se muito aos dos antigos Judeus.

Mais ainda, na opinião de um tal Kozo Sasaki, «teve-se grande cuidado em manter estas tradições». Diz-se também que outrora havia uma cidade importante chamada Shinanomachi, próximo da aldeia de Herai.

O senhor Sasaki pretende que «ouvira dizer que existiam muitos túmulos em volta do local onde se erguia esta antiga cidade, mas nada se sabe acerca dos corpos que ali haviam sido enterrados. Presentemente nada lá existe». E acrescenta: «Jesus, tanto quanto sei, trabalhou exclusivamente pelo bem-estar dos Japoneses e não lhes dispensou nenhum dos seus ensinamentos. Tinha cabelo branco e usava sempre uma capa. Pelo que me disseram, era muito respeitado na aldeia.»

As festas anuais em honra de Cristo realizam-se a 10 de Junho e atraem inúmeros visitantes, se bem que não exista nenhuma razão particular para que esta data seja celebrada, declara Gengi Kosaka, um outro notável da aldeia.

Seja como for, as jovens gerações têm uma atitude mais reservada no que diz respeito a esta lenda, se bem que, há uns anos, curiosos e turistas começem a afluir à aldeia.

Um jovem motorista de táxi disse-me: «Jesus Cristo morreu no Japão? Não seja estúpidol Ninguém entre os jovens está disposto a acreditar nessa lenda!»

## FENÓMENOS INEXPLICADOS

Por que razão determinados objectos parecem «dar infelicidade»? Como pode acontecer que, por vezes, o céu se torne escuro em pleno meio-dia quando não está previsto qualquer eclipse? De onde vêm os blocos de gelo que caem do céu? De onde vêm as quedas de matéria gelatinosa, as chuvas de «sangue» e muitas outras coisas? Há muitos outros fenómenos inexplicados...

Algumas pessoas, sem que se possa explicar a sua curiosa faculdade, são capazes de emitir descargas eléctricas muito fortes. Não se trata das pequenas quantidades que um corpo normalmente pode conter, mas, segundo testemunhos, de electricidade de alta voltagem. Em 1895, Jennie Moran, uma rapariga que pertencia a uma família de pequenos comerciantes do Missouri, apercebeu-se de que, ao menor contacto, produzia fortes descargas eléctricas. Os animais domésticos fugiam aterrorizados. Uma vez saída da adolescência, Jennie pôde enfim viver em paz: o fenómeno que tanto a entriseccera desapareceu tão misteriosamente como se havia manifestado.

Em 1887, Caroline Clare, de Bondon, no Ontário, depois de uma doença que a reteve na cama durante um longo período, apresentou a mesma faculdade de Jennie Moran. As descargas eléctricas que produzia eram suficientes para matar pequenos animais. Quando atingiu os dezoito anos também se viu livre deste desagradável privilégio.

Numa data mais recente, registou-se no Brasil um caso semelhante, o de Eleutéria Pereira, de Fortaleza, que, durante muito tempo, foi vedeta nos jornais do Rio e de São Paulo.

A lei das probabilidades diz-nos até que ponto se pode falar de coincidência e a partir de quando nos encontramos perante um facto ainda inexplicável pela razão ou pela ciência. Quando um fenómeno se repete duas ou três vezes pode pensar-se que se trata dum acaso, mas se se reproduz, com as mesmas características, maior número de vezes, parece lógico admitir que nos faltam os dados essenciais que permitiriam compreendê-lo.

### *OBJECTOS MALDITOS*

A maldição de que, na opinião de alguns, Lord Carnarvon e os seus colaboradores teriam sido vítimas depois de terem aberto o túmulo de Tutankamon é bastante discutível. Não insistiremos neste caso, que tem feito correr muita tinta e que todo o mundo conhece. Mas, se se podem emitir dúvidas sobre o poder maléfico da célebre múmia, a história do diamante Hope dá que pensar. Mais de vinte pessoas ligadas aos destinos desta magnífica gema morreram em circunstâncias trágicas. Não se trata de admitir a realidade duma maldição, mas sim de examinar certos factos e de formular hipóteses.

Em 1642, Jean-Baptiste Tavernier, uma espantosa figura de viajante e aventureiro, tornado nobre por Luís XIV, trouxe da Índia um belo diamante azul, que vendeu ao rei de França. Madame de Montespan levou-o a um baile da corte e caiu em desgraça no dia seguinte. Depois, todas as mulheres que se enfeitaram com ele ou as pessoas que o possuíram morreram de morte violenta. Foi o que aconteceu à princesa de Lamballe e à rainha Maria Antonieta, que foram guilhotinadas. Em 1830, o diamante pertencia a Daniel

Emerson, que, arruinado, morreu num hospício, enquanto Simon Montharide, o seu proprietário seguinte, foi assassinado com toda a família. Seguidamente, foi comprado pelo banqueiro londrino Hope, que lhe deu o nome, e mais tarde, em 1912, pela americana Evelyn Walsh McLean, cujo marido morreu no mesmo ano no naufrágio do *Titanic*. Seu filho mais velho faleceu pouco depois num desastre de automóvel e uma das filhas envenenou-se com barbitúricos. Uma outra filha, a proprietária do diamante depois da morte da mãe, teve um enfarte devido ao abuso de barbitúricos.

Este diamante azul, de quarenta e quarto carates e meio, seria responsável pela morte de vinte e quatro pessoas, afirmam os que acreditam na sua maldição, devida à divindade indu a quem foi roubado.

### *NOITE AO MEIO-DIA*

O 26 de Abril de 1884, em Preston (Inglaterra) começou como todos os outros dias, mas ao meio-dia foi preciso acender as luzes dentro de casa. A noite começou a cair como se a natureza tivesse, por distração, cometido um erro. As pessoas corriam nas ruas, os animais retiraram-se para os abrigos, as igrejas encheram-se de fiéis que esperavam o fim do mundo. Às duas horas da tarde, o dia voltou, o Sol recomeçou a brilhar e os homens regressaram às suas ocupações. É escusado dizer que não se tratava nem de eclipse, nem de nuvens escuras que aperecessem inopinadamente no céu. Os astrónomos não conseguiram dar qualquer explicação.

O mesmo facto repetiu-se em Aitkin, no Minnesota (Estados Unidos), a 2 de Abril de 1889. Já acontecera em Londres a 19 de Agosto de 1763 e foi referenciado pelos jornais da época. Em Oshkosh, no Wisconsin, um fenómeno que apresentava as mesmas características, e que durou alguns minutos, ocorreu a 19 de Março de 1886. Observou-se ainda em Mônfis, no Tennessee, a 2 de Dezembro de 1904,

e, a 24 de Setembro de 1950, numa larga faixa de território no Noroeste dos Estados Unidos. Neste último caso a escuridão não foi completa, mas o céu tornou-se cor de cinza. No Canadá, na Dinamarca, em França e na Irlanda, o mesmo fenómeno foi observado alguns dias mais tarde. Entre as hipóteses postas, fala-se numa nuvem de poeira cósmica ou dum cometa desprovido de luminosidade que se teria interposto entre a Terra e o Sol. Pura hipótese natural!

### *BLOCOS DE GELO CAÍDOS DO CÉU!*

Os objectos e as substâncias que caem do céu, fenómeno verificado em épocas e em locais muito diferentes, constituem um outro enigma ainda indecifrável.

A 10 de Novembro de 1950, no Devonshire, em Inglaterra, caiu uma chuva de gelo sob a forma de verdadeiros blocos, com um metro de diâmetro, e um rebanho de carneiros foi literalmente esmagado. A 24 do mesmo mês, o fenómeno repetiu-se em Wandsworth, perto de Londres, e foi seguido por estrondo impressionante. Em Abril de 1958, produziu-se o mesmo facto em Napa, na Califórnia, onde várias casas foram destruídas e algumas estradas obstruídas. O lavrador Leo Kezlonki ficou com a casa arruinada por este bombardeamento insólito, que durou alguns minutos. Em Reading, na Pensilvânia, um bloco de gelo que caiu do céu quase matou um lavrador. Em Chester, no mesmo estado, um outro bloco de gelo demoliu o telhado duma casa e um fragmento quebrou a perna duma mulher.

Mas não há só quedas de pedaços de gelo. A 3 de Março de 1876, no estado de Kentucky, e segundo o testemunho dum professor, caíram do céu bocados de carne sanguinolenta nas proximidades da sua escola. Tiveram de chamar operários para os retirar, pois quando apodreceram espalhavam um cheiro nauseabundo.

Houve uma época em que as chuvas de sangue eram

comuns. Caíram em Paris, em Granada, em Brístol, e os habitantes julgaram que se tratava dum castigo divino provocado pelo desequilíbrio moral da humanidade.

Chuvas de substâncias viscosas, vermelhas e doutra cor, deram-se em 1686, 1911 e 1944. Existe uma relação da Associação Britânica para o Avanço das Ciências que descreve o fenómeno acontecido em 1686 e que se refere à «substância gelatinosa caída do céu». O mesmo fenómeno foi registado em Siena, em Maio de 1652, em Heidelberg, em 1811, e em Coblença, a 8 de Outubro de 1884.

A 31 de Janeiro de 1832, na Noruega, caiu uma chuva muito densa de «papel de embrulho queimado».

A revista *Monthly Weather*, no número de Fevereiro de 1901, relata a queda duma considerável quantidade de poeira escura «de origem vegetal» em Paw-Paw, no Michigan.

A 30 de Julho de 1830, após uma violenta tempestade, caiu em Londres uma chuva de sapos, e o *Times* refere-se, em 4 de Julho de 1883, a uma chuva de rãs que houve a seguir a uma tempestade.

## O QUADRO QUE SANGRA

Em Maropati, um burgo da província de Reggio Calábria, em casa de um antigo presidente da Câmara, o advogado Gian Battista Cordiano, um quadro de tema religioso, como existem tantos, representando a Senhora do Rosário tendo a seu lado São Domingos e Santa Catarina, «chora sangue» desde 3 de Janeiro de 1971 (*foto 12*).

A análise química, efectuada com auxílio de benzidina e piramidina, revelou que o líquido que sai do vidro de protecção era sangue humano, resultado confirmado pelo exame ao microscópio e pela análise de soros precipitantes.

Tudo começou na noite de 28 de Dezembro de 1970. A senhora Katia Cordiano, esposa do presidente da Câmara, é uma mulher muito piedosa. A Virgem apareceu-lhe em

sonhos. A 3 de Janeiro, à noite, ouvindo barulho no quarto de dormir, foi lá e encontrou o quadro fora do seu lugar e a parede e uma almofada manchadas de sangue. Dois dias depois apareceram duas manchas na parede, que ela cobriu com papel. A 23 de Fevereiro, o presidente da Câmara, a mulher e um dos filhos ouviram bater à porta do quarto; precipitaram-se e encontraram de novo o quadro fora do seu lugar e as primeiras gotas de sangue no vidro, à altura do rosto da Virgem. Na Terça-Feira Gorda três cruzes apareceram sobre a folha de papel que cobria as manchas. No Domingo de Páscoa desenhou-se na parede a silhueta de uma cruz. Quantos mais dias passaram, mais testemunhas há que assistiram a fenómenos extraordinários. Começou-se a viver em atmosfera de milagre. Na terça-feira, 4, a 5, a 7 e a 13 de Maio de 1971, o quadro exudou sangue, que é tirado e analisado várias vezes.

Podem relacionar-se estas manifestações com aquilo a que a ciência chama «prodígios sanguíneos» e a Fé «milagres do sangue», de que há exemplos célebres como o do sangue de São Janeiro. Seja como for, o fenómeno continua e até agora não foi possível arranjar, para ele, uma explicação racional.

## BIBLIOGRAFIA

**Hubert Larcher, *le sang peut-il vaincre la mort?*** Gallimard.  
1957.

## UM ENCONTRO COM O PADRE PIO

Um italiano de Palermo, Luca Marchese di Villabate, teve uma visão extraordinária aquando do seu encontro com o padre Pio, em Julho de 1963:

«O padre Pio estava sentado atrás dum biombo num ângulo da sacristia da velha igreja [de Pietrelcina]. Mal cheguei à sua presença e os nossos olhares se cruzaram, senti-me de repente deslumbrado por uma luz branca e misteriosa, depois os traços do seu rosto modificaram-se como que por encanto e apareceu-me coroado de espinhos, como Cristo!»

Um instante mais tarde tudo se tornara normal, mas a testemunha deste fenómeno espantoso recuperou a fé que havia perdido!

Temos de ver nisto uma simples alucinação, uma visão mística favorecida pelo local, ambiente e personalidade do padre Pio, ou então trata-se duma verdadeira e inexplicável manifestação supranormal, uma teofania? É certo que a fé, no dizer dos crentes, imita por vezes as vias misteriosas do milagre, e a ciência mantém-se pouco mais ou menos muda sobre a fisiologia da santidade. Os teólogos e os cientistas têm, no estado actual dos nossos conhecimentos, interpretações radicalmente opostas do fenómeno, mas quem encontrará a verdadeira resposta? Consulte-se com vantagem o trabalho apaixonante de Herbert Thurston *Les phénomènes physiques du mysticisme*, Gallimard, 1961.

## **ESTRANHAS MUMIFICAÇÕES**

**Por que razão o corpo de certas pessoas não se decompõe depois da morte? Podem dar-se algumas respostas parciais, que envolvem casos particulares, mas nenhuma definitiva. Eis, por exemplo, um caso particular que despertou a atenção de alguns sábios.**

Há cerca de quatro séculos, um soldado chamado San Placio foi morto no México no decurso de um combate entre espanhóis e índios. Estes, acreditando que se tratava de um grande chefe, cobriram o cadáver com uma camada de cera e colocaram-no num templo. Em 1950, o corpo de San Placio foi descoberto num catafalco da igreja de Celaya, próximo do local onde se travara o recontro. O cadáver estava em perfeito estado de conservação e durante mais de um mês as feridas continuaram a sangrar. Médicos e sábios examinaram o corpo, mas o resultado das análises não foi publicado. Milhares de pessoas desfilaram perante os despojos, que ainda reposam em Celaya, quase intactos, se bem que tenham quatro séculos.

### ***A JOVEM MORTA E A SUA LÂMPADA MARAVILHOSA***

O Renascimento italiano, na sua curiosidade apaixonada pela Antiguidade, inventou uma nova disciplina, a

arqueologia. Esta «peregrinação às fontes» foi fértil em descobertas e uma das mais espantosas, que encantou os pesquisadores do maravilhoso, ocorreu, por acaso, na periferia de Roma em 1845.

Possui-se a descrição feita pelo humanista florentino Bartolomeo Fonte, numa carta em latim dirigida ao seu amigo Francesco Dassetti, de Florença, e cujo teor damos:

«Bartolomeo Fonte ao seu amigo Francesco Sassetti, salve:

Pediste-me que te falasse do corpo de mulher descoberto recentemente próximo da Via Ápia. Espero que a minha pena possa descrever a beleza e o encanto desse corpo (*foto 13*). Se não houvesse o testemunho de toda a cidade de Roma, o facto parecer-me-ia inacreditável.

Não longe da sexta pedra da Via Ápia, uns operários, em busca dum pedreira de mármore, acabavam de arrancar um grande bloco quando o solo abateu até uma abóbada de telha que se encontrava a doze pés de profundidade. Aí descobriram um sarcófago de mármore. Abrindo-o, deparou-se-lhes um corpo deitado de costas, coberto por uma substância gordurosa e perfumada, com a espessura de dois dedos. Depois de terem tirado o produto perfumado, e começando pela cabeça, apareceu-lhes um rosto de rapariga, tão claro que parecia ter sido enterrado nesse próprio dia. Longos cabelos negros aderiam ainda ao crânio; estavam separados e atados, como convém a uma rapariga, com rede de seda e ouro.

Tinha orelhas minúsculas, uma testa pequena, sobrancelhas negras, olhos de forma curiosa, cuja córnea ainda se apercebia sob as pálpebras; mesmo as narinas estavam intactas e tão leves que estremeciam ao simples contacto dum dedo. Os lábios eram vermelhos, entreabertos, os dentes pequenos e brancos, a língua escarlate até ao palatino. As faces, o queixo, a nuca e o pescoço pareciam palpitar. Os braços desciam intactos das espáduas, de tal modo que seria possível movê-los, se se tivesse querido fazê-lo. As unhas aderiam ainda aos dedos das belas mãos abertas: mesmo se se

houvesse tentado, não seria possível tirá-las. Ao contrário, o peito, o ventre e os seios estavam comprimidos dum lado e, quando se tirou o corpo, decompuseram-se. As costas, as ancas e as nádegas tinham conservado uma forma e uma elegância maravilhosas, tal como as coxas e as barrigas das pernas, que, quando em vida, deviam ser mais atraentes que o rosto. Numa palavra, devia tratar-se de uma rapariga de nobre condição, a mais bela que Roma conheceu no seu tempo de esplendor. Infelizmente, o majestoso monumento, construído há séculos sobre a cripta, foi destruído e nem sequer resta uma inscrição. O sarcófago não tem qualquer marca: não conhecemos o nome da rapariga, nem a sua origem, nem a sua idade.»

### *AS PERGUNTAS QUE SE FORMULAM*

Supondo mesmo que Fonte, no seu entusiasmo, tenha embelezado um pouco a sua descrição, não restam dúvidas de que esta estupenda descoberta suscitou muitas hipóteses. A maioria viu na jovem morta o corpo de Túlia, filha de Cícero, que casou, contra vontade do pai, com o pouco recomendável Cornélio Dolabella, e que morreu, ainda jovem, no ano de 47 a. C.

Mas há uma coisa que o nosso cronista esqueceu, talvez por estar perturbado pela beleza da rapariga.

No sarcófago, aos pés da jovem, estava pousada uma lâmpada que ainda ardia quando abriram o túmulo!

Três perguntas se formulam:

- Os Romanos conheciam a arte de embalsamar?
- Porque se pensou justamente em Túlia?
- Uma lâmpada pode manter-se acesa durante mil e quinhentos anos?

Os Romanos não embalsamavam os seus mortos, pelo menos segundo reza a história oficial, e não parece que hajam conhecido os segredos desta arte. No entanto, não devemos

esquecer que tiveram frequentes contactos com o Egípto, em especial durante o período em que Júlio César interveio nos negócios do Oriente e se deixou prender pelos encantos de Cleópatra, e que importaram da terra dos faraós numerosos conhecimentos, entre os quais os ritos mágicos e religiosos. Apuleio, nas suas *Metamorfoses*, fala do culto de Ísis, cujo templo, em Roma, se encontrava no Campo de Marte.

Não é, portanto, impossível que um pequeno grupo de iniciados no culto da deusa conhecesse a arte de embalsamar. Além disso, muitos dos que iam combater para o Egípto trouxeram costumes e tradições que conheceram grande êxito em Roma.

Públio Cornélio Dolabella, marido de Túlia, estivera na corte de Cleópatra, porque fazia parte do séquito de César. Seguidamente, como prefeito, fizera uma longa estada na Síria. Achava-se, portanto, bem colocado para descobrir em Roma um escravo egípcio capaz de embalsamar o corpo da sua jovem esposa, a fim de conservar para sempre a sua notável beleza.

Por consequência, foi um acto de amor que permitiu aos vinte mil romanos que acorreram à Via Ápia admirar, no século XIX, a fascinante Túlia.

E a lâmpada? A esta pergunta ninguém ainda pôde dar uma resposta satisfatória no plano científico.

Para falar verdade, hipóteses não faltam, mas em todas o inverosímil se alia ao absurdo. Pretendeu-se, por exemplo, que só a energia atómica poderia ter mantido uma lâmpada acesa durante quinze séculos, o que é o mesmo que dizer que os Egípcios conheciam a radioactividade.

Convém, no entanto, precisar, em apoio desta possibilidade desconcertante, que Zacarias Ghoneim, arqueólogo do Cairo, declara:

«Verificou-se que o pez utilizado na conservação dos cadáveres quando da mumificação provém das margens do Mar Morto e de certas regiões da Ásia Menor e que contém substâncias fortemente radioactivas. E, o que é mais ainda, as

faixas empregadas para envolver as múmias eram radioactivas, e as câmaras funerárias estavam provavelmente cheias de pó com as mesmas propriedades.»

Formula-se uma última pergunta: que aconteceu ao corpo da rapariga?

Mais uma vez a resposta é: nada sabemos.

O papa que então reinava em Roma, Inocêncio VIII, receou talvez, perante o rumor levantado por esta descoberta excepcional, que se fizessem suposições inquietantes para a Igreja, a qual tinha a seu cargo a exclusividade dos milagres. Assim, ordenou que o corpo fosse de novo enterrado em plena noite e em grande segredo num local deserto para além da Porta Pinciana.

De Túlia, portanto, só resta o desenho junto à carta escrita pelo letrado florentino. O mistério da jovem embalsamada e da lâmpada maravilhosa mantém-se e manter-se-á intacto para sempre.

### A IGREJA DOS MORTOS DE URBANIA

Esta pequena cidade da província de Marches, na Itália, apresenta — privilégio que compartilha com algumas outras cidades de diferentes países, especialmente a Igreja de Saint-Michel, de Bordéus — um notável caso de conservação natural de cadáveres.

O processo de mumificação espontâneo é devido à acção dum cogumelo, o *Hypha bombicina nigra*, que, proliferando sobre os cadáveres, lhes absorve os humores e seca tanto a pele como as vísceras, coração, pulmões, etc., deixando intactos o aspecto e a forma geral do corpo. A pele parece marfim amarelado ou chamuscado e nota-se na epiderme a presença de pêlos e de restos de cabelos.

A capela que abriga as múmias faz parte duma pequena igreja edificada no século XIV. Era sede da confraria cha-

mada Companhia da Boa Morte, fundada em 1547 por cento e vinte membros, que se haviam associado para assistir a doentes e feridos, e também para dar sepultura a todos os que não tinham possibilidade dum enterro decente: os pobres, os condenados, as pessoas mortas de doença contagiosa, etc.

Foram enterrados na própria igreja, e cerca do ano de 1600, no decorrer dos trabalhos de restauração efectuados no pavimento do edifício, decidiram tirar as ossadas dos cadáveres enterrados, mas verificaram que se tinham mumificado e isto foi a origem do macabro museu que ainda hoje existe.

Os corpos estão colocados de pé em nichos que formam um hemiciclo, rodeando uma capela em rotunda, vagamente iluminada por um lampadário feito de tíbias e crânios. Dum lado e doutro dos nichos estão empilhados crânios. Cada cadáver tem a sua história, que de boa vontade é contada pelo sacristão, perfeitamente à vontade no meio desta decoração impressionante. Além, é uma criança de aspecto mongólide, cujos globos oculares intactos parecem fixar o visitante com um olhar estranho que gela o sangue. No centro, o piedoso Piccini, patriarca da Companhia, apresenta um horrível aspecto — dum homem enterrado vivo, provavelmente quando duma crise de catalepsia: tensão do corpo, alterações da pele, rosto contraído pelo terror. Um outro homem, morto com uma facada de lado, manteve o braço a fazer pressão sobre a ferida, como se quisesse comprimí-la e expressando no rosto toda a dor da morte. Na época, não se «arranjavam» os despojos dos pobres, que eram atirados para a vala comum na atitude em que a morte os surpreendera.

A capela das múmias está separada da zona reservada aos fiéis por um altar cujos candelabros são feitos de tíbias e crânios, e que teria sido construído, durante a Revolução Francesa, por um soldado de Bonaparte.

\*

A pequena cidade de Venzone, na Venécia, apresenta um caso análogo de mumificação natural. Um bolor antibiótico, o *Hipha bombicina pers*, fixando-se sobre os corpos, nutre-se dos humores das partes moles, cérebro e vísceras, provocando assim a dissecação total dos órgãos e dando à pele um aspecto apergaminhado.

Foi no início do século passado que se retiraram dos túmulos da cripta uns quarenta corpos em excelente estado de conservação. Os médicos sentiram-se no dever de estudar o fenómeno. Um corpo foi enviado para a Universidade de Pádua, dois para o Museu de Viene e um para os Inválidos, em Paris, justamente para o mesmo local onde mais tarde se erigiu o túmulo de Napoleão. Dois outros foram autopsiados e os restantes dispersaram-se por vários locais. Hoje, vinte e dois corpos mumificados estão expostos de pé e pudicamente vestidos com uma tanga (!) na cripta circular, na rotunda do zimbório de Venzone.

#### *O ESTRANHO DESPOJO DO GENERAL CAVALLO*

É um caso muito curioso o da mumificação do general Cavallo, que repousa num sarcófago na cripta da Igreja dos Capuchinhos de Palermo (*foto 14*). Muito embora este companheiro de Garibaldi tenha morrido de cólera há já muitos anos, o seu corpo encontra-se num tal estado de conservação que parece haver falecido na véspera. Foi tirada uma fotografia, em 1947, por M. Neroli, de Florença, que, a convite do monge que o acompanhava, abriu o caixão e ergueu o lençol branco que envolvia o cadáver: «O corpo estava intacto, coberto de pêlos e aparentemente adormecido.»

A mesma testemunha nota a presença doutro sarcófago, de tampa de vidro, contendo o corpito gorducho e de pele ainda rosada duma pequenita morta aos dois anos, em 1920 (*foto 14*). Quis tirar uma fotografia, mas só o general Cavallo impressionou a película. Existe, no entanto, uma fotografia, mostrando um rosto de espantosa frescura, comunicado por uma testemunha de Ravenna.

Se bem que, tanto num caso como noutro, se trate dum fenómeno puramente natural, nenhuma explicação satisfatória dum tal estado de conservação foi ainda encontrada.

## O SEGREDO DE GIROLAMO SEGATO

«Fui ver o processo de embalsamento de cadáveres do professor Segato: ficam semelhantes às múmias egípcias... O cadáver passa duma consistência elástica à duma pedra de polir, sem alteração de cores... (foto 15). Digo que Sagato encontrou o método no Egipto, em qualquer pergaminho. Seja como for, é uma coisa espantosa, mas não para as regiões meridionais: este método opõe-se ao princípio *Memento homo quia pulvis es!* Se Segato for a Inglaterra ganhará o dinheiro que quiser...»

Mas Girolamo Segato, este extraordinário petrificador de cadáveres, não foi a Inglaterra e morreu muito pobre em Florença, onde habitava, no meio de mãos, de bocados de fígado, de cérebros humanos, de corações de bois, de lesmas e de moluscos petrificados, a que dera todos os seus cuidados. Como observara o sábio Gaetano Mazzoni numa carta datada de 1832 e citada acima, a sua descoberta não era «para as regiões meridionais»!

Durante os últimos dias da sua vida, Segato foi, com efeito, alvo dos ataques da ciência oficial, que não via com bons olhos este sábio autodidacta, cuja reputação crescia de dia para dia, ultrapassando mesmo as fronteiras do grão-ducado da Toscânia. Também tinha contra ele o clero militante, que, sem chegar ao ponto de dizer que os seus métodos cheiravam a fogueira, julgavam-nos pouco ortodoxos e imbuídos de paganismo.

O Papa Gregório VI, mais tolerante, concedeu a Segato autorização para continuar os seus trabalhos, visto que a sua «descoberta não era contrária aos dogmas da Igreja».

Mas era demasiado tarde. Dias depois, a 3 de Fevereiro de 1836, apenas com quarenta e quatro anos, Girolamo Segato morreu duma pneumonia, sem revelar o seu segredo a ninguém.

### *A EGIPTOLOGIA, UMA CIÊNCIA NOVA E APAIXONANTE*

O processo de Segato impedia toda a decomposição e garantia a integridade das células. Os corpos humanos e animais ou certas partes destes corpos, assim tratados, tornavam-se incorruptos, inalteráveis, conservando, no entanto, uma flexibilidade relativa.

É provável que Segato tenha começado por se interessar pelo processo de conservação de cadáveres no decorrer das suas longas explorações no Sara, onde visitou numerosos túmulos. O carácter exótico das suas pesquisas, aliado à sua maneira de ser sombria e fechada, contribuiu para criar à sua volta uma atmosfera de mistério.

Desde a expedição de Bonaparte ao Egipto, tudo o que dissesse respeito à civilização faraónica era na Europa objecto de curiosidade apaixonada, onde a lenda tinha parte tão grande como a história, e não só no meio dos sábios. Segate não escapou a esta fascinação do Egipto, pelo menos na sua juventude, se bem que os seus trabalhos e as suas descobertas tenham tido sempre um perfeito rigor científico. No entanto, um estranho destino quis, fazendo desaparecer com ele o segredo do seu método de petrificação, dar à sua obra e à sua pessoa um carácter enigmático, que, sem dúvida, tem servido mal a sua memória de há um século e meio a esta parte.

É verdade que muitos sábios experimentaram, antes e depois dele, diversas técnicas de embalsamamento e de petrifi-

cação. Nos anos que se seguiram à sua morte, houve em Itália uma verdadeira voga de todos estes processos e puseram-se a embalsamar rins, flores, árvores com os seus frutos e até um «negro etíope» vestido e sentado à oriental, apresentado aquando duma sessão na célebre Academia dei Lincei, em Roma.

Mas o que entre estes é resultado duma simples fórmula química mantém-se, com Segato, um mistério não desvendado.

### *UM PESQUISADOR INFATIGÁVEL*

Segato nasceu próximo de Bellune, na Venécia, a 13 de Junho de 1792. Estudou no liceu de Bellune e depois interrompeu os estudos para seguir a sua vocação — as ciências naturais. Assim, no decorreu de longas excursões por montes e vales, recolhia minerais, pequenos répteis, fosséis, etc., que estudava e classificava. Tudo quanto via se tornava objecto de reflexão e estudo. Era assim, de certo modo, o herdeiro da cultura e do pensamento do século XVIII, e estava pronto a racionalizar tudo o que se manifestasse como fenômeno natural.

O ano de 1818 foi decisivo: Segato tem vinte e seis anos e o sonho da evasão. O Egipto está na moda, é uma janela aberta sobre a aventura no clima conservador e conformista da Restauração. Embarca em Veneza e chega ao Cairo, onde começa a trabalhar por conta dum compatriota, De Rossetti, proprietário duma próspera empresa comercial. Mal tem um instante de liberdade continua as suas pesquisas naturalistas e arqueológicas, às quais se junta a sua paixão pelas explorações geográficas. Estabelece amizade com vários sábios italianos, como Belzoni, Frediani, Forni e Masi. O Egipto fascina-o. No fim do ano dirige-se a Suez e volta com diferentes projectos: pensa em fazer o mapa da província de El-Buhairah e abrir um canal. Durante dois anos, toma parte, com outros

sábios, na expedição militar de Ismail Pacha, aproveitando a ocasião para estudar, observar, fazer levantamentos cartográficos e explorar territórios praticamente desconhecidos. Uma série de investigações põe-no em contacto com um mundo desaparecido: trabalha na decifração de pergaminhos que descobre, estuda as múmias, procura os segredos do embalsamamento. Em suma, leva uma vida excitante, aventureira e frequentemente perigosa.

Em 1823, fatigado de percorrer o deserto, volta para Itália e instala-se em Livorno, como representante da firma Rossetti. Pensa em voltar ao Egípto quando lhe chega a notícia de que um incêndio destruía, no Cairo, a Casa Rossetti, onde ele deixara os seus mapas, levantamentos, as suas observações e o seu precioso diário de viagem, que continha todas as suas notas e trabalhos sobre as pirâmides, os túmulos e o embalsamamento. Fica desesperado, jura não tornar a pôr os pés no Egípto e vai estabelecer-se em Florença. O jovem sábio aventureiro tornou-se um homem sombrio e amarelo, que foge do mundo e que só tem alguns amigos dedicados. Vive muito modestamente da preparação de clichés para mapas geográficos.

### *UMA BATALHA PELA CIÊNCIA*

Num artigo publicado, em 1936, no *Nuove Giornale*, aquando do centenário da morte de Segato, A. Mussi escrevia: «Em Florença, Segato é amigo da família Rossi, de que fazia parte a jovem Isabella. Uma noite, tendo-a encontrado desolada pela morte súbita de dois peixinhos dourados, agarrou nos dois cadáveres, franziu as sobrancelhas sobre os seus olhos encovados e disse-lhe: "Não fiques triste, estes peixes estão mortos; se queres ficar com os corpos, eu conservo-los para sempre e trago-los ainda mais brilhantes do que agora." Dias depois trouxe-lhe, numa pequena caixa com tampa de vidro, os dois peixes petrificados, mas tendo toda a aparê-

cia de vida. Pediram-lhe explicações e ele respondeu que se tratava dum segredo que trouxera das suas longas estadas no Sara, que tivera a audácia de atravessar só e sem guia e onde, observando as múmias enterradas na areia ardente, adivinhara o segredo de semelhantes operações. Devido às suas múltiplas ocupações, quase que o havia esquecido, e só lhe viera ao espírito por ver Isabella tão triste...»

Foi um momento decisivo na sua existência: febrilmente, começou a multiplicar as suas experiências, a custo de mil dificuldades materiais, pois tinha muito pouco dinheiro, que ganhava compilando mapas geográficos. São raros os que se aproximam dele: quando fala, o seu olhar ausente parece seguir um sonho interior que revive inteiro nos seus trabalhos.

A sua casa está cheia de notáveis preparações anatómicas petrificadas: membros, músculos, conchas, animaizinhos, a que consegue dar um polimento e uma cor que parece pertencer a minerais preciosos. Um dia, deu de presente a Isabella umas pequenas pedrinhas vermelhas parecidas com jaspe: eram gotas do seu sangue.

Enquanto, a pouco e pouco, toma consciência da importância da sua descoberta, as autoridades médicas de Florença e os professores de Anatomia, tendo tido conhecimento do seu extraordinário processo de conservação, olham-no com suspeita e procuram perturbar as suas investigações, indo até ao ponto de impedir que arranjasse o material necessário para o seu trabalho. Eis o extracto duma carta do professor Betti, médico responsável pelo serviço de saúde de Livorno: «Girolamo Segato pede autorização para tirar do necrotério de Santa Catarina as partes do cadáver de que possa vir a ter necessidade para continuar com os seus trabalhos e aplicações, que consistem em dissecar, por conta do serviço de anatomia e dos museus de história natural, as diferentes partes do corpo humano. Deve-se, no interesse da ciência, dar a Segato, na medida do possível, os meios de prosseguir com os seus trabalhos.» E eis a resposta do secretariado de

Estado do grão-ducado da Toscânia com data de 6 de Julho de 1832: «Sua Alteza Imperial e Real, a quem foi apresentado o pedido de Girolamo Segato, considerando que os cadáveres, uma vez depositados no citado local, não podem ser mexidos, atendendo que a confiança das famílias a que pertencem seria abalada, pois desejam que sejam transportados intactos para o cemitério público, julga que o pedido não pode ser atendido...»

Perante esta má vontade geral, Segato, apoiado por raros amigos que se lhe mantinham fiéis, é obrigado a lutar constantemente.

No entanto, a sua reputação e as descrições maravilhadas das suas preparações anatómicas passam além-fronteiras. Entre 1832 e 1836 recebe insistentes convites vindos de França, da Rússia e da América, mas ele não quer partir. «A minha sedutora acarinha-me bem», tem o costume de dizer fazendo alusão a Florença.

No entanto, é profundamente afectado pelo ciúme mesquinho dos sábios e pelas acusações mais ou menos veladas de heterodoxia feitas pelo clero. Por várias vezes pede uma cadeira na Universidade, mas não consegue obtê-la. Gostaria de ter discípulos que continuassem a sua obra e aperfeiçoassem as suas descobertas. É esse o seu drama: «Eu, que petrifico os membros dos outros, estou condenado à putrefacção!», repete sem cessar aos seus amigos.

Nas vitrinas do seu gabinete de trabalho amontoa uma prodigiosa coleção anatómica que impressiona os visitantes. Entre outras maravilhas, pode-se ver, numa dessas vitrinas, sobre um fundo sombrio, duzentos e catorze fragmentos regulares de membros humanos.

Em Janeiro de 1836, Segato cai gravemente doente. Um seu amigo, o médico Cappelli, diagnostica uma pneumonia. Segato quer confiar-lhe os seus papéis, que continham o segredo da petrificação, mas Cappelli recusa, pois não sente coragem para enfrentar tantos inimigos quantos este segredo

valeu a Segato e também não quer que mais tarde digam que ele se aproveitou do estado do amigo.

Então, Segato dá-lhe um molho de papéis e pede-lhe que os queime imediatamente. Cappelli obedeceu em silêncio. Segato morreu a 3 de Fevereiro.

O seu segredo desapareceu com ele. Depois de muitasatribulações a sua preciosa coleção ficou alojada no Museu das Ciências de Florença. As inundações de 1966, que provocaram tantos estragos nas bibliotecas e museus da cidade, reduziram-na ao estado de fragmentos informes relegados para um esconso poeirento.

O único documento interessante ainda acessível é o trabalho publicado em 1936, a expensas da municipalidade de Bellune, por Gino Pieri, na ocasião do centenário da morte de Segato, e que contém fotografias extraordinárias.

## UMA FIGURA DE LENDA: RAIMONDO DE SANGRO, PRÍNCIPE DE SAN SEVERO

Raimondo de Sangro (1710-1771), príncipe de San Severo, duque de Torremaggiore e herdeiro de dezoito outros títulos nobiliárquicos, descendia dos Carolíngios. Esta figura singular, duma cultura enciclopédica, grande senhor apaixonado pelo ocultismo e escritor fecundo, nasceu em Torremaggiore em 1710, filho de Antonio de Sangro e de Cecilia Caetani dell Aquila di Aragona. A família da mãe deu à história da alquimia uma contribuição notável na pessoa de Manuele Caetani, que foi torturado e condenado à morte por ter recusado fabricar ouro a pedido dum príncipe ambicioso.

Na Bélgica, onde fora para tratar de negócios referentes a feudos da sua esposa Carlotta, conheceu os representantes da maçonaria e introduziu esta em Itália. Foi assim que veio a ser grão-mestre da Franco-Maçonaria do reino de Nápoles. Entrara também em relações com o místico sueco Swedenborg. Trata-se, com efeito, duma das figuras mais atraentes e mais enigmáticas do século XVIII, tão pródigo, no entanto, em caracteres fora do vulgar.

No coração da velha Nápoles, longe do porto soalheiro e barulhento, estende-se todo um dédalo de ruas sombrias e silenciosas, ladeadas por velhas casas de entradas de pedra.

Numa dessas ruelas encontra-se um Cristo de madeira do século IX, que, segundo a tradição, teria falado a São Tomás de Aquino. Ali se eleva também a capela nobiliárquica de Raimundo de Sangro, capela tão célebre como misteriosa, que pertence actualmente à nobre família dos Aquino de Caramanico.

As maravilhosas estátuas de mármore e os diferentes motivos que adornam o edifício partilham dum simbolismo esotérico muito elaborado relacionando-se com a Arte Real, a Alegre Ciência, o ciclo do rei Artur, os Tarots e a Magia Sacerdotal. De valor artístico e «iniciático» incalculável, são obra de artistas italianos e estrangeiros que trabalharam sob as muito precisas indicações do príncipe.

Há, em especial, a *Desilusão*, de Francesco Queirolo, representando uma figura a querer libertar-se duma rede que acaba de rasgar, auxiliado por uma criança alada que traz uma chama na testa e um ceptro na mão direita. Esta estátua, que é uma verdadeira proeza no simples plano técnico, é talhada num só bloco de mármore.

O *Pudor Velado*, de A. Corradini, é esculpida de tal maneira que, quando dela se aproxima uma fonte luminosa, o conjunto parece ser iluminado do interior, como se se tratasse de alabastro e não de mármore. A transparência do véu aracnideo que cobre o rosto e o corpo é dada no mármore de modo impressionante. Por fim, é preciso notar a presença do célebre *Cristo Morto*, de Sammartini. Este Cristo está deitado num sudário molhado e a precisão do modelado é tal que se distinguem as veias do corpo sob o lençol de mármore; está avaliado em três milhares de libras.

Mas a capela é conhecida sobretudo pelas extraordinárias invenções do príncipe Raimondo de Sangro.

Homem de génio estranho, arranjou depressa reputação de bruxo e nigromante. Sabemos hoje que era um químico sem igual.

Inventou um processo, hoje ignorado, para colorir o mármore e o vidro. Fabricou um papel especial, incombustível,

de lá dum lado e seda do outro. Imaginou também uma lâmpada inextinguível que se podia acender à distância.

Com o tempo, a recordação do príncipe transformou-se em mito, e conta-se ainda a lenda do gentil-homem que, chocalteando os seus cavalos negros como a noite, mergulhava no golfo com o seu coche e cortava longamente a superfície das águas, enquanto as rodas, como que movidas por uma turbina, giravam com velocidade. Na volta, nem a mínima gota de água revelava o seu passeio no mar, à luz da Lua.

Conta-se também que teria hipnotizado Sammartini para lhe fazer esculpir o seu *Cristo Morto*, e que depois de o ter sequestrado durante todo o tempo necessário para a realização do trabalho, cegou-o para que não pudesse fazer outras obras-primas.

Mas voltemos à capela e às suas maravilhas. Já há dois séculos que as pinturas do zimbório, efectuadas com cores chamadas «hélio-hídricas», são duma perfeita frescura, nítidas e brilhantes como um bilhete-postal, sem estarem estaladas, inalteráveis à humidade e à luz.

Os mármores que revestem as paredes têm inscrições que não são gravadas superficialmente, mas que foram obtidas diminuindo a espessura do mármore por meio de ácidos e deixando em relevo só as letras das inscrições, recobertas preventivamente com uma pasta especial à base de parafina.

Não se deve esquecer que tudo isto se realizou no século XVIII. Contudo, o mais espantoso é talvez a experiência macabra realizada pelo príncipe em dois escravos negros (*fotos 16 e 16 bis*).

Os corpos, ou antes, o que existe deles, pois o visitante encontra-se em presença dum emaranhado de veias e artérias, oferecem um espectáculo que não deixa de ser impressionante. Como concebeu o príncipe um tal horror e como é que o realizou? O mistério mantém-se intacto. Estas extraordinárias peças anatómicas estão expostas numa vitrina numa cripta sob a capela, à qual se chega por uma escadinha.

Originariamente, estes restos estavam expostos sem qualquer protecção e faltam numerosos fragmentos de veias dos membros, levados, a fim de serem analisados, por médicos e biólogos. Institutos do mundo inteiro mandaram peritos, e nenhum deles conseguiu explicar qual o processo utilizado para obter semelhante resultado. Também não justificam como ao fim de dois séculos esta rede de veias petrificadas, de cor púrpura, não se desfez em pó.

A morte de Raimondo de Sangro também se rodeia de mistério.

Conta-se que quis dar uma prova de ressurreição. Mandou que um criado o cortasse em pedaços e que o enterrassem assim, depois de ter anunciado que ressuscitaria ao fim de quarenta dias, pois os membros soldar-se-iam no intervalo. No entanto, o criado, levado pela curiosidade, abriu o túmulo antes do prazo prescrito, e o príncipe, cujos membros ainda não estavam bem soldados, teria soltado um grito horrível antes de expirar definitivamente.

Na realidade, morreu em consequência dum banal enfarte, mas o povo preferiu acreditar na lenda, e não se negará que tal personagem tão fora do comum não seja digna dela.

Hoje ainda, quando o trovão ribomba no céu de Nápoles, diz-se à boca pequena que é o tropel dos cavalos que arrasta o coche anfíbio do príncipe amaldiçoado.

E as experiências de mineralização dos tecidos humanos, que lembram as investigações de Girolamo Segato, continuam a ser um enigma indecifrado.

## MANIFESTAÇÕES SUPRANORMAIS ENTRE OS POVOS PRIMITIVOS

por DINO ORLANDI

Entre os «primitivos», as manifestações supranormais fazem parte integrante da vida quotidiana, o que faz pensar que faculdades excepcionais se desenvolvem no homem quando em contacto com a natureza. Parecem fantásticas ao homem da nossa civilização técnica e mantêm-se inexplicáveis para a ciência oficial, pelo menos no estado actual dos nossos conhecimentos.

### *A LICANTROPIA*

Seria talvez mais justo falar de fenómenos de metamorfose ou de proteísmo, em vez de nos referirmos a licantropia propriamente dita. De acordo com a definição da medicina moderna, a licantropia é um fenómeno psicopatológico com manifestações de tipo histérico, vulgarmente chamado mel-de-lua (epilepsia). Os indivíduos atingidos por esta doença comportam-se como os lobos — andam com as mãos no chão e dão uivos.

Todas as tradições populares falam em *lobisomens*, à volta de quem se tem desenvolvido toda uma literatura fantástica. E hoje ainda, em certas regiões rurais da Europa, muitos acre-

ditam na possibilidade de transformação de um homem num lobo.

Entre os povos primitivos, o fenómeno da licantropia reveste-se de formas diferentes. J. M. Clarke conta que o sólido scepticismo dum certo capitão Shott foi seriamente abalado pela experiência directa que teve, na Nigéria, da metamorfose de indígenas em animais selvagens<sup>1</sup>.

Uma noite atirou sobre uma gigantesca hiena que vagueava em volta do acampamento. De manhã, quando o capitão Shott foi à procura do animal não encontrou o seu corpo, mas apenas uma mandíbula, como se fosse possível a hiena ter fugido apesar desta mutilação. Mas da aldeia vizinha veio a notícia que o *nefada* (segundo chefe) morrera às primeiras horas da manhã em consequência de um tiro que lhe havia arrancado o maxilar!

O *nefada* tinha muito má reputação: passava por ser um dos mais temidos «homens-hienas» e por se transformar num animal particularmente ardiloso.

É um dos mais célebres exemplos trazido pelos exploradores e missionários, mas a crónica abunda em casos deste género, especialmente na África Negra.

Estes factos têm levado alguns espíritos curiosos a procurar a causa e origem do fenómeno, o que deu lugar, ao lado das explicações de tipo psicoanalítico da ciência oficial, a diversas teorias interessantes. Deste modo, a teoria teosófica das «almas colectivas», associadas às formas inferiores da vida animal, parece oferecer uma possibilidade de explicação do fenómeno em causa.

Se se entende por «alma» o elemento «astral» da personalidade, pode afirmar-se que é um mesmo elemento, primeiro, uno e indiviso que se fraciona e anima os diversos seres, os quais são as individualidades dum nível superior, isto é, os homens. Não esqueçamos que é necessário um longo

<sup>1</sup> John Moctyn Clarke, artigo no *Journal of the S. P. R.*, Julho 1919.

ciclo evolutivo antes que o elemento astral chegue a um grau de «maturação» suficiente para formar a alma humana. No decorrer desse ciclo, o dito elemento seria utilizado pelos seres de classe inferior, isto é, os animais propriamente ditos. Se assim é, concebe-se melhor o retorno transitório de certos indivíduos, possuindo dons particulares em certos estados primitivos, sob a aparência dum animal. Trata-se, evidentemente, duma teoria baseada sobre tais pressuposições, que só é aceitável como hipótese de trabalho. Além disso, o processo fisiológico que permite a modificação radical da estrutura óssea e dos diversos tipos de células é um puro desafio a quando julgamos saber de biologia, e mantém-se um mistério.

Mas se, como sempre nestes assuntos, é difícil encontrar uma explicação, o fenómeno existe tal como o atesta uma abundante documentação<sup>2</sup>.

### *BRUXOS-CURANDEIROS E MÉTODOS DE TRATAMENTO*

Certos médicos e etnólogos reconhecem que a medicina moderna teria muito que aprender com os bruxos em matéria de tratamento de doenças. Edward Lawrence convida-nos, na ocorrência, a sermos um pouco modestos, pois os chamados selvagens conseguem curas em casos em que nós não acertamos<sup>3</sup>. E continua:

«Não há contraveneno para a mordedura de serpente que iguale em eficácia o dos feiticeiros. Um colono que residiu muitos anos na África do Sul declara ter recorrido duas vezes

<sup>2</sup> J. M. Clarke, «Reflexões sobre a Relação de Richard Bagot Referente à "Hiena de Pirra"», na *Cornhill Magazine* de Outubro de 1918, citado na *Light*, 1918, p. 339.

<sup>3</sup> Prof. Edward Lawrence, do Royal Anthropological Institute de Londres, artigo do *Journal of the American S. P. R.*, 1925, p. 41.

aos feiticeiros-curandeiros depois de haver sido mordido por uma serpente venenosa. Nas duas vezes os tratamentos foram pouco agradáveis, mas a cura surgiu dois dias depois, na primeira vez, e três dias depois, na segunda...»

Uma terapêutica «occidental» seria muito mais longa e o resultado muito mais incerto. O padre Edwin W. Smith viveu uma aventura análoga<sup>4</sup>. Andava um dia a procurar qualquer coisa numa caixa, quando uma cobra, que lá fizera ninho, lhe mordeu junto dum olho. O criado indígena que assistira à cena correu à procura dum feiticeiro, que veio encontrar o padre Smith numa dolorosa agonia.

O feiticeiro trouxera umas folhas de *Kabwengké*, que fez pôr de infusão antes de as aplicar em compressas quentes sobre o olho atingido. Depois, soprou várias vezes sobre a ferida. O doente sentiu então a dor atenuar-se, enquanto o olho, que estava completamente seco e inflamado, começou a lacrimejar. Pouco a pouco toda a inflamação e a dor desapareceram e o padre pôde considerar-se curado.

Perante estas curas, que noutros tempos e lugares deviam ser consideradas milagres, é bom lembrarmo-nos de que as virtudes terapêuticas das plantas e de diversas substâncias ainda utilizadas na farmacopeia moderna são precisamente conhecidas graças aos feiticeiros. Foi assim que a coca, a salsa-parrilha, o quinino e o guaiaco vieram para a Europa trazidos pelos conquistadores do Novo Mundo; as indicações sobre a maneira de se servir deles tinham-lhes sido fornecidas por feiticeiros indígenas, que desde há séculos as utilizavam com êxito.

O antropólogo italiano Lidio Cipriani<sup>5</sup> cita um caso particularmente interessante: «Trata-se de um fenómeno chamado por Bartels *Lactatio serotina*, assinalado por muitos

<sup>4</sup> Aventura passada com o padre Edwin W. Smith, citada no *Journal of the American S. P. R.*, 1925, pp. 42-43.

<sup>5</sup> Lidio Cipriani, antropólogo e etnólogo, in *Africa, dal Capo al Cairo*, pp. 70-80.

viamjantes em diversos países do mundo: entre os Iroqueses da América, como entre os Arawaks, os Maoris, os Egbas, os aborígenes da Austrália e os Esquimós.»

Os testemunhos recolhidos concordam: há feiticeiros que conseguem provocar a lactação em raparigas impúberes e também em mulheres idosas, que, deste modo, podem alimentar um bebé em caso de desaparecimento prematuro da mãe. Um destes casos é relatado por Basedow<sup>6</sup>.

No distrito de Alligator River, na Austrália, a mãe de um recém-nascido morrera. A irmã da defunta, se bem que não tivesse idade para amamentar filhos, adoptou o órfão e deu-lhe peito. Para isso, aplicaram-lhe sobre o seio cataplasmas de folhas de *eugénier*<sup>7</sup> misturadas com cinza. Sobre esta cataplasma puseram-se, em curtos intervalos, pedras aquecidas ao lume, enquanto os seios eram continuamente massajados e os mamilos colocados entre os lábios da criança. Não tardou que se formasse um líquido e a criança pôde alimentar-se regularmente.

Na Zululândia, Cipriani teve ocasião de assistir a um aleitamento da mesma espécie. Desta vez tratava-se dumha velha de cerca de setenta anos. Os dois seios estavam «em actividade», mas em casos deste género não têm a riqueza de secreção dumha mulher jovem. Ninguém sabe como os indígenas da África do Sul, e em especial os Zulos, conseguem este fenómeno, mas os processos parecem muito diferentes dos usados pelos Australianos, se bem que seja sempre um feiticeiro que opera.

O conhecimento dos feiticeiros dumha terapia particular sobre certos órgãos humanos — efeitos que ainda não conseguiu a medicina oficial — é uma coisa espantosa, mas ainda é mais estranho ver que estas práticas e estes conhecimentos

<sup>6</sup> Basedow, *The Australian Aboriginal*. 1925.

<sup>7</sup> Arbusto das regiões quentes da Ásia, América e Oceania, da família das mirtáceas. Conhecem-se cerca de quinhentas espécies. Madeira dura e apreciada, com frutos muitas vezes comestíveis.

se encontram entre populações separadas por distâncias tais que não pode ter havido entre elas intercâmbios culturais. Ao lado de elementos supersticiosos perfeitamente absurdos — pelo menos quanto à nossa mentalidade —, encontram-se na medicina das populações primitivas traços do que parece ser expressão dum conhecimento milenário (a menos que se trate de vestígios dum saber perdido e de que ignoramos tudo) que se exerce com resultados idênticos nas latitudes mais diversas.

O fenómeno toma ainda mais relevo se se tiver em conta o facto de que, perante a difusão da civilização ocidental, muitas práticas e conhecimentos se perderam, extirpados pelo fanatismo religioso e político que tornaram impossível uma busca sistemática sobre certos talentos misteriosos do homem.

### *DA MEDICINA À MAGIA EM TERAPEUTICA*

Os casos examinados até agora podem perfeitamente explicar-se, pondo de lado o ritual, pelo conhecimento das propriedades terapêuticas de plantas e de substâncias diversas, mas registaram-se casos em que a cura parece dever-se unicamente àquilo a que devemos chamar magia.

Algumas curas «miraculosas» apresentam as mesmas características que certos fenómenos obtidos com o ioga. Na base há uma confiança absoluta do «prático» na capacidade de dominar os elementos e as coisas: suscita uma vibração, uma emanção psíquica, que vai influir no espírito e, por consequência, no corpo do doente, produzindo o efeito esperado. Não devemos esquecer que beneficiários destas curas são seres simples que, diferentemente dos homens das nossas sociedades sofisticadas, estão de acordo com o seu meio e aceitam o maravilhoso como uma coisa natural, se bem que certos fenómenos também se tenham encontrado entre os brancos.

De facto, o poder da sugestão exercido pelo feiticeiro sobre o doente não basta de modo algum para explicar a importância dos resultados obtidos. Extraímos da abundante documentação oferecida pelos relatórios de viagens de exploradores, de etnólogos e de missionários três casos particularmente impressionantes.

### CURA DUMA MORDEDURA DE SERPENTE

Vamos dar a palavra ao doutor G. L. Johnson:

“Ekupakameni é uma aldeia a dez milhas de Durban, no distrito de Phenix (Natal, África do Sul). Shembo, o chefe, é um indígena culto e refinado, particularmente cortês e sensível, que é para mim um amigo.

Um dia, estava eu em casa dele, chegou um indígena a correr e disse que uma rapariga fora mordida por uma víbora *aspic* e se encontrava agonizante. Shembo e eu dirigimo-nos logo para o local e vimos a rapariga a pouca distância da árvore sagrada à sombra da qual o chefe tinha o costume de rezar.

Ele parou e começou a rezar dizendo: “Oh grande Deus, concede-me o curar a minha irmã moribunda, porque se não lhe concedes a vida o povo perderá a fé.” Depois de se ter recolhido durante um instante, disse: “Deus mandou-me pôr o pé sobre o braço doente da minha jovem irmã”, e dizendo isto aproximou-se da adolescente, cujo braço mordido estava horrivelmente inchado e inflamado. Ao ver isto, Shembo voltou para junto da árvore sagrada e invocou de novo o seu Deus, depois veio junto da moribunda e pôs-lhe o pé sobre o braço doente. Com grande estupefação de todos, a rapariga estremeceu, ergueu-se e os espectadores viram desaparecer,

\* O doutor George Lindsay Johnson, que viveu muito tempo no Nepal, é autor de *The Great Problem*, donde se extrai a passagem citada.

como se se tratasse de um encanto, a inflamação do braço. Pouco depois a jovem voltou para a sua cabana como se nada tivesse acontecido. Duma sebe vizinha saiu a víbora que, com toda a probabilidade, era a que provocara o acidente. Parou na clareira, enrolou-se sobre si própria e morreu. Este último facto pareceu impressionar ainda mais os indígenas presentes, pois estavam habituados às curas, que eram, para eles, coisas normais.»

### CURA IMEDIATA DUMA FRACTURA

A cena, contada por Max Freedom Long<sup>9</sup>, passa-se nas ilhas Havai:

«Uma mulher velha, conhecida por ser uma poderosa *kahuna* (feiticeira), vivia numa cabana próximo da praia. Uma tarde, aproximou-se um carro cheio de gente com intenção de a visitar. Um dos recém-chegados, ao descer, deu um passo em falso, caiu e fracturou o tornozelo. A velha *kahuna* correu logo para junto do ferido e apalpou o membro atingido. A extremidade da tíbia furara a pele e o membro começara a inchar. A velha reduziu a fractura, recomendando ao doente que se não mexesse. Fechou os olhos durante um instante, depois abriu-os e pronunciou as “palavras de poderio”: “Vai que estás curado.” Perante a estupefacção de todas as testemunhas, o homem ergueu-se com uma perna perfeitamente normal e sem a menor cicatriz.»

### RESSURREIÇÃO DUMA PEQUENA ESQUIMO

O explorador inglês Joseph Grad<sup>10</sup> conta a aventura seguinte:

---

<sup>9</sup> Max Freedom Long, *Recovering the Ancient Magic*.

<sup>10</sup> Joseph Grad, *Trailing through Siberia*.

«Encontrava-me no acampamento de Verão duma tribo esquimó de Thutkuchi, em frente da ilha de Wrangel. Havia entre eles uma pequenita de seis ou sete anos que teve uma crise de papeira, doença frequente nos países árticos. A pequenita piorou e ao princípio da manhã morreu. Então, a mãe, desesperada, atrelou dois cães ao trenó e precipitou-se para casa dum feiticeiro (*angarkut*), que habitava a algumas milhas. Pouco depois voltou com este, célebre pelos milagres que fazia. Os pais e os amigos reuniram alguns objectos de valor, tais como cães e peles, na intenção de os oferecer ao feiticeiro se conseguisse dar vida à criança. Pelo meu lado, já a havia examinado e auscultado o coração. A sua morte não se prestava a qualquer dúvida.

O feiticeiro disse que todos deviam sair do iglu e deixá-lo só com a morta; depois, fechou os dois túneis de entrada e o respiradouro. Do exterior, ouvíamo-lo entoar um cántico monótono, depois gritar e gemer como um possesso durante uma hora. Seguiu-se um silêncio absoluto. De repente, vimos o feiticeiro sair do túnel de gatas, seguido pela criança resuscitada. Tomou-a nos braços e entregou-a aos pais, murmurando palavras misteriosas. Tornámos a entrar no abrigo com a pequenita, que parecia tonta e espantada; manteve-se assim durante todo o dia, mas na manhã seguinte retomara toda a vivacidade e estava como sempre fora.»

Eis três curas para as quais não existe qualquer explicação lógica ou racional. Concluiremos simplesmente com estas palavras de A. R. Wallace<sup>11</sup>:

«De todas as vezes que os homens de ciência negaram, a partir de considerações *a priori*, os factos positivamente estabelecidos, nunca tiveram razão...»

<sup>11</sup> Alfred Russel Wallace (1823-1913), naturalista inglês que explorou o arquipélago malaio. Estudou a evolução das formas animais e chegou, ao mesmo tempo, às mesmas conclusões que Darwin, de quem se tornou amigo íntimo.

Encontram-se muitas referências acerca destes problemas nos trabalhos de Myers, Pagenstecher, Bozzano, Jung, Levy-Bruhl, Chochod, Mauss, etc.

# ÍNDICE

Pág.

<i>Prefácio</i> .....	7
-----------------------	---

## PRIMEIRA PARTE

### AS CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS

As civilizações perdidas .....	13
O misterioso povo de Tartessos .....	19
Tartessos .....	19
Társis, a misteriosa .....	21
Os herdeiros da Atlântida? .....	22
Toscânia, berço da humanidade .....	25
Uma necrópole etrusca em Castel D'Asso .....	29
Um enigma .....	29
O símbolo do Tau .....	30
O reino da morte .....	30
Desvendado, enfim, o mistério dos Etruscos .....	33
Um apelo do ateu .....	33
Os sinalzinhos do poder .....	37
A ciência etrusca .....	41

## SEGUNDA PARTE

### OS EXTRATERRESTRES ENTRE NÓS

Os mistérios do espaço .....	45
Casos estranhos dos voos lunares .....	46
Apollo XI — uma cápsula: a «Pedra da Roseta» .....	49
Apollo XII — «objectos misteriosos» .....	50
Apollo XIII .....	51

# O LIVRO DO MISTÉRIO

	Pág.
<i>Apollo XIV</i> — uma Bíblia .....	51
<i>Apollo XV</i> — uma estatueta .....	52
<i>Apollo XVI</i> — o módulo lunar <i>Orion</i> gira em volta da Lua .....	53
<i>Apollo XVII</i> — uma mensagem de paz .....	53
Objectos misteriosos na Lua .....	54
Peripécias lunares .....	56
«Há objectos enormes» .....	57
<b>O estranho meteoro de 1676</b> .....	<b>61</b>
<b>Os raios neutralizantes</b> .....	<b>67</b>
O engenho misterioso .....	68
O raio e o choque .....	69
A partida súbita .....	70
O inquérito do Grupo Rigel 2001 .....	71
O metal misterioso .....	71
Um caso análogo .....	72
Um raio vermelho .....	75
Percrutando o céu .....	75
Terror! .....	76
<b>O Caso Templeton</b> .....	<b>79</b>
De proveniência desconhecida .....	79
O desaparecimento do técnico .....	82
<b>Sinais estranhos no céu</b> .....	<b>85</b>
As máscaras de chumbo .....	89
Um novo ressalto .....	93
Explicação oficial .....	94
A opinião de Gordon Creighton .....	95
<b>O patriarca Henoch e o seu Livro</b> .....	<b>99</b>
<b>Mensagens dos Extraterrestres</b> .....	<b>111</b>
Quem é Eugenio Siracusa? .....	111
O raio .....	111
A «voz» interior .....	112
Primeiro encontro com os Extraterrestres .....	114
A mensagem .....	115
<b>O Caso Ummo</b> .....	<b>117</b>
A prova decisiva .....	123
A mensagem de Ummo .....	125
<b>Encontro com os Extraterrestres</b> .....	<b>131</b>
<b>Noite «marciana» em Capri</b> .....	<b>135</b>
Depois de Capri, Ischia .....	136
<b>Rastos misteriosos no Etna</b> .....	<b>139</b>
<b>OVNIS submarinos</b> .....	<b>143</b>

O mistério da propulsão e da sustentação dos discos voadores está enfim resolvido? .....	147
Os factos .....	148
A radiação dos sincrotões .....	150
A teoria de Moretti .....	151

## TERCEIRA PARTE

## OS SERES ESTRANHOS

Monstros e OVNIS .....	157
O monstro de Loch Ness e o monstro da Tasmânia, «máquinas perfeitas» .....	161
A grande serpente .....	162
Uma máquina perfeita .....	164
O monstro da Tasmânia .....	165
Os antepassados .....	167
O monstro, disco voador .....	167
Os Yetis, pilotos dos discos voadores? .....	171
Características dos pilotos dos OVNIS .....	174
O mistério do homem voador .....	177
A «coisa que voava» .....	178
Um grito agudo .....	179
Dois olhos vermelhos hipnóticos .....	180
O que era? .....	182
Homens voadores em Itália? .....	185
Gnomos na Pré-História .....	189
... E uma giganta da Idade Média .....	191
Homenídeos de Casciana Terme .....	193
Um esqueleto de extraterrestre? .....	197

## QUARTA PARTE

## FENÔMENOS DE FORT

Desaparecimentos misteriosos .....	201
Navios e soldados que «se evaporaram» .....	202
O homem volatilizado! .....	204
Viajante do passado? .....	207
Jesus morreu no Japão? .....	211
Fenômenos inexplicados .....	215
Objectos malditos .....	216
Noite ao meio-dia .....	217

O LIVRO DO MISTÉRIO

	Pág.
Blocos de gelo caídos do céu	218
O quadro que sangra	219
Um encontro com o padre Pio	220
Estranhas mumificações	223
A jovem morta e a sua lâmpada maravilhosa	223
As perguntas que se formulam	225
A igreja dos mortos de Urbânia	227
O estranho despojo do general Cavallo	229
O segredo de Girolamo Segato	231
A egiptologia, uma ciência nova e apaixonante	232
Um pesquisador infatigável	233
Uma batalha pela ciência	234
Uma figura de lenda: Raimundo de Sangro, príncipe de San Severo	239
Manifestações supranormais entre os povos primitivos	243
A licantropia	243
Bruxos-curandeiros e métodos de tratamento	245
Da medicina à magia em terapêutica	248
Cura duma mordedura de serpente	249
Cura imediata duma fractura	250
Ressurreição duma pequena esquimó	250